

Universidad de Huelva
Departamento de Historia I
Máster Interuniversitario de Arqueología y Patrimonio. Ciencia y Profesión
Trabajo de Investigación Fin de Máster
2008/2009

“Arqueología Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”

Maria de Fátima Gomes da Costa Rodrigues Palma





Universidad
de Huelva

Universidad de Huelva
Departamento de Historia I
Máster Interuniversitario de Arqueología y Patrimonio. Ciencia y Profesión
Trabajo de Investigación Fin de Máster
2008/2009

*“Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de
Mértola (Portugal) – Contributos para a História
Local”*

Directores:

Juan M. Campos Carrasco
Nuria De La O Vidal Teruel

Maria de Fátima Gomes da Costa Rodrigues Palma

Dezembro de 2009



Mértola - Quadriilha

Composição: Sebastião Antunes

*“As pedras contam segredos do rio e guardam lembranças do mar
O sul traz a alma e a cor do estio que a calma demora a espalhar
A terra descobre tesouros que o vento nos vai contando devagar
Mértola ai que tens tanto p’ra contar*

*Irmã das areias que o tempo guardou na terra onde dorme o calor
Destino de moura que o sol corou e dizem que foi por amor
Se o pulo do lobo te leva pró sul desertos de cobre a ferver
Mértola ai que tens tanto p’ra dizer*

*Pelo canto da tarde nas tardes do canto o encanto do sol a abalar
Um deus ainda espreita p’la curva do rio que eu bem sei
Mértola ai, Mértola ai*

*A noite é uma história das arcas do tempo e nem dá p’lo mundo a rodar
O pio da coruja descansa no vento invernos por adivinhar
A vida tem gosto de mel e medronho caiada de paz e vagar
Mértola ai que tens tanto p’ra contar*

*Segredos do mundo guardados no trigo, eterna vontade a florir
Museu de mistérios, terreiro de abrigo, vontade de nunca partir
Serás alma gémea das terras do sul, o sul diz que sim a sorrir
Mértola ai que tens tanto p’ra sentir”*



Resumo:

A zona de Ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola encontra-se delimitada por construções urbanas e situa-se junto da muralha medieval de Mértola, próximo da chamada Porta de Beja. Em 2003 foi alvo de uma sondagem de diagnóstico, e em 2005 e 2006 desenvolveram-se escavações arqueológicas em área. Estas escavações serão o objecto de estudo deste trabalho que se centra neste espaço urbano, delimitado pelas fortificações da cidade e por várias habitações, sujeito a uma diversificada e intensa ocupação ao longo dos séculos. O principal objectivo é o estudo das transformações urbanas deste espaço ao longo do tempo, através da análise estratigráfica do sítio, com especial incidência para os vestígios arqueológicos em contexto urbano, no seu contexto histórico e cultural, assim como a abordagem da escavação do ponto de vista da Arqueologia Urbana. Contudo, é de salientar que a escavação ainda não terminou, e que o seu seguimento poderá trazer novos dados susceptíveis de novas análises. No entanto, com os registos que já possuímos das campanhas de escavação realizadas, podemos definir uma ocupação que abarca, pelo menos, desde o século V a.C. até o século XVI. Este estudo sobre a “*Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local*”, aporta a Mértola uma nova noção sobre a sua dimensão histórica em épocas até agora pouco conhecidas, através deste arqueosítio, utilizando os vestígios conservados das suas diferentes fases de ocupação, restituindo a sua evolução cronológica, seus espaços edificados, suas actividades, bem como as suas vivências.

Resumen:

La zona de Ampliación de la Biblioteca Municipal de Mértola es delimitada por construcciones urbanas y se sitúa junto a la muralla medieval de Mértola, cerca de la llamada Puerta de Beja. En 2003 fue objeto de un sondeo de diagnóstico, y en 2005 y 2006 se desarrollaron excavaciones arqueológicas en área. Estas excavaciones serán el objeto de estudio de este trabajo que se centra en este espacio urbano, delimitado por las fortificaciones de la ciudad y por varias viviendas, sujeto a una diversificada e intensa ocupación a lo largo de los siglos. El principal objetivo es el estudio de las transformaciones urbanas de este espacio a lo largo del tiempo, a través del análisis estratigráfico del yacimiento, poniendo de relieve los vestigios arqueológicos en contexto urbano, en su contexto histórico y cultural, así como abordar la excavación desde el punto de vista de la Arqueología Urbana. Debemos alertar que la excavación todavía no ha acabado, y que su continuación podrá traer nuevos datos susceptibles de análisis más profundos. No obstante, con el registro que ya poseemos de las campañas de excavación, podemos definir una ocupación que abarca, por lo menos, desde el siglo V a.C. hasta el siglo XVI. Este estudio sobre la “*Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local*”, trata de aportar a Mértola una nueva noción sobre su dimensión histórica en épocas poco conocidas, a través de este arqueosítio, utilizando los vestigios conservados de sus diferentes fases de ocupación; restituyendo su evolución cronológica, sus espacios edificados, sus actividades y sus vivencias.

<u>Índice</u>	<u>pág.</u>
1. Apresentação	5
1.1 Introdução.....	5
1.2 Contexto	7
1.3 Agradecimentos	10
2. Objectivos, Limitações e Metodologias de Trabalho	12
2.1 Objectivos	12
2.2 Limitações	14
2.3 Metodologia de trabalho	15
3. Mértola – Contexto Geográfico e Território	16
3.1 O Espaço Geográfico	16
3.2 Mértola – Localização e Território	17
3.3 Geomorfologia, Clima e Recursos naturais	18
3.4 Vias de Comunicação – Terrestres e Fluviais	20
4. As Investigações Histórico - Arqueológicas em Mértola	24
4.1 Contexto Histórico – Conjunto Histórico de Mértola	24
5. O Sítio - Biblioteca Municipal de Mértola – Escavação na área de Ampliação	31
5.1 Localização.....	31
5.2 O Antigo Edifício e Área envolvente	32
5.3 Escavação	34
5.3.1 Metodologia	36
5.3.2 2003	37
5.3.3 2005.....	42
5.3.4 Implantação das estruturas	55
5.3.5 Problemas Encontrados	59
5.3.6 Cultura Material	61
6. Arqueologia Urbana	70
6.1 O Caso de Mértola	70
6.2 O Caso Especifico da Biblioteca Municipal de Mértola	72
6.3 Problemas e Dificuldades	77
7. Conclusões e Considerações	79
8. Bibliografia	83
9. Anexos	91

1. Apresentação

1.1. Introdução

Este trabalho aqui apresentado é resultante dos meus primeiros anos de investigação arqueológica, no seu sentido mais lato, no Campo Arqueológico de Mértola (CAM) e da frequência do *Máster en Arqueología y Patrimonio. Ciencia y Profesión*, frequentado na Universidade de Huelva (Espanha) durante o ano 2008/2009. Trata-se de uma abordagem à escavação realizada na área de ampliação do edifício da Biblioteca Municipal de Mértola do ponto de vista da arqueologia urbana onde se insere e dos novos dados que aporta para a história da Vila de Mértola. A principal intenção é a de estabelecer o estado da questão neste caso específico de Mértola e também contribuir com novos dados para o conhecimento histórico deste sítio, bem como a interligação entre estes novos dados e os já existentes.

Desde o ano de 2005 que venho desenvolvendo trabalhos de escavação na área de ampliação deste edifício Municipal, em conjunto com a equipa do CAM, tendo o privilégio de escavar uma zona até agora quase não intervencionada em termos arqueológicos. A qual se encontra num ponto-chave para a compreensão de algumas dúvidas pontuais em termos históricos e que desvendou uma quantidade imensa de contextos arqueológicos que abarcam um longo período histórico/temporal.

Será abordado este arqueosítio, na sua generalidade, e sobretudo, os testemunhos arqueológicos de diversos períodos históricos, os quais abrangem vestígios materiais e estruturais desde o século VI a.C até ao século XVI. A intenção não é a de apresentar aqui um estudo exaustivo de toda esta complexidade a nível de contexto históricos, mas de aportar novos e importantes dados para a história de Mértola e do seu território em épocas até agora pouco conhecidas. As escavações realizadas nesta área são caracterizadas por uma potência e sequência estratigráfica muito longa e complexa, que abrange desde a Idade do Ferro até ao início do período moderno. Devido ao extenso período histórico que esta escavação abrange, apenas me debruçarei sobre uma análise estratigráfica dos contextos arqueológicos e de alguns materiais encontrados nos mesmos, sobretudo no que se refere à campanha de escavações do ano de 2005. Esta primeira campanha de escavações pôs a descoberto quase toda a totalidade das estruturas arqueológicas de grande importância, e são estas que aqui irei fazer referência, embora pontualmente também mencione alguns dados da

intervenção de 2006 que estão intrinsecamente interligados, e sem os quais este trabalho ficaria um pouco defraudado.

O trabalho permite traçar comparações para estes contextos na bacia do mediterrâneo, já identificados para outras épocas históricas. Este, bem como outros estudos individuais, partilham o objectivo de colaborarem na investigação e na divulgação dos resultados das intervenções arqueológicas que decorrem em Mértola. O presente estudo será o primeiro passo para o desconstruir de um fragmento da história deste micro-espço de análise e sobretudo para completar a história do macro-espço, que é a Vila de Mértola.

1.2. Contexto

O passado de Mértola e os seus vestígios têm, desde há muito, chamado a atenção de viajantes, arqueólogos e historiadores. Em Portugal, as primeiras referências feitas a Mértola são feitas no século XVI, na obra *Antiguidades da Lusitânia*, de André de Resende e, posteriormente, no século XVIII, as *Antiguidades de Mértola* merecem a atenção de D. Frei Manuel do Cenáculo. As primeiras sondagens são efectuadas pelo arqueólogo Estácio da Veiga em 1877 e 1878 que a Mértola se deslocou para avaliar os vestígios arqueológicos deixados a descoberto pelas gigantescas cheias do ano de 1876. Este referencia uma série de vestígios arqueológicos tanto na Vila como na sua envolvente, realizando sondagens junto ao Castelo e em frente da Ermida de Santo António (actual Cine – Teatro Marques Duque), e na zona do Rossio do Carmo, identificou vestígios de uma basílica paleocristã. Todos estes trabalhos e outros vêm relatados no livro de sua autoria *Memórias das Antiguidades de Mértola*, de 1880. Para além de inventariar e identificar uma série de vestígios móveis e imóveis, efectuou a recolha de alguns objectos significativos que leva para os museus de Lisboa, como é o caso do Museu Nacional de Arqueologia. Esta foi a primeira síntese científica sobre a arqueologia desta antiga cidade e, trouxe importantes informações organizadas cronologicamente. No entanto, Mértola nos séculos XIX e XX, sobretudo neste último, tem sido alvo de importantes investigações arqueológicas. Mais tarde, seguiram-se as visitas dos arqueólogos José Leite de Vasconcellos e nos inícios do século XX, de Abel Viana, Delgado Alves e Luís Fernando de um grupo ligado ao Arquivo de Beja.

Os anos de atraso e decadência desta Vila, durante os anos sessenta e setenta do século XX, foram decisivos para a preservação do seu património arqueológico e histórico, ao contrário do que aconteceu noutras vilas e cidades portuguesas, em que o progresso e

desenvolvimento fizeram com que estes vestígios fossem arrasados ou simplesmente engolidos pelo crescimento urbanístico desenfreado. Em Mértola, a decadência e paragem no tempo, durante muitos e muitos anos, preservou os vestígios e deixou zonas completamente abandonadas como é o caso da Alcáçova de Mértola, onde os vestígios se preservaram e aguardavam que as mãos dos arqueólogos os trouxessem de novo à luz. Existem na Vila de Mértola vestígios de ocupação humana desde a Idade do Ferro, passando pelo período romano, paleocristão, visigótico, islâmico e moderno/contemporâneo que lhe conferem potencialidades excepcionais.

Mais tarde na década de setenta e oitenta, nomes relevantes com Calos Fabião Alves, Jorge de Alarcão e José d'Encarnação debruçaram-se sobre a história da cidade. Apesar da passagem de outros arqueólogos e historiadores por Mértola, a arqueologia só viria a ser retomada em 1978 com os trabalhos dirigidos pelo Professor e arqueólogo Cláudio Torres, que desde então lidera uma equipa, Campo Arqueológico de Mértola (CAM), onde se tem vindo a desenvolver uma consistente investigação histórica, sobretudo centrada nas investigações do período islâmico. No entanto, ao longo destes trinta anos de trabalho, o CAM tem recolhido e posto a descoberto os mais diversos vestígios arqueológicos de diversos períodos (numerosos achados fortuitos e trabalhos arqueológicos revelaram vestígios de ocupação que remontam ao Calcolítico (PÉREZ e REGO, 1994) e que se prolongam ininterruptamente até aos nossos dias, os quais têm vindo a possibilitar em grande escala uma interpretação abrangente para a grande maioria dos períodos históricos, permitindo um conhecimento da história local, para além de este mesmo património ser em grande parte preservado e valorizado, convertido, quase sempre, em museu de sítio e criando também espaços museológicos temáticos.

De facto, não podemos dissociar a arqueologia do Museu de Mértola e do Campo Arqueológico de Mértola, já que esta, bem como todas as actividades a ela inerentes estão na base da constituição do Museu. O acervo do Museu de Mértola é constituído, na sua maioria, por materiais arqueológicos recolhidos de intervenções realizadas no Concelho e especialmente na vila. Estas intervenções têm origem em escavações em área, a longo prazo, como as realizadas no castelo, na sua encosta e na alcáçova e, nos últimos anos, em regime de acompanhamento de obras, particulares e públicas, realizadas no Centro Histórico e no arrabalde, directamente relacionadas com o crescimento urbanístico e a criação de novas

infra-estruturas. Assim, Mértola é um dos casos pioneiros em Portugal em termos de arqueologia urbana, pois desde os finais dos anos setenta do século XX, tem vindo a ser realizado pelo Campo Arqueológico de Mértola, um extenso trabalho de intervenções arqueológicas, acompanhamentos arqueológicos de obras, investigação arqueológica e histórica, acompanhada da musealização e valorização de vários pontos dispersos pela vila. Assim, “os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Mértola nas últimas décadas foram determinantes para o conhecimento da história local, constituindo-se como a principal fonte de informação disponível” (LOPES, 2004:13).

Mais uma vez o CAM foi chamado a intervir na área urbana da denominada Vila Velha de Mértola, procedendo a esta escavação. Neste espaço intramuros, dentro do recinto amuralhado da Idade Média, nunca se tinham encontrado, até à data da intervenção arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal, níveis estratigráficos fiáveis de época Romana – Republicana e da Idade do Ferro, o que realça a importância da descoberta destas estruturas numa das principais zonas de entrada no núcleo urbano da cidade. O que atesta a importância da continuidade dos trabalhos numa Vila repleta de história e com muito ainda por desvendar.

1.3. Agradecimentos

Integrei-me no Campo Arqueológico de Mértola (CAM) em 2004, inicialmente em estágio curricular de fim de Licenciatura em História Variante Arqueologia, na Universidade de Évora e no ano seguinte já como licenciada. Iniciei então a escavação na área de ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola, projecto este que foi o meu primeiro projecto de escavação arqueológica onde fiquei com responsabilidades na co-orientação dos trabalhos de campo. Desde esta data que colaboro em diversos projectos de investigação e valorização do património arqueológico e cultural de Mértola. Assim, todo o meu percurso enquanto arqueóloga profissional tem passado pelo CAM, e é a esta instituição e seus directores que em primeiro lugar agradeço todo o apoio pessoal, institucional, acreditação, possibilidades de estudo e de desenvolvimento a nível científico e também pessoal, em todo este mundo da arqueologia e do património.

Todo o trabalho desenvolvido não teria sido possível sem o trabalho de equipa que se realiza no CAM, quer a nível de escavações, de tratamento de materiais, restauro, desenho, antropologia, secretaria e biblioteca. Por outro lado, o não menos importante, constante apoio e incentivo pessoal dos colegas de trabalho, amigos, familiares e professores.

Assim, agradeço ao CAM pelo apoio pessoal e institucional. À Doutora Susana Gómez pela oportunidade, confiança, acreditação, constante apoio, incentivo, entusiasmo e amizade. Ao Doutor Cláudio Torres pela confiança, incentivo e pelas suas conversas sempre sábias e esclarecedoras.

Aos colegas com quem trabalhei nas mais diversas escavações, mas sobretudo nesta intervenção da Biblioteca Municipal. Aos colegas do Gabinete de Cerâmica e Restauro, Guilhermina Bento, Nélia Silva, José Filipe com quem aprendi muito, partilhei muitas dúvidas e para além disso tive momentos de grande camaradagem. Às colegas do Gabinete de Metais, Rute Fortuna e Dr.^a Lígia Rafael, pela constante disponibilidade e entusiasmo com que trabalham. Em especial à última com quem nos últimos tempos tenho partilhado muitas das dúvidas que imperam num trabalho de investigação como este. À colega Nélia Romba do Gabinete de Desenho pela dedicação, disponibilidade e paciência quer em escavação como em gabinete e pelos desenhos, que em grande parte tratou e realizou para este trabalho. À Dr.^a Clara Rodrigues que no Gabinete de Antropologia desenvolve um



trabalho de dedicação a esta área. Ao Dr. Filipe Gomes que na Secretaria desdobra um trabalho eficiente e de entre ajuda. À Mestre Filipa Medeiros por todo o excelente trabalho que tem desenvolvido na Biblioteca do CAM, tornando possível a consulta da mesma e também a sua constante disponibilidade, apoio, amizade, incentivo e na preciosa revisão da Bibliografia. Também à Dr.^a Armanda Salgado pelo trabalho na Biblioteca do CAM, pelo apoio e disponibilidade na revisão dos textos. Ao Mestre Virgílio Lopes pelas suas dicas sempre precisas.

Aos professores da Universidade de Huelva, muito importantes nesta fase do meu percurso, agradeço os ensinamentos, o constante apoio, disponibilidade, orientação e direcção de tese: Professor Juan Campos, Professora Nuria Vidal, Professor Juan Aurelio, Professor Francisco Gómez.

Agradeço a todos os colegas de Mestrado, em particular aos da Universidade de Huelva e Córdoba, pela pluralidade, camaradagem e pela importância que tiveram nesta nova aprendizagem diversificada que tive ao longo deste tempo.

Às pessoas ligadas à arqueologia e que ao longo deste anos me têm ajudado, nas mais diversas formas.

Às pessoas que me facultaram bibliografia e indicadores cronológicos: Dr. Pedro Barros, Professora Françoise Mayet, Doutoranda Macarena Bustamante, Doutoranda Jessica O'Kelly.

Agradeço o apoio e amizade dos meus amigos de longa data e dos mais recentes, Mara Silva, Leonor Ramos, Rute Palma, Marco Fernandes, António Santana, Eunice Pimpão, Ana Rita Santos, Tânia Daniel, Hélia Palma, Andreia Isidoro, Consuela Manna, Sílvia Alves e Gil Mourão.

Agradeço, muito especialmente, aos meus pais que sempre me apoiaram nestas andanças das arqueologias e que para além disso sempre acreditaram em mim. À minha irmã, aos meus irmãos, sobrinhos, cunhadas e às minhas tias. Ao meu avô Costa que sempre me incutiu o gosto pela História.

2. Objectivos, Limitações e Metodologias de Trabalho

2.1. Objectivos

“O segredo de progredir é começar. O segredo de começar é dividir as tarefas árduas e complicadas em tarefas pequenas e fáceis de executar, e depois começar pela primeira.” Mark Twain

O objectivo deste trabalho, de investigação de fim de Mestrado, é de proporcionar um melhor conhecimento e uma interpretação diacrónica de uma área escavada no espaço intramuros da denominada Vila Velha de Mértola. Através de uma análise empírica e contextualizada de todas as unidades escavadas.

Este estudo trará, eventualmente, um maior conhecimento da zona escavada, embora com algumas limitações, uma vez que aqui só serão analisadas as duas primeiras campanhas arqueológicas, 2003 e 2005, não sendo contemplada a campanha de 2006, também como o facto da escavação ainda não estar concluída. Por outro lado, por motivos alheios ao CAM não se irá proceder à totalidade das intervenções arqueológicas. Assim é de realçar que a escavação ainda não terminou, e a mesma poderá trazer novos dados passíveis de análises mais profundas. No entanto, com os registos que já possuímos de duas campanhas de escavação, podemos definir uma ocupação desde pelo menos o século VI a.C. até ao século XVI. Portanto, entendo que este estudo poderá contribuir para um melhor conhecimento deste espaço intra-muros, quer a nível histórico - arqueológico como a nível da Arqueologia Urbana, para além da Mértola Pré-Romana e dos muitos contactos comerciais que manteve com o Mediterrâneo Central e Oriental, sobretudo na 2ª metade do I milénio a.C., os quais se prolongaram ao longo dos tempos.

Por tudo isto, este trabalho será sobretudo uma etapa fundamental para a compreensão deste arqueo-sítio. Esta será uma parte do conhecimento de um sítio bastante importante, mas que aporta novos conhecimentos para a compreensão de uma parcela da história da Vila de Mértola, que até agora se encontrava um pouco embrionária. Isto porque, até ao momento, nenhuma das intervenções arqueológicas realizadas em Mértola, devido a distintos factores, tinha atingido ainda níveis arqueológicos, fiáveis, de épocas mais antigas, Romano-Republicano e Idade do Ferro.

Trata-se de um estudo que consideramos importante para o conhecimento de uma realidade que, presentemente, só conhecemos de forma fragmentada, e que é fundamental para a compreensão de uma parte importante da história da Vila de Mértola, e que entendemos fundamental para a realização de trabalhos de investigação futuros. Assim, contribuirá para o debate dos fenómenos de continuidade e descontinuidade entre as grandes categorias cronológicas definidas pela Historiografia.

Este trabalho será um indicador para um futuro estudo do papel desta cidade nos circuitos culturais e comerciais do Mediterrâneo e as transformações que nele se formaram entre a Idade do Ferro e a Idade Média. Isto porque Mértola, com o seu porto fluvial, desempenhou um papel fundamental nos intercâmbios comerciais entre o Mediterrâneo e o interior do Sudoeste Peninsular. No entanto, a informação até agora existente não tem permitido realizar uma leitura consistente, na perspectiva da longa duração, que permita uma caracterização aprofundada desses intercâmbios comerciais e a eventual existência de continuidades e descontinuidades na sua dinâmica.

É sobre este espaço urbano, limitado pela construção das fortificações da cidade, das diversas casas de habitação, bem como pela diversa e intensa ocupação ao longo dos séculos que este presente trabalho se debruça. Outro dos objectivos é o de realizar o estudo da transformação urbana deste espaço, ao longo dos tempos, através da análise estratigráfica do local, valorizando os vestígios arqueológicos num contexto urbano, um dos instrumentos de materialização do conceito no respectivo contexto histórico e cultural, bem como abordar esta escavação do ponto de vista da Arqueologia Urbana, os prós e os contras.

O objectivo principal deste estudo sobre a “*A Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola – Contributos para a História local*”, passa por conferir a Mértola uma nova noção sobre a sua dimensão histórica neste arqueosítio, em períodos até agora pouco conhecidos, principalmente no que diz respeito aos períodos cronológicos mais antigos. Isto através dos vestígios conservados das diferentes fases da sua ocupação; restituindo a sua evolução em termos cronológicos, os seus espaços edificados, as suas actividades, bem como as suas vivências.

2.2. Limitações

Para a obtenção dos objectivos atrás expostos existem algumas limitações que se impõem com o facto de se tratar de uma escavação ainda por terminar e pelo facto, bastante importante, de se tratar de uma intervenção do ponto de vista da arqueologia urbana, sem grandes espaço de manuseio. Um espaço limitado pelas construções urbanas dos últimos dois séculos e, sobretudo, pelos objectivos do projecto de construção para o local, os quais não prevêem a escavação integral do sítio, mas sim e apenas a escavação até à cota de obra necessária para a realização da mesma.

Outra das limitações a considerar é a de ordem cronológica, pois apenas irei apontar uma periodização que resulta dos dados arqueológicos obtidos na sondagem do ano 2003 e na intervenção arqueológica de 2005, apenas referindo alguns dos dados de 2006 para a total compreensão do sítio. No entanto, na sua maioria, os dados obtidos são já reveladores da datação da maior parte dos contextos e das suas estruturas. Outra das limitações a referir, será a de que a escavação ainda não atingiu o seu *terminus*, podendo nessa altura haver novos dados susceptíveis de outras análises.

Outra das dificuldades existentes depreende-se da enorme quantidade de material, sobretudo cerâmicas, resultantes das campanhas realizadas, especialmente da campanha de 2005, e que são em grande maioria materiais que até agora apareciam em quantidade mínimas nas escavações no casco urbano da vila velha de Mértola. Até agora foram recolhidos cerca de quinhentos contentores de material cerâmico e uma também considerável quantidade de objectos em bronze, ferro, vidro, osso e mármore. As campanhas de escavação neste local foram bastante lucrativas em termos de materiais arqueológicos dos mais diversos períodos, o que por um lado é bastante revelador para o conhecimento da cultura material de diversas épocas, mas por outro é bastante complexo para um investigador conseguir abarcar esta tão grande continuidade de períodos históricos. No entanto, algum do material tem vindo a ser estudado de uma forma contínua, possibilitando já alguns conhecimentos cronológicos dos mesmos. Destaco os inúmeros fragmentos de ânforas que têm sido recolhidos dos diversos níveis arqueológicos, os quais são elementos fundamentais para um conhecimento mais aprofundado das rotas comerciais que se faziam com o mediterrâneo na 2ª metade do I milénio a.C., e nos primeiros séculos

d.C., mas que em grande medida se encontram ainda em fase de tratamento e só depois disponíveis para o estudo.

Um outro obstáculo tem a ver com a dificuldade de leitura de alguns contextos que se encontram totalmente arrasados pelas ocupações posteriores, o que dificulta em grande medida a compreensão de alguns contextos e as possíveis continuidades entre estes.

2.3. Metodologia de trabalho

A metodologia seguida para este trabalho adopta essencialmente os passos dados no que se refere à metodologia realizada na escavação da área de ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola. Pretendendo, assim, uma abordagem espaço-temporal deste arqueosítio. No entanto, antes de analisar a escavação em questão, é feito um enquadramento geral do espaço alargado de Mértola, especialmente do território onde se insere.

Assim, será feita uma análise do espaço geográfico do território envolvente de Mértola, incidindo na sua localização. Igualmente, serão observados temas como a geomorfologia, clima e recurso naturais, bem como das vias de comunicação terrestres e fluviais, bastante importantes para a caracterização de todo o território em que Mértola se insere. Trata-se de uma análise que parte do geral para o particular, para que se entenda de uma maneira mais clara o contexto, a envolvência e a importância deste arqueosítio agora em estudo.

Após a contextualização do importante conjunto histórico de Mértola e da observação das diversas intervenções Arqueológicas em Mértola, passaremos à análise restringida e aprofundada da escavação em estudo – área de ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola – incidindo sobretudo na campanha de escavação do ano de 2005. Será, também, dada relevância ao edifício em que a mesma se encontra inserida, analisando as transformações urbanas decorridas neste espaço ao longo dos últimos dois séculos.

De acordo com a metodologia utilizada numa escavação arqueológica, aqui também será analisada não só a estratigrafia, bem como a implantação das estruturas identificadas e os principais elementos da cultura material que a caracterizam.

Por fim, será feita uma abordagem desta escavação do ponto de vista da Arqueologia Urbana, os prós e os contras e, sobretudo, as problemáticas que um sítio com uma longa ocupação temporal poderá acarretar. Para complementar, metodologicamente, todos os passos atrás referidos, são utilizados matérias gráficas, que ilustram todo o processo de escavação.

3. Mértola – Contexto Geográfico e Território

3.1. O Espaço Geográfico

Mértola é uma pequena Vila do interior de Portugal, situada junto ao curso do Rio Guadiana, a cerca de setenta quilómetros da costa Atlântica e não muito longe da fronteira terrestre com Espanha (**Fig.1**). O rio Guadiana foi o elo de ligação não só à costa Atlântica, mas também à costa mediterrânica e às suas civilizações. Assim, “a afirmação de que Mértola foi um importante porto do Mediterrâneo na antiguidade Tardia e na Idade Média pode causar perplexidade a quem dê uma olhadela desatenta sobre o mapa de Portugal” (GÓMEZ, 2006:1). No entanto, este é um território interior, mas que teve excepcionais ligações comerciais, sobretudo, com a área Mediterrânica até finais da Idade Média.

O actual território português pode ser diferenciado em duas grandes áreas, tanto nos aspectos físicos com na sua geografia urbana. “O Norte e o Sul: o primeiro mais atlântico, rico de águas, verdejante, onde a Nação se fez Estado, dominado pela sua gente densa; o segundo mais mediterrâneo, ressequido por longos estios, escasso de população, tardiamente integrado na comunidade nacional” (RIBEIRO, 1991). É a Serra da Estrela, a mais ocidental cadeia montanhosa do Sistema Central, o limite que separa claramente um Portugal Atlântico de um Portugal Mediterrâneo.

Mértola encontra-se, assim, numa zona Mediterrânea, com zonas de pouca altitude, com um clima quente, seco e com muitas horas de sol, e em que as chuvas se concentram principalmente nos meses de inverno e primavera, provocando muitas vezes cheias nos seus irregulares cursos de água. Possui uma vegetação, tanto natural como de cultivo, pouco densa, com predominância das azinheiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras e dos cultivos de trigo e cevada. Por outro lado, caracteriza-se por uma população pouco numerosa, concentrada em pequenos núcleos populacionais e com grandes influências das grandes civilizações do Mediterrâneo, durante milénios (RIBEIRO, 1991:39).

O Portugal do sul é um Portugal mediterrânico por razões climáticas, mas sobretudo por razões culturais, exibidas no modo de falar e cantar, de vestir e de comer, de construir as casas, nos instrumentos de cultivar os campos e tantas outras coisas que

destacam esta região do resto do país. Pode dizer-se que os testemunhos dessa dependência cultural estão a revelar-se nos depósitos acumulados nas encostas de Mértola.

Mértola e o seu território são sem dúvida uma amostra desse Portugal Mediterrâneo, tanto pela sua paisagem, como pela sua cultura e pela sua história.

3.2. Mértola – Localização e Território

Esta antiga cidade de Mértola situa-se no Sul de Portugal, não muito longe da fronteira terrestre com Espanha. Era e é o ponto terminal do troço navegável do rio Guadiana, pois acima de Mértola, situa-se geograficamente um acidente geológico natural, a queda de água do Pulo do Lobo com um desnível de 15 metros, que impede que a grande via de comunicação, que era o Guadiana, continue até mais a Norte. Assim, a Mértola chegavam as grandes rotas comerciais do Mediterrâneo e aqui convergiam os caminhos do interior de Portugal, vindos dos centros mineiros de Aljustrel e S. Domingos e também das terras férteis de Beja.

Actualmente, a Vila de Mértola, é a sede municipal do concelho (com nove freguesias), e insere-se no Distrito de Beja, no denominado Baixo Alentejo, mas com uma posição de concelho limítrofe com o Algarve e a Andaluzia (Espanha). Trata-se do segundo maior concelho de Portugal em tamanho, ocupando um território muito extenso, 1279 km², que chega aos concelhos de Beja e Serpa a Norte, Castro Verde e Almodôvar a Oeste, Alcoutim a Sul e com a província espanhola de Huelva a Este. No entanto, os limites territoriais actuais não correspondem aos existentes na Idade Média, que seriam bastante superiores, ou até mesmo na Idade Moderna em que possuía mais um freguesia (BOIÇA e BARROS, 1995), actualmente pertencente ao concelho de Castro Verde. As fronteiras territoriais de Mértola não estiveram sempre bem definidas e foram-se alterando ao longo dos tempos.

A Vila de Mértola articula todo o território, ocupando uma posição central, sobretudo administrativamente e como sede de concelho. Assente num esporão rochoso na margem direita do rio Guadiana na confluência deste com a ribeira de Oeiras, Mértola tem condições defensivas excepcionais que favoreceram o seu desenvolvimento ao longo dos tempos (**Fig. 2**).

Alguns factores se conjugaram para fazer de Mértola um povoado importante, que cedo estabeleceu intensas relações com o Mediterrâneo. Situada na faixa piritosa ibérica, rica em cobre, chumbo e até ouro e prata, o subsolo da região é rico em minérios procurados pelos povos do Mediterrâneo, o que cedo os atraiu, servindo esta matéria prima de “moeda de troca” para a aquisição de outros produtos. Provam-no as minas de São Domingos, nas suas imediações, com vestígios de exploração do cobre em grande escala em época romana. A estes factores soma-se o acesso directo ao mar através do Guadiana, navegável desde a cidade até à foz, e a sua posição estratégica no limite norte do troço navegável do rio.

Na região de Mértola, vários são os vestígios que lhe atestam uma continuada ocupação territorial bastante importante, com inúmeros sítios arqueológicos identificados, nas mais variadas épocas históricas (RELATÓRIO CARTA ARQUEOLÓGICA, 2006). Um significativo conjunto de materiais arqueológicos recolhidos na cidade e no seu território são a melhor prova de que Mértola tem características de cidade litoral. A sua privilegiada posição no limite da zona navegável do baixo Guadiana, terá feito dela um importante mercado redistribuidor de produtos para o interior do Alentejo, assim como porto de embarque dos produtos das regiões interiores para o Mediterrâneo. Todo este território de Mértola esteve intimamente ligado ao poderio comercial e às teias de ligações que Mértola desenvolveu durante séculos. Houve sem dúvida uma continuidade territorial desde pelo menos o 2º milénio a.C e que se prolongou ao longos dos séculos, com fases intermediárias de grande apogeu.

3.3. Geomorfologia, Clima e Recursos naturais

Morfologicamente, o território de Mértola é um espaço de transição ente as grandes planícies das terras férteis de Beja, a Norte, e os terrenos de Serra a Sul. Como elemento estruturador deste território, temos o Rio Guadiana e os seus afluentes que modelam a paisagem em seu redor. Assim, o concelho de Mértola, na zona Norte, apresenta sobretudo planícies e pequenas elevações que modelam a paisagem conjuntamente com os cursos de água. Na parte Sul, predominam os terrenos acidentados com cursos de água encaixados e com acentuados declives, sendo que muitos destes declives antecipam a transição para a Serra do Caldeirão. Na generalidade, a maior parte do território do Concelho de Mértola apresenta uma altitude inferior a 200 metros, embora existam

pequenas serras que os ultrapassem, como é o caso de São Barão (306m), Alvares (310m) e a Serra de Alcaria (370m). O fenómeno dos cursos de água encaixados determina a topografia da cidade de Mértola que assenta sobre um esporão rochoso emergente entre o Rio Guadiana e a Ribeira de Oeiras. Topograficamente, em poucos metros de distância pode-se estar ao nível do mar, junto ao Rio, e a cerca de oitenta metros de altura na zona do Castelo, o que torna o terreno acidentado, condicionando o urbanismo tornando-se como opção as curvas de nível e os socacos.

Do ponto de vista geomorfológico, a maior parte do concelho de Mértola contém solos designados litossolos e solos mediterrânicos vermelhos de xisto, com pouca capacidade de retenção das águas das chuvas, os quais se tornam limitados para a prática da agricultura (OLIVEIRA, 1996:26).

O território de Mértola, do ponto de vista geológico enquadra-se, no conjunto meridional do Maciço Hespérico¹ denominado Zona Sul Portuguesa e constituído por um substrato com “rochas metamórficas, nomeadamente por grauvaques, xistos, metearenitos, espelitos, conglomerados e quartzovaques, entre outros. Surgem também algumas rochas quartezíticas e vulcânicas, estas últimas associadas a uma importante área mineralizada – a faixa piritosa ibérica, que se estende do litoral alentejano (Canal Caveira) até Espanha (Rio Tinto – Huelva)” (LOPES, 2004: 18).

Em termos climáticos, o território de Mértola insere-se nos climas tipicamente mediterrâneos, com Invernos pouco chuvosos e Verões extremamente quentes e secos.

Os recursos naturais não são abundantes em termos agrícolas, mas contudo, relacionados com outros recursos, tornaram a região muitas vezes apetecida por muitos, o que por outro lado levou à fixação de gente. Um dos aspectos determinantes desta ocupação humana foi, sem dúvida, o aproveitamento dos recursos geológicos. O Cinturão Ibérico de Piratas possui uma riqueza mineral em cobre, plomo, cinc, antimónio, manganês, e possui quantidades consideráveis de metais nobres. Na antiguidade, especialmente em época romana, o cobre e a prata foram explorados intensamente nos

¹ Maciço Hespérico é uma unidade geomorfológica das mais antigas da Península Ibérica, correspondendo a uma antiga cordilheira. Esta, apresenta-se hoje em dia muito erodida situando-se na sua maior parte em território espanhol e em menor grau em Portugal. Os tipos de rochas são os xistos e os granitos.

denominados “*chapeus de ferro*” ou Cabezas Rubias, que são a zona mais superficial e alterada dos sítios de sulfuretos (OLIVEIRA, 1996: 11).

A vegetação natural é própria das regiões mediterrânicas com um lugar predominante para as azinheiras, zambujeiros, oliveiras, figueiras, alecrim, loendro e alfazema.

A região possui uma notável riqueza faunística, embora algumas espécies já tenham desaparecido ou estão em vias da extinção. No que diz respeito às aves, a região de Mértola conta, ainda hoje, com riqueza e variedades consideráveis, sobretudo nas zonas ribeirinhas. A variedade das espécies entre os mamíferos é notavelmente menor do que em tempos mais recuados.

O pastoreio foi e continua a ser uma das actividades mais destacadas da região, aproveitando as grandes extensões de baldio e pastos. A criação extensiva de ovelhas e cabras adquire especial relevância não só para o consumo da sua carne como também para utilização das peles e para a fabricação de produtos lácteos. No caso da ovelha, o aproveitamento da lã cobre uma relevância fundamental, dando lugar a uma indústria artesanal de importância singular e que remonta a épocas bastante remotas. Muito mais reduzida é, sem dúvida, a criação de bovinos, que se identifica pela raça mertolenga. O porco junta-se às espécies anteriores, como um dos mais criados e consumidos.

Por último, a riqueza natural tanto do rio Guadiana como dos seus afluentes deu e dá lugar a que, ainda hoje, a pesca seja um meio de subsistência para um pequeno grupo da população.

3.4. Vias de Comunicação – Terrestres e Fluviais

O Rio Guadiana é o mais importante rio do sudoeste da Península Ibérica. Marca profundamente a paisagem do sul de Portugal, onde corre encaixado entre cerros. Mas é, também, o mais irregular dos grandes rios da Península Ibérica, apresenta características peculiares em comparação com outros grandes rios ibéricos. Uma delas é a debilidade do seu caudal, isto devido à sua bacia hidrográfica bastante estreita. As outras são a configuração encaixada do seu tramo final e as suas severas cheias. No tramo final, o rio adquire uma fisionomia acidentada, formando um vale estreito, de traçado sinuoso, encaixado entre montes escarpados e rochas. A queda de água natural do Pulo do Lobo, com uma descida vertical de quase 13,5m, é o acidente mais destacado do seu percurso junto a Mértola. A montante de Mértola, desce à cota do nível do mar e a maré

transforma radicalmente o rio regularizando o seu caudal, exceptuando os momentos de cheias (RIBEIRO, LAUSENTASCH e DEVEAU, 1987: 514 e ss).

O *Ana* dos romanos foi, desde pelo menos a Idade do Ferro, um forte elemento identitário da região. Desde sempre o Rio Guadiana terá funcionado, mesmo antes e “durante a Idade do Ferro, como um caminho comercial, ligando directamente o litoral algarvio aos distritos mineiros do Baixo Alentejo” (TORRES, 1992:198). Os eixos de comunicação deste vasto território afluíam de forma natural em Mértola onde enlaçavam com a grande via da região, o rio Guadiana. Certamente, Mértola funcionava, desde a Idade do Ferro, como nó de comunicações, enlaçando as rotas mediterrânicas com as vias que conduziam às serras circundantes, ricas em minério e às planícies alentejanas, abundantes em cereais. No essencial, os antigos caminhos e calçadas mantiveram os seus traçados até aos tempos modernos, quando se corrigem os traçados antigos e se abrem novas estradas mais apropriadas ao transporte mais modernos (TORRES *et alii*, 2008).

De todas as condicionantes geográficas, consideramos que, a rede hidrografia terá sido aquela que maior influência terá exercido na implantação do povoado de Mértola. Alguns factores se conjugaram para fazer de Mértola um povoado importante, que cedo estabeleceu intensas relações com o Mediterrâneo. Assente numa elevação na confluência do rio Guadiana com a ribeira de Oeiras, Mértola tem condições defensivas excepcionais que favoreceram o seu desenvolvimento. A estes factores soma-se o acesso directo ao mar através do Guadiana, navegável desde a cidade até à foz, a uma distância de cerca de 70 km, e a sua posição estratégica no limite norte do troço navegável do rio.

A navegabilidade do seu curso, em grande parte proporcionada pelas marés, criou condições para a instalação de um porto fluvio - marítimo, facto que fez com que as terras interiores do sul de Portugal estivessem continuamente, e desde tempos remotos, em contacto com os espaços culturais do mundo mediterrânico ocidental e oriental.

O Guadiana sempre foi a via de circulação mais barata, rápida e segura entre o interior alentejano e a costa, tanto para viajantes como para mercadorias. Desde sempre, a oscilação da maré permitiu a navegação de embarcações de meio calado, até 20 ou 30 toneladas. O rio, por ser a grande via de circulação de bens e produtos, assume-se como um dos maiores responsáveis da “criação desta identidade mediterrânica que, tendo-se iniciado no tempo em que os rios eram sagrados (Idade do bronze), se manteve até ao momento em que as suas águas foram secando nas múltiplas barragens dos últimos anos” (TORRES, 1992:190).

A navegabilidade do Guadiana em época romana é atestada por Estrabão (III, 2, 3), e Pompónio Mela põe *Myrtilis*, nome romano da cidade, no mesmo plano que as cidades algarvias de *Balsa* (Torre de Ares, Tavira), *Ossonoba* (Faro) e *Portus Hanibalis* (Portimão), sugerindo-lhe uma posição litoral. “A bibliografia Arqueológica tem referido a existência para Sul de uma estrada paralela ao rio Guadiana. A atestar a existência do traçado terrestre, vários autores referem o *Itinerário de Antonino* e a *Cosmografia* do Anónimo de Ravena. Segundo estas fontes, são praticamente coincidentes os traçados da estrada do Algarve e da via que percorreria o vale do Guadiana” (LOPES, 2004:34). Apesar destas referências e dos vários estudos que a referem, a estrada romana junto ao Guadiana carece de confirmação arqueológica.

Note-se que, “durante muitos séculos (desde os alvares da romanização e até aos finais do período islâmico) foi pela via”, que era o rio Guadiana, “que se processou o intenso tráfego que ligou Mértola aos portos do Mediterrâneo. Mesmo a partir da Reconquista, quando os contactos com o Mar Interior se esbateram, foi pelo Guadiana que se continuaram a fazer os contactos com a zona costeira” (MACIAS, 2006:91).

No entanto, as condições de navegabilidade até Mértola não eram simples: o regime irregular do rio, a força cíclica das águas nas cheias, os afloramentos rochosos imersos até muito próximo da superfície, a alteração da topografia do leito do rio com os assoreamentos súbitos junto à foz dos afluentes e o encanamento dos ventos em meandros apertados dificultavam a aproximação ao porto de Mértola, possível apenas por quem conhece o rio e respectivos obstáculos com algum rigor (SIMPLÍCIO *et alii*, 2003).

Através de uma análise pelos desenhos realizados por Duarte D’Armas nos inícios do século XVI (ALMEIDA, 1943) é possível observar no rio Guadiana, à entrada do porto, a presença de barcos com três mastros, o que indica boas possibilidades de navegação para embarcações de alguma dimensão e capacidade de transporte de bastantes mercadorias e apenas uma pequena embarcação com um par de remos a montante do ponto mais estreito e mais profundo do Rio (**Fig.3**).

“De facto, ao longo do tempo foi esta zona de enseada e pequenas praias que reuniu melhores condições para ancoradouro, como demonstram as gravuras de Duarte D’Armas e as fotografias do início do século XX (**Fig.4**), com barcos de média dimensão”. (SIMPLÍCIO *et alii*, 2003). “Não cremos que tenha havido uma estrutura portuária bem definida, sendo toda esta zona, possivelmente em ambas as margens, o local por excelência para os barcos acostarem, para o embarque e desembarque de produtos e

peçoas, para a travessia do rio e para se proceder a pequenas manutenções nas embarcações” (BARROS, 2008: 402).

No que diz respeito às vias terrestres, Mértola sempre teve uma boa rede de caminhos e vias que a ligavam ao interior do território do Alentejo e até mesmo com outras zonas mais afastadas e que faziam parte do seu conjunto de interligações comerciais e não comerciais. Em conjunto, a via fluvial, rio Guadiana, e as vias terrestres, tornaram Mértola um centro aglutinador, onde se concentravam muitos intercâmbios de produtos, gentes e culturas. Em época romana, a via que unia *Myrtilis* a *Pax Iulia* (Beja), a capital do *Conventus Pacencis*, era a via principal e tinha uma importância crucial. Comunicava a sede de *Conventus* com o seu porto natural. Conhecemos o seu traçado com bastante exactidão, pois apenas foi modificado em época contemporânea, quando se abriu a estrada asfaltada actual. A via saía pela porta norte da cidade, a denominada porta da Vila ou porta de Beja, e seguia em direcção ao cerro do *Furadouro*² onde existia uma estreita passagem por onde seguia e continuava a via até Beja, passando por importantes sítios até entrar no território de Beja.

Para além desta via com maior importância, existem outros dois grandes eixos estruturantes que faziam a ligação de Mértola ao interior alentejano. Não longe de Mértola, a via para *Pax Iulia* bifurcava-se, e para ocidente dava lugar a um ramal que se dirigia a Aljustrel (a antiga *Vipasca*). Este caminho tinha uma importância capital no transporte do minério, principalmente de Aljustrel, e seria controlado, regularmente, por postos de vigia. Também se conhece com bastante exactidão a via que, na margem esquerda do Guadiana, se dirigia às Minas de São Domingos e a Serpa (**Fig.5**). A passagem para a margem esquerda do Guadiana fazia-se, até meados do século XX, por barco. Na outra margem, mesmo em frente de Mértola, conserva-se ainda um importante troço da via, constituída por troços de calçada e de rocha talhada, a qual foi utilizada até meio do século passado. Este caminho teve grande importância para o transporte tanto dos excedentes de cereal das planícies de Serpa, como do minério de São Domingos. Um outro ramal desta via para Serpa bifurcava em São Domingos em direcção à Corte do Pinto e ao Alfajar de la Peña (Espanha), prosseguindo o caminho pelo Andévalo (TORRES *et alii*, 2008).

² Até aos anos setenta do século XX, manteve-se, talhado na rocha, um desfiladeiro com cerca de dez metros de largura, por onde passava a via para Beja. Hoje apenas nos restam registos fotográficos.

Assim, vários são os factos que nos permitem confirmar que “a rede viária da região remonta, em grande parte, ao período pré-romano. A chegada das legiões e uma nova lógica de gestão do território e de exploração dos recursos naturais levou a que os traçados e pavimento das vias fossem remodelados e melhorados. Tais obras, normalmente de grande qualidade, e a persistência de circuitos económicos e de modo de vida, contribuíram para a longevidade dos caminhos, não só no período medieval como em épocas mais recentes. De tal modo marcaram a paisagem que alguns deles são, ainda hoje, utilizados” (LOPES, 2004:38).

4. As Investigações Histórico - Arqueológicas em Mértola

4.1. Contexto Histórico – Conjunto Histórico de Mértola

“A terra de um povo já não é um simples dado da natureza, mas uma porção de espaço afeiçoada pelas gerações, onde se imprimiram, no decurso dos tempos, os cunhos das mais variadas influências. Uma combinação, original e fecunda, de dois elementos: território e civilizações.” Orlando Ribeiro, 1987

Em Mértola e no seu território, as fontes para o estudo das diversas épocas históricas, são em grande parte de natureza arqueológica.

A história de Mértola, foi desde sempre, bastante condicionada pela situação da sua localização e da sua posição estratégica dentro do contexto dos intercâmbios regionais e mediterrânicos. Em primeiro lugar, é de destacar a sua localização no topo de um esporão rochoso, ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuindo assim excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, por se encontrar no ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana, assumindo desde tempos longínquos a importância de último porto de acostagem, tornando-se assim, num importante entreposto mercantil que tinha importantes ligações com o mediterrâneo. Pela grande via que era o Guadiana, escoavam-se os minerais provenientes das Minas de S. Domingos, de *Vipasca* (Aljustrel) e dos “chapéus de ferro”, explorados na zona Oeste de Mértola.

“Ao nível regional tinha importância capital nas suas ligações terrestres, situando-se no percurso da via que ligava, desde o Bronze Final, o próspero reino de Tartessos à foz do Sado e ao estuário do Tejo, via essa por onde se encaminhava para o Mediterrâneo o

estanho vindo do Norte de Portugal e da Beira Interior. Ela atravessava o Alentejo entre a foz do Sado e o Guadiana, através do qual se ligava ao Sul da Andaluzia” (LOPES, 2004:24; ALACRCÃO, 1989).

São estas características que vão dar a Mértola, em diversos momentos da História, um papel importante no intercâmbio não só de produtos, mas também de ideias e influências de outras culturas que deixaram marcas relevantes. “E, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefactos” (LOPES, 2004:24).

O território de Mértola teve uma ocupação bastante intensa e ininterrupta desde a Pré-História, mais precisamente desde o Neolítico Final, passando também pelo Calcolítico. No entanto, para o povoado de Mértola, os testemunhos arqueológicos de que dispomos indicam-nos a existência de um núcleo habitado desde, pelo menos, a Primeira Idade do Ferro. De forma geral, considera-se que a partir da primeira metade do século VIII a.C. se inicia a introdução de fortes influências mediterrânicas com a instalação dos fenícios no sudoeste peninsular atraídos, sem dúvida, pela riqueza mineral da zona. Em interação com os grupos humanos autóctones criaram uma vasta rede de relações e interdependências regionais.

A importância de Mértola ligada ao comércio é hoje, após vários anos de investigações indiscutível, e recua pelo menos, à segunda metade do I milénio a.C.. Prova-o arqueologicamente, o significativo conjunto de cerâmicas áticas, pela sua quantidade e qualidade, encontradas em vários locais (áreas de escavação) do casco urbano da vila (ARRUDA, BARROS e LOPES, 1998) e sobretudo nas imediações da porta principal da cidade, sob o edifício da antiga prisão e actual Biblioteca Municipal. Destacam-se vários fragmentos de cerâmica ática do século V - IV a.C., bem demonstrativos das rotas comerciais que por esta cidade portuária passavam e do “poder de compra e hábitos sociais que lhes permitiam utilizar recipientes cerâmicos provenientes da Grécia” (LOPES, 2004:24).

Ao longo dos séculos, pelo menos desde a Idade do Ferro, as encostas alcantiladas de Mértola foram coroadas por uma linha de muralhas defensivas, notoriamente reforçadas na frente norte, mais indefesa. Esta estrutura com cerca de 4Km de extensão, o que equivale a um recinto fortificado de 70 hectares, envolvia todo o conjunto urbano e todo o espaço utilitário em seu redor, como são as hortas e locais onde se guardava o gado. Trabalhos arqueológicos desenvolvidos na zona norte da Vila (Cerro do Benfica), vieram

constatar troços desta muralha que foi edificada possivelmente entre o século VII ao IV a.C (HOURCADE, LOPES e LABARTHE, 2003). Até aos anos setenta do século passado, ainda era possível passar por uma estreita passagem escavada na rocha, chamada de furadouro (Fig.6), que possivelmente seria uma das portas desta vasta muralha e que em época romana por aqui passava também a via que se dirigia a Beja. No entanto, persistem ainda dúvidas em relação à implantação das portas como de grande parte das suas torres.

A romanização da cidade já estaria em curso, possivelmente, nos inícios do século II a.C. Os materiais arqueológicos encontrados no subsolo de Mértola, cerâmicas campanienses, confirmam os contactos comerciais anteriores (LUÍS, 2003). Este conjunto de materiais, já estudado, e os que apareceram agora na escavação da área de Ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola, constituem o maior conjunto deste tipo de materiais encontrados no actual território português.

A posição estratégica de Mértola permitiu que os exércitos romanos a utilizassem como importante base de apoio nas guerras de conquista da região. *Myrtilis*, como então era conhecida, foi certamente uma base de operações nas campanhas contra os lusitanos, tendo desempenhado um importante papel político no século I a.C., quando a cidade cunhou moeda. No caso concreto de Mértola, a sua posição estratégica foi, sem dúvida, aliciante para a chegada dos exércitos romanos. “*Myrtilis* foi possivelmente um ponto de entrada e talvez até base de operações. Ficava numa estrada que ligava a *Bética* aos estuários do Sado e do Tejo, onde aliás se situavam os principais *oppida* de então: *Salacia* (Alcácer do Sal) e *Olissipo* (Lisboa)” (ALARCÃO, 1990: 346).

Incluída na rede de cidades do Império Romano, *Myrtilis Iulia* foi sede de um município regido pelo direito do Lácio e participou intensamente na rede de circulação de pessoas e bens dentro do Império. O facto de terem sido encontrados no povoado e nos seus arredores alguns depósitos de ânforas de origem bética e itálica (FABIÃO, 1987), assim como dezenas de moedas cunhadas na Judeia do século I d.C. (CENTENO e SOUTO,1997:197) mostram bem a importância desta cidade portuária no seu relacionamento com todo o Mediterrâneo. Nos últimos anos, as escavações de emergência permitiram localizar alguns tanques de salmoura e outras construções que, dada a sua proximidade do porto, podem ter sido instalações industriais ou armazenamento (LOPES, 2004:48).

Na vertente norte da encosta do Castelo, o possível *forum* da cidade romana cria uma plataforma artificial. Todo este espaço, aplanado artificialmente, assentava na muralha e numa galeria subterrânea – o criptopórtico – com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura que serviu de armazenamento alimentar e mais tarde de cisterna.

A Norte da grande Muralha da Idade do Ferro, numa plataforma junto ao rio, localizava-se em época romana a cidade dos mortos onde, em Época Moderna, foi erguida uma ermida dedicada a São Sebastião. O local foi inicialmente identificado pelo arqueólogo Estácio da Veiga que, após uma grande cheia, visitou e registou as estruturas do período romano postas a descoberto pelas águas envoltas (LOPES, 1999).

Na Antiguidade Tardia, dos séculos V a VII d.C., Mértola é alvo de uma profunda renovação urbana quando é reparado todo o seu sistema defensivo e sobretudo com a construção de imponentes edifícios cristãos. Foram levantadas, no *fórum*, sobre o criptopórtico luxuosas construções religiosas. Entre estas conta-se um baptistério do século V ou VI, na altura revestido de mármore e rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos. Os mosaicos apresentam uma rica figuração de animais e cenas de caça, com especial destaque para um painel com dois leões afrontados que ladeiam a árvore da vida. Estes mosaicos mostram temas e estilos decorativos relacionados tipologicamente com o Mediterrâneo Oriental do século VI (LOPES, 2004). Diversos elementos testemunham um reforço das ligações de Mértola com o Mediterrâneo na Antiguidade Tardia, especialmente no século VI. Os sistemas construtivos e técnicas decorativas da basílica e possível palácio episcopal têm fortes semelhanças com edifícios semelhantes do Norte de África e os mosaicos partilham estilos e temas decorativos com o Oriente Mediterrâneo, concretamente com a Palestina.

Na mesma sequência de renovação da cidade, um dos monumentos mais significativos desta época, é certamente a Torre do Rio, cujas ruínas, ainda majestosas, ligam as antigas muralhas, numa sequência de seis arcos, às margens do rio. Esta imponente estrutura defensiva permitia proteger a zona portuária da Porta da Ribeira, sobretudo os locais onde acostavam e eram reparadas as embarcações. Este monumento, único no Mediterrâneo Ocidental, devido à sua sólida construção, tem resistido à pressão devastadora das águas do rio.

Fora das muralhas, junto da via que ligava Mértola a *Pax Iulia* (Beja), localizava-se um dos cemitérios da cidade com a sua basílica funerária, com três naves, duas absides

contrapostas e com uma galeria porticada virada a Sul, construída no século V d.C.. A importância excepcional deste sítio deve-se sobretudo às seis dezenas de lápides epigrafadas paleocristãs, trinta das quais se encontram expostas no local. Também interessante é o conjunto de lápides escritas em grego, que testemunham a presença de uma pequena comunidade originária do Mediterrâneo Oriental, um deles nascido na Líbia. Certamente, tratava-se de famílias ligadas ao comércio e, possivelmente, relacionados com movimentos religiosos cristãos de carácter monofisita. Sob o domínio muçulmano, este local manteve a suas funções funerárias. O *almocavar*, nome de origem árabe para o cemitério, estendia-se desde o Rossio do Carmo, até às muralhas da vila.

Uma parte dos vestígios paleocristãos conserva-se neste pequeno museu de sítio onde se pode contemplar também parte da colecção de lápides funerárias, em que se destaca o grupo de estelas epigrafadas em grego.

No que respeita à cidade islâmica de Mértola, esta representava, para muitos navegadores e comerciantes, o final de um percurso marítimo, quantas vezes iniciado nos longínquos portos medievais do Mediterrâneo Oriental. A cidade, vista ao longe, impõe-se, pela massa de aglomerado urbano dentro de uma cintura de muralhas que vai até ao rio. Localizada num imponente esporão situado entre os rios Guadiana e Oeiras, o casco urbano de Mértola (com cerca de 6 hectares) ocupa o mesmo espaço que tinha na época islâmica.

Durante o período muçulmano, Mértola não perde importância nem protagonismo, especialmente a partir do século XI quando se torna capital de um pequeno reino “taifa” independente, primeiro com Ibn Tayfūr, e mais tarde, com Ibn Qasī que, em 1144 d.C., se proclama líder espiritual e chefe político do reino. Durante as dinastias magrebina (Almorávida e Almóada), Mértola foi um destacado ponto estratégico, utilizado como quartel de inverno das tropas e como bastião de retaguarda contra as investidas dos cristãos do Norte. Ao longo deste período, muitas transformações foram introduzidas no interior da cidade. Na sua acrópole foi erguido de raiz um novo castelo, certamente para abrigar um corpo militar. “Desconhecemos como estaria organizada esta zona na Antiguidade. Os vestígios mais antigos datam de época islâmica, e resumem-se à porta principal, onde ainda são visíveis alguns indícios que apontam a sua construção para finais do séc. X ou XI, assim como aos alicerces de um conjunto de casas de habitação dessa mesma época” (TORRES *et alii*, 2008).

Outras modificações se impuseram, e sobre os alicerces de uma igreja paleocristã (GÓMEZ, 2008), foi edificada uma mesquita. Sobressaindo no recinto da acrópole e integrando-se no seu circuito monumental, ergue-se a actual Igreja Matriz (antiga mesquita). Num local onde teria existido um templo romano, depois paleocristão, e onde, em finais do século XII, foi construída de raiz uma mesquita, encontra-se hoje a igreja matriz de Mértola. Reutilizados de edificios anteriores, destacam-se dois capitéis. Da antiga mesquita almóada restam quatro portas de arco ultrapassado e o “altar” muçulmano ou mihrab. Neste pequeno nicho, é ainda claramente perceptível a linguagem decorativa dessa época no estuque de revestimento ornamentado com arcos poli-lobulados e com esquemáticos cordões da eternidade. Elementos decorativos semelhantes a estes encontram-se, por exemplo, na mesquita de Almeria, em Espanha, e Tinmal, em Marrocos, e servem para testemunhar o relacionamento de Mértola islâmica com outros portos do Mediterrâneo (MACIAS *et alii*, 2002).

A arqueologia tem, por seu turno, relevado uma parte importante do bairro que, no período islâmico, ocupou o extremo norte da cidade, o antigo fórum romano, que posteriormente teve grande importância construtiva na Antiguidade Tardia. O bairro habitacional posto a descoberto no interior da Alcáçova data do século XII e XIII. Todas as casas tinham a mesma estrutura: um átrio servia de mediação entre o exterior e um pátio central. Deste espaço descoberto tinha-se acesso às salas onde, quase sempre, em cada um dos topos se localizava uma ou duas alcovas. Outras portas permitiam aceder a outros compartimentos de armazenamento, à latrina e à cozinha. Dezenas de artefactos em vidro e cerâmica, assim como moedas e jóias provenientes de vários portos e cidades do al-Ándalus, do Magrebe e do Próximo Oriente, tem sido exumados deste bairro islâmico, facto que comprova que em época islâmica o intercâmbio comercial se estendia a todo o Mediterrâneo.

Depois da conquista cristã, o bairro é completamente arrasado para o espaço ser adaptado a cemitério. Esta grande necrópole, utilizada desde os séculos XIV e XX, tem permitido registar e reconstituir rituais funerários, assim como estudar as patologias e alguns hábitos alimentares dos habitantes de Mértola durante este longo período histórico.

Em 1238, Mértola é tomada para o Rei Sancho II de Portugal, pelas tropas da Ordem de Santiago sob o comando do seu Mestre, Dom Paio Peres Correia. Um ano mais tarde, Sancho II doa Mértola a esta Ordem Militar. A conquista cristã, além da imposição de uma nova ordem sócio-económica e religiosa, significou também uma ruptura evidente

com o passado, trazendo profundas alterações na paisagem urbana (TORRES *et alli*, 2008). O Castelo foi fortemente alterado para servir às necessidades dos novos senhores. Sobre o Alcácer islâmico foi construída a fortaleza cristã, na qual se ergue, imponente, a torre de menagem datada de 1292. Uma cronologia semelhante pode ser atribuída às torres meridionais. A cisterna, situada no centro da Praça de Armas, foi ampliada nesta mesma época de forma poder recolher as águas pluviais que escorriam de todo o recinto. Local da primeira sede portuguesa da Ordem de Santiago, residência de alcaides e governadores, o castelo de Mértola perdeu a sua função militar no séc. XVIII, quando foi votado ao abandono.

Logo após a conquista, a mesquita é cristianizada e a Ordem de Santiago impõe na fachada o seu símbolo. Em meados do século XVI (1535-1565), a mesquita/igreja é profundamente transformada. As suas 5 naves, cobertas por madeiramento policromo, são substituídas por um belo conjunto de abóbadas com destaque para o tramo polinervado do altar-mor. Ao contrário da abobadagem e dos pináculos exteriores muito ao gosto mudéjar do último gótico, a porta principal da igreja segue os modelos do Renascimento italiano. O minarete, transformado em torre sineira, seria sacrificado mais tarde, durante o século XVII, quando se levantou a actual torre do campanário. Em meados do século XX, realizaram-se obras que esvaziaram o templo dos acrescentos seiscentistas e setecentistas e que puseram de novo a descoberto o mirhab, o mimbar e as quatro portas islâmicas (MACIAS *et alii*, 2002).

Os laços comerciais de Mértola com o resto do Mediterrâneo praticamente desapareceram, e o tráfego fluvial dos tempos modernos, excluindo o período de exploração oitocentista das minas de S. Domingos, ficou resumido ao transporte de mercadorias de e para o Algarve.

No que respeita às muralhas, ainda hoje a Vila Velha de Mértola está rodeada por um perímetro de muralhas com perto de 1.000 metros que encerra uma área próxima dos 6 hectares. Os seus muros, adaptados à topografia do terreno, têm adossados torreões de planta quadrada. Três portas davam acesso ao interior da cidade e um postigo, a Porta Falsa, permitia aos habitantes do castelo sair para o exterior. Sobre a Porta da Ribeira, que dava acesso ao porto, foi construído no século XVI o Hospital da Misericórdia, actual Museu de Arte Sacra. Não se conserva a outra porta principal, a Porta de Beja que abria para Norte. Era ladeada por duas poderosas torres semicilíndricas e foi destruída na

primeira metade do século XX. Também não se conserva a porta do Buraco virada para a ribeira de Oeiras.

É difícil datar, hoje, os panos de muralha visto que, ao longo dos séculos, foi sempre utilizada a mesma técnica construtiva. De forma geral, no aparelho construtivo é sempre utilizada pequena alvenaria de cal. A única excepção nota-se nas cortinas setentrionais, construídas na Antiguidade Tardia (entre os séculos IV e VI). No embasamento destacam-se fiadas de silhares separados por pequena alvenaria. Este conjunto de grande aparelho constitui a parte exterior do criptopórtico. Em época islâmica, esta construção foi integrada na muralha e reforçada com sólidos torreões de planta quadrada ligados por um adarve.

“Transformada em “Vila Museu”, Mértola é hoje um bom exemplo de centro histórico preservado que nos últimos anos tem desempenhado o papel de elemento polarizador de um circuito turístico da maior importância para o desenvolvimento económico da região” (TORRES *et alli*, 2008:6). O Museu de Mértola, como instituição municipal, além de compreender no seu contexto todo o aglomerado histórico, mantém abertos ao público 8 pequenos núcleos: Casa Romana, Basílica Paleocristã, Núcleo do Castelo, Arte Islâmica, Arte Sacra, Oficina de Tecelagem, Forja do Ferreiro e Achada de São Sebastião.

5. O Sítio - Biblioteca Municipal de Mértola – Escavação na Área de Ampliação

5.1. Localização

A área de escavação da Biblioteca Municipal de Mértola situa-se dentro do espaço amuralhado de época Medieval, junto a uma das portas de entrada da cidade, denominada Porta da Vila ou porta de Beja (**Fig.7**). Esta intervenção localiza-se num antigo espaço de quintal, que durante muitos anos foi votado ao abandono, depois de ter sido utilizado como área de horta e zona de cultivo. A sua situação de espaço quase fechado, fez com que durante muitos anos, fosse preservada a nível do crescimento urbano, como também de outros factores urbanos, como por exemplo acontece em outros pontos da vila, em que estes espaços abertos se tornavam locais de depósitos de lixo. A entrada para esta área esteve sempre fechada desde o acesso através da rua (Alonso Gomes), sendo apenas acessível aceder-lhe desde o quintal do actual Campo Arqueológico. Limitado pelas construções urbanas e pela muralha medieval, este espaço estava estruturado em dois

patamares com cerca de três metros de desnível entre si. Diferença esta de cotas, que se pode constatar desde a zona Este da alcáçova do Castelo até a esta área de ampliação.

Do ponto de vista da sua localização face a outros sítios com importância histórica, encontra-se delimitado pela muralha medieval da vila a Norte, pelo edifício da actual Biblioteca Municipal/antiga Prisão a Este, por um edifício particular a Sul e pelo quintal e casas do CAM a Oeste. No entanto, não se pode ignorar o facto de se encontrar a quinhentos metros das traseiras da antiga Mesquita, actual Igreja Matriz, da zona da Alcáçova e complexo episcopal, não muito afastado do Castelo, sua encosta, e da sua proximidade com o rio. Assim, a sua localização a nível de envolvência é bastante importante e talvez reveladora do que mais adiante irá ser descrito. Por isso se, fizemos o exercício de imaginarmos a zona sem as actuais construções urbanas, esta seria essencial para a orgânica da cidade, localizada mesmo junto à porta de entrada no recinto amuralhado de época medieval, mas que também o terá sido em épocas anteriores, pelo menos desde a Idade do Ferro (LOPES, 2004: 25).

Esta área de ampliação do edifício da Biblioteca Municipal de Mértola tem a particularidade de não ser apenas um local comum, mas que se encontra estrategicamente bem situado no núcleo urbano da cidade intramuros, possibilitando a leitura de uma zona fortemente modificada ao longo dos séculos, segundo as necessidades de cada momento.

5.2. O Antigo Edifício e Área envolvente

Mértola no século XIX e XX sofre profundas alterações no que diz respeito a novas construções de carácter urbano e também a uma reordenação urbana que se traduz nas transformações que acontecem, sobretudo, em espaços funcionais. No entanto, as principais modificações realizadas no urbanismo da Vila de Mértola, em tempos modernos, irrompem em finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, estimulados pelo surto económico e demográfico do concelho e, sobretudo, pelas reformas introduzidas de acordo com o programa ideológico republicano³.

³ Programa ideológico Republicano: previa a criação de novos equilíbrios na distribuição do poder, na intelectualidade, no sistema educacional e na dessacralização de alguns edifícios de culto cristão em benefício da população local. Como foi o caso de Mértola, onde duas das igrejas passaram a edifícios de carácter público e utilitário, são elas a Igreja do Carmo que passou a escola e a Igreja de Santo António, que se transformou inicialmente em cantina escolar e depois mais tarde em espaço de lazer - Cine Teatro.

Na actual Praça do Município, situava-se o primitivo estabelecimento prisional, no Edifício que já foi Tribunal Comarcal e que actualmente alberga a Divisão de Recursos Humanos da Câmara Municipal de Mértola. Mais tarde, “o estabelecimento prisional (Prisão) foi deslocado para junto da porta de Beja, no início do século XIX, integrando uma extensa alteração na fisionomia desta área urbana. Construída entre 1821 e 1823, com grandes dimensões (para a escala local) foi desactivada após 1974 e transformada em Biblioteca Municipal” em 1991 (MATEUS, 2004:331). Antes da sua construção, e por se situar junto da porta da Vila (porta de Beja), encontrava-se neste sítio a hospedaria que acolhia os forasteiros (MATEUS, 2004:331), mais tarde, com a construção do novo edifício constituído por dois pisos, este tornou-se um espaço municipal, onde se colocavam os “indesejáveis” que se fossem casos graves, eram transferidos para a prisão de Beja.

Nos inícios do século XX, já sobre o governo da República, Mértola ia crescendo para fora das muralhas ao longo do eixo/via que a ligava a Beja. Assim, na zona da porta da Vila/Beja (actual Largo Vasco da Gama/Café Guadiana) e da Prisão Municipal, os dois torreões circulares que se situavam precisamente na entrada do espaço intra muralhas de Mértola começaram a tornar-se uma barreira entre estas duas zonas, a mais antiga e a que se estava a desenvolver. Ora, segundo o então executivo camarário, esta era uma zona que necessitava de uma alteração de fundo de forma a facilitar o acesso entre as duas zonas da vila (LIVRO DE ACTAS, 3/09/1914). Surge, assim, a necessidade de dismantelar o torreão esquerdo da muralha, no qual se implantou entre 1915 e 1917 o edifício do Mercado Municipal. Em Reunião de Câmara de 14 de Novembro de 1914, fica deliberado que se irá pedir ao Governo que “mande reparar as muralhas e castelo” (LIVRO DE ACTAS, 14/11/1914) e também a “cedência ao Ministério da Guerra do torreão à entrada da Vila” (LIVRO DE ACTAS, 14/11/1914), ao qual o mesmo órgão não se opôs, pois as muralhas tinham perdido o seu interesse estratégico e o valor prático e arquitectónico (O FUTURO DE MÉRTOLA, nº60,1914). Em 18 de Janeiro de 1915, já se encontra em obras de dismantelamento (O FUTURO DE MÉRTOLA, nº101,1915) o torreão e muralha. Na mesma data é feito um “pedido ao Ministério da Guerra pedindo a separação do Castelo das Muralhas” e recebem “Ofícios do concelho de Arte e Arqueologia a respeito da conservação de monumentos nacionais”. Isto atesta, que já nesta altura, as muralhas como outros monumentos de interesse público necessitavam de alguma manutenção.

Assim, essa intervenção do desmantelamento da Porta de Beja e da construção de um novo edifício (Mercado Municipal) para uso da população local, para além de mudar a fisionomia da entrada no burgo antigo da vila, alarga a via intercomunicante entre as duas, bem demarcadas, áreas urbanas.

No entanto, este não foi o único desmantelamento nesta importante área de entrada na zona intramuros da Vila. Na década de 1950 do século XX, o torreão de perfil circular que ainda restava da configuração registada por Duarte de Armas no século XVI (**Fig.8**) sofre uma demolição parcial (**Fig.9**), verificando-se uma alteração da fisionomia, deixando de ser semi-circular para passar a ser quadrangular (**Fig.10**). Segundo memórias de pessoas⁴ desta época, o torreão circular ocupava algum espaço na entrada de viaturas na vila intramuros, e em conjunto com o Edifício do Mercado Municipal, dificultava o acesso a esta área. Daí a necessidade de reestruturação desta zona de entrada no casco antigo, como também de acesso ao então movimentado Mercado Municipal. A sua demolição parcial e a sua adaptação sofreram restauros ao longo das últimas décadas.

Facto importante a ter em conta, é que o Edifício da Prisão, Actual Biblioteca Municipal, aquando da sua construção, é adossado a este torreão circular e encosta ainda ao pano de muralhas, que se estende até ao limite noroeste da Alcáçova. A envolvente e a localização deste edifício tornam-no numa unidade espacial de bastante interesse histórico – urbanístico.

Este edifício, Prisão/Biblioteca Municipal, é uma boa adaptação a um espaço previamente existente a novas funções culturais, como forma dinamizadora do centro histórico de Mértola

5.3. Escavação

“Como sempre, compreender, pensar e conhecer ajuda a manter o fascínio da descoberta e o gozo de ser arqueólogo. Mas também a utilidade de o ser.” Miguel Iago

A intervenção arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola foi solicitada ao Campo Arqueológico de Mértola pela Câmara Municipal como medida preventiva. É intenção da Câmara Municipal de Mértola ampliar as instalações da Biblioteca Municipal com a construção de uma área anexa, a qual se situa nos terrenos a

⁴ Sr. D. Maria Teresa Rodrigues Palma

Oeste do edifício actual, junto da muralha da vila. A situação intramuros do terreno e a existência de vestígios arqueológicos de extraordinária importância, em áreas sem edificar próximas, como a Alcáçova do Castelo de Mértola e da antiga Mesquita de época almóada, tornam muito provável a conservação de vestígios arqueológicos de vários períodos cronológicos.

Visto tratar-se de um espaço urbano situado junto de estruturas antigas e onde não se conhecem construções recentes, cabe supor a existência de vestígios do passado. Por este motivo o IPA (Instituto Português de Arqueologia) emitiu um parecer no sentido de se proceder à escavação da área afectada.

A intervenção arqueológica neste local desenvolveu-se em três campanhas de trabalho, a sondagem de diagnóstico de 2003 e escavação de toda a área no verão de 2005 e 2006. A intervenção de 2003 incidiu na abertura de uma quadrícula de 4 x 4 m de lado que se desenvolveu em profundidade atingindo, se possível, as cotas de implantação do projecto de ampliação da Biblioteca. No caso de se ter verificado necessário, a área escavada teria sido alargada visando a completa compreensão dos vestígios arqueológicos encontrados. No entanto, tal facto, nesta primeira intervenção não se veio a justificar. Com esta sondagem apenas se verificou de relevante um forno datado dos inícios do século XVI, com o qual não se adivinhava a potência estratigráfica que viria a ser verificada nos anos posteriores. Nas campanhas de 2005 e 2006, aquando dos inícios das obras, este local foi alvo de acompanhamento arqueológico das movimentações de terras, logo seguido da escavação em “open area”⁵ de todo o espaço a edificar. Nesta intervenção foram detectados importantes vestígios arqueológicos de diversas épocas, os quais abrangem um vasto período cronológico, entre o século V a.C e o século XVI.

Assim, como experiência científica, a escavação deve ser encarada com o máximo de cuidado, bem como de rigor. A escavação arqueológica ocupa um lugar particular nas experiências científicas, pois as teorias propostas não podem ser verificadas através da realização de uma segunda experiência nas mesmas condições (BARKER, 1982: 37).

5 Um método de escavação que permite a percepção dos fenómenos que têm lugar contemporaneamente e das relações entre os diversos componentes de uma dada área de ocupação.

5.4. Metodologia

Inicialmente, antes e durante a primeira e segunda intervenção arqueológica no local, foram realizadas pesquisas nas fontes, como no Arquivo Histórico, Arquivo Fotográfico, Análises Bibliográficas e foi feita, também, a análise da topografia urbana da Vila de Mértola ao longo dos tempos. Por outro lado, foram realizadas algumas leituras sobre a história das investigações arqueológicas realizadas em Mértola durante os últimos trinta anos e, sobretudo, sobre o longo processo de expansão da Biblioteca Municipal.

A metodologia definida para a primeira intervenção passou, inicialmente, por uma sondagem prévia de diagnóstico (4x4m de lado, escavada em profundidade, visando atingir as cotas de implantação do projecto de ampliação da Biblioteca), como medida de análise e prevenção das obras que iriam ser iniciadas naquele espaço. Logo desde o início dos trabalhos, considerámos necessário o alargamento da área escavada até ao muro de contenção de terras, que suportava o patamar superior do terreno. Procurávamos compreender a relação do mesmo com a estratigrafia do espaço alvo desta intervenção e avaliar os possíveis riscos de desabamento dos terrenos situados a Oeste, no caso da escavação integral do terreno.

Na segunda intervenção, aquando do início das obras, foi realizado o acompanhamento arqueológico da movimentação de terras, que conduziu ao início da escavação, inicialmente no patamar superior e, posteriormente em toda a área seguindo o método de área aberta – “*open area*”, considerando-se esta estratégia como a mais adequada para a compreensão da complexa estratigrafia, arquitectura do sítio e da utilização do espaço pelo Homem.

A escavação foi feita através do registo de unidades estratigráficas, segundo a Matriz de Harris, com registos gráficos e desenhos de todos os estratos. O processo de escavação realizou-se pela retirada sucessiva das camadas naturais na ordem inversa à da sua deposição, através do desmonte manual de cada uma destas unidades que se iam documentando. Contudo mantinham-se aquelas unidades construtivas que pela sua monumentalidade e continuidade, não era necessário desmontar, segundo o nosso critério e permitiam dar estabilidade ao terreno.

A escavação de realidades espaciais cronologicamente distintas, em simultâneo, impediu que a ordem numérica das unidades estratigráficas [U.E] correspondesse

exactamente à ordem inversa da sua deposição. Para cada unidade estratigráfica foi realizada uma ficha descritiva, na qual foi estabelecida a sua relação com os outros contextos, bem como a sua descrição, materiais associados e as suas dimensões, realizando-se assim, um testemunho dos níveis levantados. Por este motivo e para facilitar a compreensão do faseamento proposto a sua ordem correcta é representada num diagrama de sequência estratigráfica (ver tabela em anexo). Tendo em conta a impossibilidade de apresentar a totalidade dos dados relativos à estratigrafia observada, devido à abundância e complexidade, pretendemos apenas elaborar uma síntese sobre a diacronia da ocupação deste espaço.

A escavação, tanto na sondagem como em “*open area*”, foi processada levantando, sucessivamente, os distintos contextos arqueológicos naturais (unidades estratigráficas), que foram devidamente documentados mediante recurso a desenho (escala 1:20 para estruturas e 1:10 para achados especiais) e fotografia (preto e branco, cor, diapositivo e digital). O espólio recolhido foi registado com a respectiva informação contextual - código da estação arqueológica, campanha e contexto de achado; exemplo: M/BM05/U.E050.

É a análise das matrizes estratigráficas construídas, de forma a poder compreender a dinâmica de ocupação do espaço e articulação de estruturas através de várias plantas (gerais e específicas), que permitirá associar e configurar compartimentos, habitações, muralhas, definir funcionalidades e inter-relações. Também será feito um estudo dos materiais provenientes dos contextos arqueológicos mais significativos de forma a poder definir a cultura material deste sítio.

5.5. 2003

Em 2003, o Campo Arqueológico de Mértola efectuou, a pedido da Câmara Municipal de Mértola, uma sondagem arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola como medida preventiva das obras de ampliação da mesma. As escavações realizadas no local detectaram, aproximadamente a 2,5 m de profundidade, algumas estruturas de uma olaria datada entre o fim do período medieval e o início da época moderna, com poucos materiais cerâmicos associados à última combustão do forno (**Fig.11**). A descoberta destas estruturas não indiciava o potencial arqueológico de toda a área que iria ser intervencionada em 2005, aquando do início das obras.

A escavação iniciou-se em 6 de Janeiro de 2003 com a limpeza da vegetação existente no terreno, seguida da implantação de uma rede de quadrículas destinada a referenciar os



achados. No geral, a escavação forneceu uma razoável quantidade de vestígios arqueológicos entre os quais se destacam uma pequena moeda medieval portuguesa, alguns fragmentos de vidro e uma grande quantidade de cerâmica de vários períodos cronológicos, desde a época romana à época contemporânea.

O primeiro contexto [001] consistia numa espessa camada de terras muito remexidas pelos trabalhos agrícolas desenvolvidos neste terreno de horta. Constatámos um progressivo enchimento do terreno com estrumes e outros nutrientes do terreno onde eram abundantes os artefactos de época contemporânea. Depois de retirada esta camada, que atingia mais de 1,25 m. de profundidade nalguns pontos, surgiram vestígios de estruturas. Esta presença determinou a identificação de uma nova unidade estratigráfica [002] constituído por terra castanha clara alaranjada com algumas pequenas pedras de xisto e cerâmica de vários períodos cronológicos. As estruturas encontradas consistiam em dois muros [009] e [010] construídos com pedras de xisto unidas com terra. Os muros tinham apenas uma espessura aproximada de 55 cm e encontravam-se separados por um vão com cerca de 120 cm. Atingiam uma profundidade entre 45 e 25 cm o qual devia corresponder apenas aos alicerces da construção. A parte emergente dos muros, que possivelmente era construída em taipa, deve ter sido removida para facilitar os trabalhos agrícolas no terreno. Igualmente deve ter sido removido o pavimento associado à construção que devia ser de terra batida. No extremo sudoeste da sondagem, encontrou-se um pequeno derrube de pedras que devemos associar aos referidos muros. Foi designado como unidade estratigráfica [003].

Junto do muro de contenção do patamar superior do terreno encontrámos um alinhamento de lajes de xisto de média dimensão colocadas em cutelo e o seu respectivo derrube [004] que parece corresponder a uma pequena estrutura muito frágil com funções, provavelmente, de manjedoura. A escavação da unidade estratigráfica [002], correspondente ao nível de terras associadas às estruturas antes referidas, forneceu uma razoável quantidade de objectos arqueológicos entre os quais se destacam uma pequena moeda medieval portuguesa, alguns fragmentos de vidro e uma grande quantidade de cerâmica de vários períodos cronológicos, desde a época romana à época contemporânea. Depois de documentados retirámos o muro situado mais a Sul [010]. Para a sua construção tinha sido executada uma fossa de fundação que foi preenchida por terra castanha clara com terra semi-arenosa [012]. Esta fossa de fundação tinha sido escavada numa camada de terra castanha com alguns nódulos de argamassa muito pequenos [013] com perto de 30

cm de espessura. Sob o conjunto de contextos relacionados com estas estruturas encontrámos uma camada de terra [005] de enchimento do terreno que separava, nitidamente, o nível correspondente às estruturas antes referidas de uma nova estrutura e os contextos a ela associados.

As unidades estratigráficas [005], [006] e [013] deviam corresponder a uma fase de utilização do espaço como área descoberta, isto é, como quintal ou pequena horta urbana. Depois de retirados estes últimos contextos verificou-se um muro [011] constituído por pedras de xisto, maioritariamente de dimensões médias e grandes, e um derrube de pedras do mesmo tipo [018] associado a ele. O muro era bastante irregular e estava muito destruído, apenas atingia entre 50 e os 24 cm de espessura. Tinha uma largura entre os 60 cm e um metro, apenas a sua face oriental estava claramente definida. A sua face ocidental, virada para o patamar superior do terreno, parece não ter sido bem afeiçãoada, como se fosse uma face não visível. Aliás, o espaço existente entre o muro [018] e o muro de suporte do patamar superior era muito reduzido (inferior a um metro em alguns pontos). É, portanto, possível que não fosse um espaço habitado senão uma área utilizada para guardar animais. A Este do muro [011] localizámos um pavimento pouco consistente de terra batida com alguns fragmentos de telhas que designámos com o número [007], o qual associámos ao muro [011]. No espaço entre o referido muro e o patamar superior deparámo-nos com um contexto constituído por um segundo derrube de terra e pedras de xisto de dimensão média.

No extremo sudoeste da sondagem, a unidade estratigráfica [018] consistia num derrube de pedras de tamanho grande e médio com alguma terra castanha, que deviam pertencer parcialmente ao muro [011] antes descrito. Sobre estas camadas estendiam-se derrubes muito consistentes de pedras de xisto de grande dimensão com pouca terra entre eles. Debaixo da [008] estendia-se a [021] e sob a [018] um segundo derrube de pedras grandes com pouca terra entre elas, designado [025]. Também localizámos um muro situado no perfil sul da quadrícula que designámos como unidade estratigráfica [030].

O pavimento [007] cobria um conjunto de contextos muito interessantes. Na metade norte da quadrícula encontramos uma camada de pedras de xisto de tamanho médio [014] que parece corresponder a um entulhamento de pedras. Junto do muro [011] encontrou-se um derrube formado por fragmentos de telhas e pequenas pedras de xisto [015]. Era muito semelhante a um outro derrube de telhas [016] situado junto do perfil Sul que talvez fosse o mesmo contexto que o anterior, facto que não podemos verificar. Também se

encontravam parcialmente a descoberto dois contextos compostos por terra avermelhada por efeito do fogo e fragmentos de tijolo igualmente com marcas de fogo [019] e [022] e um outro contexto composto de cinzas e abundantes restos de matérias relacionadas com a combustão [020] que constituíam um forno. Ambos estavam parcialmente cobertos pelos dois derrubes referidos anteriormente [015] e [016] e pela camada de pedras designada como [014].

Sobre o derrube [015] situava-se um conjunto de lajes de xisto de tamanho médio [024] que tapavam parcialmente a estrutura do forno cuja superfície se encontrava a uma cota inferior neste sector oeste. A oeste, junto do perfil da quadrícula a [025] cobria uma camada de terra e algumas pedras de xisto que parece ter constituído um pavimento irregular, muito frágil e pouco fiável [026]. Uma camada com as mesmas características [027] estendia-se também sob o derrube de pedras designado como [021]. Parece tratar-se do pavimento em uso durante o período de utilização da estrutura de combustão.

Debaixo das unidades estratigráficas [024] e [026] detectámos uma camada de pequenas pedras de xisto e fragmentos de telha designada como [029]. Esta camada assentava parcialmente sobre o barro vermelho que reveste a fornalha [022]. Pensamos tratar-se de entulhos que cobriam a entrada subterrânea da fornalha.

Na estrutura de combustão, forno, a U.E [019] consistia num derrube que parece proceder da grelha do forno. Era composto por terra vermelha, com fragmentos de tijolo recozidos pelo fogo, abundantes fragmentos de cerâmica e alguns carvões. Este derrube cobria parcialmente os restos da última combustão do forno [020] que preenchiam a concavidade da fornalha revestida no fundo e nas paredes por barro avermelhado recozidas pelo fogo (U.E 022). Este revestimento de barro avermelhado era muito grosso na parede Norte mas quase inexistente no sector sul. A estrutura do forno tinha sido construída sobre uma concavidade escavada numa camada muito espessa de entulhos compostos por pequenas pedras de xisto, fragmentos de telha e de cerâmica que surgiram tanto a norte da quadrícula, onde forma designados como [028], como a sul da mesma, onde receberam a U.E [033]. A estrutura do forno cortava também um muro com orientação aproximada noroeste – sudeste. O troço deste muro situado a sul foi designado como [017] e o troço situado a norte recebeu o número de [031].

A última combustão do forno [020] continha, para além de cinzas quase puras, abundantes carvões e fragmentos de cerâmica. No fundo da fornalha encontrámos um conjunto de pedras de grandes dimensões envolvidas por cinzas, carvões e fragmentos de

cerâmica [023]. Este conjunto de pedras assemelha-se a um outro conjunto de pedras com algumas cinzas e carvões [032] encontrados ao lado, no sector Oeste do forno, cobertos parcialmente pelas pedras da U.E [029] e parcialmente pelo barro que reveste a fornalha [022], podendo tratar-se do preenchimento da boca da fornalha.

Neste ponto da escavação chegamos à conclusão que a correcta interpretação do forno e as estruturas a ele associadas dependiam da escavação em área do terreno alvo de intervenção. Deste modo, e tendo-se atingido a cota prevista para os embasamentos dos pavimentos da obra, segundo a informação de que dispomos, foi suspensa a escavação.

No que diz respeito à interpretação das estruturas identificadas, na estratigrafia descrita anteriormente podemos identificar basicamente cinco sequências de ocupação do espaço alvo da intervenção arqueológica. A actividade que reveste maior interesse histórico e arqueológico foi a relacionada com o forno composto pelas unidades estratigráficas [019] e [022] e os contextos a ele associados [020], [023], [024] e [033]. Não é a mais antiga documentada pois o forno corta estruturas anteriores [017], [028], [031] e [032]. Embora não tenha sido ainda estudado mais aprofundadamente o material que o forno continha, tudo parece indicar que se tratava de um forno para fabrico da cerâmica, cuja cronologia de laboração podemos atribuir ao fim do período medieval e os inícios da época moderna.

A presença de uma estrutura deste tipo no interior da Vila Velha é um facto anómalo dentro da lógica urbana medieval em que as indústrias, especialmente aquelas mais poluentes, se localizavam no exterior do recinto urbano, normalmente perto dos recursos necessários a elas como é o caso da água. Por outro lado, não é habitual em Mértola o achado de vestígios relacionados com a olaria. O forno encontrado na Rua 25 de Abril (GÓMEZ, 2003) foi um achado isolado que facilitou uma informação muito reduzida no que se refere à indústria da cerâmica em Mértola. Por este motivo é de grande importância a compreensão do contexto em que se insere a estrutura de combustão encontrada. Em época moderna e contemporânea o espaço teve três fases de ocupação marginal como espaço de quintal e de horta onde apenas se regista a presença por um período de tempo curto de estruturas muito destruídas que parecem destinar-se a guardar animais.

A escavação na área de expansão da Biblioteca Municipal manifestou um enorme interesse pela descoberta de uma estrutura relacionada, possivelmente, com o fabrico da cerâmica. Esta tinha sido considerada como uma actividade pouco desenvolvida em Mértola, devido à facilidade de abastecimento deste tipo de produtos através do rio.

Um outro facto relevante é a localização desta indústria no interior da Vila Velha. Este tipo de actividades situavam-se, pelo geral na área peri-urbana para evitar os incómodos que produziam (fumo, maus cheiros, dificuldade no acarretamento de matérias primas – água, barro e combustível). Deste modo, torna-se do maior interesse perceber que circunstâncias levaram à sua inclusão no espaço intramuros (insegurança, grande disponibilidade de espaço livre, marginalidade do espaço etc.). As ocupações posteriores a esta possuem um interesse arqueológico e patrimonial muito inferior, apenas digno de registo testemunhal.

Deste modo, consideramos imprescindível a escavação arqueológica integral do terreno, no que diz respeito ao nível arqueológico relacionado com a estrutura de combustão e aqueles que lhe precederam no tempo. Considerando que, este nível está coberto nalguns sectores do terreno, alvo da intervenção, por até três metros de terras de horta revolvidas, propomos que a escavação arqueológica seja realizada durante o desenvolvimento da obra, na fase de acompanhamento da mesma. Estimamos que a escavação, uma vez libertos dos entulhos anteriormente referidos, tenha uma duração aproximada de um mês e meio. É de muita importância que a escavação do terreno seja acompanhada de medidas de segurança no sentido de garantir a estabilidade do patamar superior do terreno que pode vir a desabar depois de retiradas as terras que compensam a pressão exercida pelas terras do terraço superior.

5.6. 2005

O terreno alvo de intervenção dispunha-se em dois patamares, que distavam entre si cerca de três metros. A intervenção de 2005 iniciou-se através dos trabalhos mecânicos de remoção de retiradas de terras de horta [034] e dos depósitos de origem antrópica [001]. Nas primeiras camadas de terras retiradas no patamar superior, detectou-se, a poucos metros da superfície, uma sepultura [037] com um indivíduo em decúbito dorsal com as mãos unidas sobre o púbis, que não conservava alguns dos membros inferiores – tibia e perónio esquerdo e pé esquerdo e direito, os quais terão sido destruídos pelos trabalhos mecânicos ou pelos trabalhos decorrentes no período em que o terreno foi utilizado para espaço hortícola. A sepultura consistia numa fossa com orientação aproximada SW-NE, aberta na terra e delimitada por algumas pedras de xisto de tamanho médio, mas sem uma estrutura de inumação cuidada (**Fig.12**). Após análise de laboratório, verificou-se que se trata de um esqueleto adulto, do sexo feminino, cuja estatura estaria entre 1,56m 1,59m.

Foi observado uma patologia oral, que se define por desgaste acentuado em todos os dentes presentes e cáries no primeiro e segundo molares. De uma forma geral, o esqueleto apresentava-se em más condições de conservação, o que dificultou a sua análise (RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO DA INTERVENÇÃO NA BIBLIOTECA MUNICIPAL, 2005).

Sob esta sepultura, cerca de dez centímetros abaixo, detectaram-se diversos derrubes e estruturas que delimitavam diversos compartimentos, os quais se organizavam de forma coerente, permitindo uma certa leitura dos espaços. Contudo, é de referir que a escavação se encontrava limitada pela linha de obra, o que não permitiu escavar a totalidade dos compartimentos, visto que muitos deles se estendiam sobre os cortes da escavação e sobre a muralha medieval da vila. Desde os primeiros momentos da intervenção, definia-se claramente um muro [039] com orientação N-S, que fazia o limite do patamar superior para o patamar inferior, o qual tinha uma vertente com cerca de dois metros em alvenaria. A partir deste muro [039], desenvolviam-se os outros muros dos compartimentos [038], [048], [045], [047], os quais faziam limite com uma estreita rua de terra batida [042], [071]. Todos estes compartimentos possuíam uma camada de abandono do espaço [043], [044], [058], a qual se definia por uma grande quantidade de telhas de meia cana com dedadas e meandros, pedras de médias dimensões, terra e alguns fragmentos de cerâmica islâmica, sobretudo do período Almóada. Após as camadas de abandono do espaço, em muitos dos compartimentos, detectou-se uma enorme quantidade de cerâmica islâmica, na sua maioria fragmentada quase na sua totalidade, mas que no entanto, davam colagem entre si [052]. Sob o nível de telhas e de cerâmica, encontram-se os níveis de pavimento, os quais são compostos por quatro tipos, pavimento formado por lajes de xisto [053] e [054], pavimento com ladrilhos/tijoleira [060], pavimento em terra batida e pavimento em argamassa [046]. Estas zonas habitacionais encostam à muralha medieval de época islâmica [057], a qual está sob o actual troço da muralha medieval da vila de Mértola. O compartimento definido junto da muralha apresentava uma zona de abandono com muito material cerâmico [058], sobre o qual se identificou uma estrutura cruciforme com bastantes restos de carvões, cinzas e barro vermelho [072], a qual identificamos como uma zona de combustão (**Fig.13**). No mesmo compartimento e nas camadas seguintes, foram identificados vários níveis de lareiras [084] e [091], as quais associamos a espaços de trabalho. De referir que este espaço não foi escavado na sua totalidade porque, em grande parte, está sob o torreão da muralha medieval da vila, o que torna a percepção do

que seria a totalidade do espaço, numa visão um pouco reduzida. No entanto, esta zona tinha muitas telhas, cerâmica com vestígios da acção do fogo, carvões e uma quantidade considerável de escórias de ferro. Para além destes, foi possível definir uma camada de cerca de 8 cm de argamassa de cal [090], definida como uma zona onde se derregava a cal e se fazia a argamassa deste tipo, denominada de esponjeiro. Sob o pavimento de lajes de xisto na outra zona habitacional posta a descoberto, encontrou-se uma fossa séptica [080] com 1,32m de diâmetro, constituída por fiadas de pedras e terra e que se encontrava cortada na sua parte superior. Esta encontrava-se, também, sob o muro com a U.E [038] que utilizou terra da fossa para a sua construção, o que indica uma utilização desfasada em relação ao compartimento que lhe assentava directamente por cima. No corte sob o Laboratório de metais, identificou-se uma bolsa com muita cerâmica [052] e outros objectos como vidro e ferro, a qual não foi escavada na sua totalidade devido ao facto de se estender sob o referido corte. Uma outra bolsa de cerâmica, que pelo seu aspecto parecia uma lixeira, foi detectada sob o pátio desta habitação, a qual foi realizada numa zona estratigráfica de época tardo-romana.

Depois de levantadas as unidades estratigráficas islâmicas (**Fig.14**), os estratos que se lhe seguiram não eram tão nítidos como os anteriores, isto é, enquanto nos primeiros níveis se conseguia identificar vários espaços, nestes o mesmo não acontecia, aumentando o número de estruturas que na sua maioria se sobrepunham de uma forma complexa e de difícil leitura. Os níveis estavam um pouco destruídos e foi complicado interpretar as estruturas, também porque, tal como acontecera anteriormente, muitas delas se estendiam sobre os cortes e os limites da área de escavação, limitando a sua compreensão. Assim, podemos definir um grande espaço, com diversas construções, que devido ao desnível do terreno apresenta estruturas em socalcos e em contraforte, que poderiam servir de aproveitamento das estruturas romanas para sobrelevar o patamar [212] e um muro com orientação E-W [092] que em conjunto com o muro anterior forma uma espécie de compartimento, no entanto não foi identificado qualquer tipo de pavimento ou algo que pudesse definir a sua utilidade. O muro U.E [092], possuía um vão de porta que estava entaipado, o qual daria acesso a uma zona a Sul deste muro, que tinha um pavimento constituído por lajes e terra batida [102]. Contudo, mais uma vez, devido aos limites da escavação não foi possível escavar a totalidade do espaço, não se conseguindo determinar se tratava de um compartimento ou de uma rua em terra batida.

Após o desmonte destas estruturas, junto ao perfil da muralha medieval na zona Norte, foi identificado uma outra fossa/entulhada [100], esta sem uma estrutura construída em pedra mas sim escavada na própria terra [111], com 1,50m de diâmetro. Encontrava-se delimitada por duas grandes construções, a Norte o alicerce da muralha medieval islâmica [057] e a Sul o muro com a U.E [098], com uma face e um embasamento [119] bem definidos na sua zona Sul. Esta fossa 2 [100] possui bastante material cerâmico de época romana, sobretudo fragmentos de ânforas que se encontram com bastantes concreções, devido ao seu contacto com a terra de fossa que apresenta uma cor esverdeada [104] e [107], para além de apresentar marcas de oxidação através do contacto com ferro. Após o *terminus* da fossa/entulhada 2 [100], [107], [111], a Este desta detectou-se uma nova bolsa [121] com imensos materiais de época romana e pré-romana, ânforas, campanienses e cerâmicas pintadas em bandas. Esta fossa/entulhada 3 [121], [127], [128], [136], [145] encosta à face interior, menos cuidada da muralha de época republicana [123] que se encontra no patamar inferior e que faz a transposição do patamar superior para o inferior. Por sua vez, no patamar inferior, após a conclusão da retirada de terra de horta e dos depósitos de origem antrópica [001], foram-se definindo a maioria dos espaços. Estes consistiam, sobretudo, em grandes muros, que mais tarde, com o decorrer da escavação, alguns, se identificaram como muralhas. A U.E [123] trata-se de um torreão de época romana republicana, ao qual foi associado a muralha com a U.E [126]. Contudo, na zona mais a Este da escavação, junto à zona onde foi erguido o edifício da antiga Prisão/Biblioteca Municipal de Mértola, foram detectados uma série de contextos de época islâmica que se apoiam e cortam estruturas mais antigas, denominadamente a muralha romana republicana [126] e o troço de muralha da Idade do Ferro [188], que por sua vez, sobre ela se assentaram estruturas do período islâmico que em grande parte a cortaram e destruíram. Assim, definiram-se muros [125], [132], [133], [134] que se relacionavam entre si, formando dois compartimentos interligados, nos quais se verificou uma grande quantidade de cinzas, carvões, cerâmica queimada, terra avermelhada e com vestígios de fogo, pequenos nódulos de argamassa e bastantes escórias de ferro [129], [130], [135], [185]. Esta zona foi utilizada em época islâmica, encontra-se bem delimitada como acontecia no patamar superior, no entanto as obras de construção do edifício da Prisão terão danificado o resto dos contextos de mesma época que se estenderiam para Este (**Fig.14**). Tal como no patamar superior, também se detectou pavimentos de terra batida [142] no interior dos compartimentos. Os muros [125], [137] e [189] são

contemporâneos, sendo a sua construção idêntica, interligados através das pedras que estão metidas umas nas outras, de muro para muro. As primeiras camadas dos muros, tal como no patamar superior, são bem compactadas com terra e pedras bem aparelhadas. A terra é escura e aparecem pequenos fragmentos de cerâmica vidrada (melados) islâmica. As fiadas de pedras do fim do muro são de maiores dimensões, mas também estão bem compactadas com terra. Existe um reaproveitamento dos fundos de ânforas romanos para preencher pequenos espaços entre as fiadas de pedras que constituem os muros.

Outra área bem definida nesta zona, é um espaço [124], [143], [144] e [148] entre o torreão Romano - Republicano [123], a muralha da mesma época [126], o muro [125] e o embasamento da muralha medieval da vila, a qual assenta, apenas, sobre terra. Esta unidade estratigráfica [124] define-se por uma camada de terra semi-compacta com pedras bem talhadas, resultantes da queda da muralha para esta zona [126] e abundantes fragmentos cerâmicos correspondentes, sobretudo nas primeiras unidades estratigráficas, a ânforas. Principalmente bastantes fragmentos de bordos e barrigas de ânforas e uma quantidade considerável de cerâmicas campanienses, encontrando-se muitos fundos com pé anelar, cerâmicas ibéricas, alguns ossos e cerâmica comum romana. Esta unidade estratigráfica [124] e a que se encontrava após [148], tratavam-se, claramente, de níveis republicanos, bem fechados, sem intrusões posteriores. Note-se que, no embasamento da muralha [126], foram detectadas cerâmicas da Idade do Ferro, o que indica que esta muralha e o torreão de época Republicana assentam em níveis desta época. Até ao momento, e devido à exiguidade da área escavada e das suas limitações urbanísticas foi-nos impossível determinar com exactidão que espaço seria este [124]. Contudo, levantaram-se algumas hipóteses, tais como a de se tratar de uma zona extramuros, onde eram vertidos os materiais depois de usados, ou sem utilização, de se tratar de uma depósito de ânforas, mas o facto de não se terem encontrado ânforas inteiras, e as que possuíam alguma forma não permitirem a sua leitura geral pois apenas apareciam em conexão panças e fundos ou bordos e gargalos. Assim, a hipótese de um depósito de ânforas não se afigurava a mais aceitável. Seguiu-se, sim, a ideia primária de que seria uma zona extramuros onde se vertiam não só as ânforas inutilizadas, como também outros lixos domésticos, outros tipos de cerâmicas, restos de fogo, aos quais podemos associar as unidades estratigráficas [143], [144] e [148] que sucedem a U.E [124]. Sendo estas unidades contemporâneas com a muralha [126] e o torreão de época romano - republicano (Fig.15).

Na zona mais a Sul da escavação, junto à casa da habitação vizinha, as áreas definidas encontram-se em volta do forno cerâmico [167] que tinha sido intervencionado na sondagem de 2003. Assim, em muitas das unidades escavadas encontraram-se alguns níveis de perturbação, derivados da construção do forno, no século XVI. Nesta área da escavação, os níveis estavam um pouco mais desconexos pelos motivos já referidos anteriormente. No entanto, foi possível verificar algumas unidades associadas ao forno aquando da sua construção e que a estrutura do forno cortou muros pré-existentes [031] e [177]. Assim, foi possível verificar a entrada do forno coberta por uma camada de barro vermelho e com pequenos fragmentos cerâmicos [162], cinzas, carvões, cerâmica, tijolo [168]. Junto da entrada do forno, do lado direito, encontrou-se uma grande camada de cinzas [173], as quais seriam as cinzas do forno que eram atiradas fora, formando um depósito de cinzas. Dentro destas cinzas encontraram-se alguns tijolos do forno os quais se encontravam danificados/partidos, o que denota a falta de cuidado com este espaço. A estrutura do forno, sobretudo a sua entrada, corta, tal como o edifício da Prisão, ambientes islâmicos (**Fig.15**).

Contudo, identificaram-se alguns muros [030], [031], [150], [175], [177] que delimitavam um amplo espaço, mas que no entanto não mostra qualquer tipo de pavimento ou de homogeneidade entre si, apresentando apenas terra solta com algumas pedras [155]. Nesta unidade foi detectado um capitel esculpido em mármore, com uma decoração de folhas de acanto bem esculpidas e com entrelaçados vegetalistas e que dada a sua qualidade artística teria feito parte da estrutura arquitectónica de uma construção palatina ou religiosa com alguma importância. A sua presença neste local terá resultado de alguma reutilização específica em outras épocas, ou até mesmo, servindo de entulhos para esta zona.

Este amplo espaço era composto pela unidade estratigráfica [018], com a qual se percebeu que esta área se tratava de uma entulhada de grandes pedras e que estas foram aproveitadas para apoiar a estrutura do forno, aquando da sua construção. O forno foi colocado numa zona de derrubes, onde as pedras estão umas sobre as outras sem conexão e não existe um entrelaçamento entre as mesmas. Apenas foi feito um “buraco” para colocar o mesmo, descuidando um pouco na sua construção, pois eram visíveis em volta do forno várias cinzas. Tal como outras estruturas já referenciadas do período islâmico, a cerâmica que se encontra sob a estrutura do forno tratam-se de fragmentos de barrigas de ânforas e de cerâmica comum romana. Neste espaço, consegue-se definir que o muro [030] e [075] são contemporâneos e o muro [031] é anterior ao forno, o qual é aproveitado por este aquando da sua construção.

Na zona que encosta à casa vizinha encontra-se um ambiente um pouco diferente no que respeita a materiais cerâmicos e à estratigrafia. Detecta-se muita cerâmica romana imperial, alguns ossos animais, muitas ostras, sigillatas de pastas claras com decoração vegetalista, ânforas e cerâmicas comuns, num espaço que, ao que tudo indica, tratar-se-ia de uma zona habitacional. No entanto, mais uma vez, devido aos limites da escavação a compreensão deste espaço ficou reduzida a uma minúscula área, mas que na qual podemos verificar a existência de muros bastante bem construídos, sólidos e com cerca de um metro e meio de altura.

Entre a muralha [126] e os muros [169] e [150], retirou-se uma camada de entulho [161] com bastantes pedras. Sob esta a [182] definida por entulho com muitas telhas, cerâmica e pedras, ossos e fragmento de mó. Numa cota muito abaixo, por volta dos 51,64 metros em relação ao nível do mar, encontrou-se uma mó, fragmentada em dois, uma que era o dormente e uma outra o movente em forma de pião com uma ponta que encaixava no interior da mó. Este material poderá ser uma pedra de moinho de azeite ou de trigo e encontra-se sob o muro [169], logo este espaço de trabalho industrial é anterior à construção destes muros que assentam sobre ele. Este ambiente aparece associado à unidade estratigráfica [182] onde aparece um muro [184] com uma largura superior a dois metros, com orientação N-S e que se encontra sob todos estas unidades referidas anteriormente e que por condicionantes da obra de construção em causa, não foi possível aferir a sua função e se teria ligação com as estruturas/muralhas definidas até agora.

Na zona do patamar superior, após alguns níveis de terra com alguma cerâmica, definiram-se dois pequenos muros [147] e [159], que se metem sobre o corte do laboratório de metais, estes formam um espaço que contém um pavimento com grandes lajes de xisto [174]. Depois de retirada a unidade estratigráfica [174] encontrou-se uma pequena lareira [227] com pedras encostadas ao canto do muro [147], a qual é constituída por terra batida com uma camada de barro sobre a qual existem cinzas e carvões (**Fig.16**). Os materiais retirados do seu interior são sobretudo cinzas e ânforas republicanas, o que nos indica que se pode tratar de uma lareira da época republicana, até porque se encontra ao nível de outros contextos republicanos. Foram testemunhadas duas fases de ocupação da lareira, a primeira é constituída por barro vermelho e a segunda por cinzas e carvões, denotando-se assim duas fases distintas. Na área oposta, na unidade estratigráfica [236], sob a unidade [120], a quantidade de material cerâmico retirado deste contexto é impressionante. Trata-se de uma unidade de terra solta com pequenos carvões, muita cerâmica romana, cerâmicas mais

grosseiras de pastas escuras, cerâmicas campanienses, cerâmicas áticas com e sem decoração com estampilhas no fundo interior, ânforas púnicas, anforetas, cerâmicas ibéricas, entre outros tipos de cerâmica. Entre estes dois espaços temos a unidade [215] que se distingue pela grande quantidade de material romano, sobretudo ânforas do tipo dressel 1.

Sob a unidade estratigráfica [148] e as restantes que se encontram sob esta, apareceu um muro/muralha [188], sobre o qual assenta o muro [125], que se trata de um muro construído durante a ocupação islâmica do sítio, e que aproveitou a construção já existente para se estabelecer sobre este. O muro [188] foi rebentado/corto na zona Sul pela construção da muralha [126] (muralha republicana), aquando da sua construção, como também foi corto pela construção da muralha medieval. O muro [188] tem cerca de dois metros de largura e foi desbastado aquando das construções islâmicas que foram implantadas nesta zona. É anterior à muralha [126], pois esta corta-o. A muralha [126] está assente, em grande parte, sobre terra e pedras. Contudo, na área da muralha [188], a muralha [126] cortou-a na sua zona superior, aproveitando para se assentar sobre esta no seu topo. A muralha [126] assenta em níveis do século II a.C, e na muralha [188] que pela sua construção e materiais a si associados se trata de uma muralha anterior às já identificadas, tratando-se assim de uma muralha da Idade do Ferro.

Toda a zona situada junto ao edifício da Prisão/Biblioteca Municipal encontra bastantes intrusões e limitações interpretativas. Isto é, aquando da construção do edifício da Prisão, os níveis aqui existentes, maioritariamente islâmicos, sofreram fortes perturbações, muitas delas resultando na destruição de uma parte dos contextos existentes, limitando assim a interpretação do sítio. Ao ser construída a parede da traseira da Prisão/Biblioteca aproveitaram a existência do muro islâmico, para entre este e a nova parede entulharem o espaço que ficava vazio, construindo assim uma zona fechada de entulhada onde se apoiava o novo edifício.

Na zona junto à parede da biblioteca, entre a muralha [126] e o muro [137], foi retirada terra [158] a qual se define por uma camada de terra de entulho com muitas pedras, constituída, sobretudo por material cerâmico de época islâmica. Contudo, nesta unidade foram detectados dois fragmentos de cerâmica do século XVI e vários fragmentos de ânforas, o que demonstra que se trata de uma zona com perturbações ocorridas aquando da construção do edifício em questão. Por outro lado, em toda a zona islâmica nota-se um grande reaproveitamento dos materiais de épocas anteriores, sobretudo o de época romana,

quer na construção dos muros como nos pavimentos dos diversos compartimentos identificados.

Ainda no patamar inferior - na zona islâmica – na unidade [185] foram detectados bastantes ferros e muitas escórias de ferro, 43 pregos de ferro, ossos de animais e um fragmento de cerâmica com defeito de cozedura. Esta camada de terra é muito semelhante às unidades [182] e [158], tratar-se-ia do mesmo nível de entulhos.

Os muros [125] e [187] são posteriores à muralha medieval, encostando-se ao seu alicerce. O alicerce da muralha é composto por pedras médias e bastante argamassa de cal bem compactada e com terra, a qual por sua vez assenta sobre níveis republicanos, na U.E [124] e [148], isto é, nos níveis de ânforas. Na U.E [191] a qual se encontra sob a unidade [148], nota-se uma diminuição dos materiais cerâmicos nesta zona, no entanto, aparecem cerâmicas ibéricas, com pintura vermelha e cerâmicas campanienses. Identificou-se também uma grande quantidade de ossos domésticos, escórias de ferro e pequenos fragmentos de vidro. Na unidade [191] perduram muitos fragmentos de ânforas, muitos ossos animais, cerâmica da Idade do Ferro, cerâmica brunida, cerâmica com engobe vermelho e cerâmicas ibéricas. Sob a U.E [192] que se caracteriza por um pavimento de terra batida que se mete sob a U.E [126] continuavam a aparecer alguma cerâmica comum romana, campanienses, mas detectou-se uma grande diminuição em termos de aparecimento de ânforas. Nesta mesma área sob a unidade estratigráfica [191] e [192] encontra-se a unidade [225], a qual se define por uma pequena sondagem realizada junto ao troço de muralha [188], que se trata de um contexto fechado/selado e que contém apenas materiais da Idade do Ferro, cerâmicas de pastas pretas e brunidas, cerâmicas ibéricas, cerâmicas mais grosseiras, talvez de produções locais, faltando comprovar estes dados através de análises aos materiais exumado deste local e pertencentes à campanha do ano de 2006.

Em toda a área escavada, denotam-se alguns contextos da Antiguidade Tardia, que se encontram fortemente destruídos pelas ocupações posteriores, sobretudo a Islâmica. Destaca-se algum material desta época que possui uma certa envergadura, como é o caso do fragmento de imposta com decoração com uma cruz grega “patada” repetida, com representação de um cordão com oito ligações, representando uma continuidade ou vínculo entre os motivos, que neste caso são apenas as cruzes (**Fig.17**). Poder-se-á tratar de um fragmento de uma imposta em mármore do séc. VI/VII. Recentemente encontrou-se uma outra do mesmo tipo na cripta do mausoléu detectado durante as obras do Eixo Comercial de Mértola/2008. Esta imposta possui uma maior estatura que a primeira, mas no entanto são

semelhantes no que respeita à forma da cruz e da decoração, como também como o tipo de granito.

O espaço intervencionado estruturava-se em dois patamares com uma diferença de três metros de altura entre eles. Assim, na generalidade, no que respeita à interpretação das estruturas podemos aferir que no decorrer da escavação, para além do forno cerâmico Medieval/Moderno detectado no ano anterior e em cota mais elevada, foi exumado um enterramento isolado (Fig.12), datado da época cristã da Baixa Idade Média, certamente relacionado com os enterramentos (necrópole) desta época encontrados na zona envolvente da Mesquita/Igreja Matriz e Alcáçova (MACIAS:2006). Em nível inferior, tal como tinha acontecido nas escavações da Alcáçova organizavam-se contextos habitacionais de época almóada. É possível que estes contextos fizessem parte do bairro habitacional da Alcáçova, sendo este o limite nascente, mas esta hipótese só poderá ser confirmada com informação proveniente do quintal da Mesquita/Igreja Matriz, que permita aferir se nele se encontrava o pátio da antiga mesquita ou se se prolongava neste espaço o bairro da Alcáçova (GÓMEZ *et alii*, 2009). No entanto, é plausível que no actual quintal da Igreja Matriz existisse um pequeno pátio pertencente à antiga Mesquita e no resto do espaço, junto ao adarve da muralha se prolongasse o bairro habitacional da Alcáçova, ocupando assim o espaço até ao limite Este da muralha, isto na zona de entrada da cidade.

No patamar superior, foram escavadas duas casas incompletas, isto devido aos limites impostos pela obra, os quais limitaram a interpretação total dos espaços. Assim, as habitações encontravam-se separadas apenas por uma estreita rua de 0,90 m de largura, pavimentada em terra batida, possivelmente um adarve (pequena rua privada/sem saída), “pertencente a um mesmo clã familiar” (TORRES, 1999). A primeira habitação encontrava-se encostada/adossada à Muralha Medieval islâmica, servindo-se dela como muro. Nesta habitação 1 escavou-se apenas um compartimento, aproximadamente com 1,72m de comprimento por 1,92m de largura, que teria sido utilizado sucessivamente com espaço de trabalho pois nele encontrou-se uma zona de pavimento com ladrilhos e uma estrutura cruciforme, construída em pedra, com muitas marcas de fogo, bastantes cinzas, pequenos fragmentos cerâmicos e telhas. Deve-se tratar de um espaço de trabalho, mas a ausência de escórias impede assegurar que se tratasse de uma forja. É de salientar que, sobre o resto do espaço situado a poente assenta a muralha medieval da vila, impossibilitando a compreensão total do compartimento (**Fig.13**). Após a escavação da estrutura cruciforme, detectou-se uma pequena lareira, bem delimitada por pedras e seixos dispostas em forma circular

apresentando-se queimadas, com bastantes cinzas, pequenos fragmentos de telhas, escórias de ferro, e ao lado uma zona de depósito de cinzas, o que nos permite interpretá-la como uma pequena oficina de trabalho, com uma pequena forja (**Fig.18**). Isto porque, sob esta lareira encontramos uma outra também delimitada por seixos de rio, telhas e contendo bastantes escórias de ferro. Por sua vez, ao lado desta, apareceu uma cavidade oval revestida de uma espessa camada de cal que interpretamos como um “esponjeiro”, estrutura para derregar a cal e fazer argamassa a partir desta (PALMA e GÓMEZ, no prelo) (**Fig.19**). Estamos assim, perante um sucessivo espaço de trabalho doméstico, o qual esteve sempre ligado ao labor com o ferro, o que indica que, provavelmente, seria uma pequena forja familiar, antecedida de uma zona de manuseio e fabrico de argamassa de cal. Este espaço foi sofrendo diversas alterações ao longo do período islâmico, de acordo com as necessidades dos seus habitantes.

No mesmo nível, do outro lado da estreita rua, encontrou-se a habitação 2 (com uma área escavada com comprimento total de 2,75m por 2,15 de largura) também ela do período almóada, com os seus espaços bem delimitados (**Fig.13**). Podemos distinguir a cozinha, único espaço escavado por completo, com piso em lajes de xisto e mós reutilizadas como material de construção, salão e pátio com piso em terra batida, e um outro pequeno compartimento parcialmente escavado. Os muros das habitações 1 e 2 são em alvenaria até uma altura de 0,50m, construídos com blocos de pedras unidos com terra, sobre os quais se erguia o resto da casa, construída em taipa, tal como sucedia nas casas da Alcáçova. Devido às limitações impostas pela obra, não nos foi possível conhecer a área total da habitação. Os níveis de abandono desta vivenda forneceram bastantes fragmentos cerâmicos, desvendando novas formas a acrescentar ao repertório almóada de Mértola (GÓMEZ, 2006) (ver anexos). Muitas das formas cerâmicas encontradas nos contextos almóadas da Biblioteca Municipal correspondem a tipos já documentados no bairro de vivendas da Alcáçova do Castelo sobre os quais não nos vamos estender. Apenas se destacam aquelas peças que constituem formas novas a acrescentar à tipologia já desenvolvida por uma das investigadoras do CAM na sua tese de doutoramento (GÓMEZ, 2006) e aos fragmentos e variantes que contribuem com novidades para o panorama da cerâmica almóada do Gharb al-Ândalus (PALMA e GÓMEZ, no prelo).

É ainda relevante, o aparecimento sob a cozinha da habitação 2 (almóada) de uma fossa séptica (**Fig.20**), corta na sua parte superior, de perfil oval e com as paredes revestidas em pedra. Nesta fossa, possivelmente de época califal, detectou-se uma tigela decorada em verde e manganês com temas fitomórficos e epigráficos (séc. X) (Fig.37). Esta estrutura indica-nos,

claramente, que esta zona da medina terá tido uma ocupação constante e organizada ao longo do Período Islâmico e que as obras de construção de época almóada arrasaram os níveis estratigráficos anteriores. Estamos assim, perante uma área da Medina em que convivem os espaços de habitação e de trabalho de forma continuada, embora as construções e os seus usos foram sofrendo diversas alterações ao longo do período islâmico, de acordo com as necessidades dos seus residentes.

No patamar inferior, detectámos dois compartimentos de época almóada, os quais cortam e assentam sobre um conjunto de estruturas fortificadas de época Romano Republicana e da Idade do Ferro. Não detectámos nenhuma ligação entre as estruturas islâmicas do patamar superior e do patamar inferior, no entanto, tal como na habitação 1 do patamar superior, este seria também um espaço de trabalho, visto que existia uma grande quantidade de cinzas, carvões, barro e cerâmica fragmentada, no entanto, o seu grau de destruição impede chegar a conclusões sobre que tipo de actividade artesanal se desenvolvia neles. Hipoteticamente, esta poderia ser uma zona periférica da alcáçova, onde estariam situados os espaços de trabalho, deixando a zona habitacional livre de fumos, cheiros e outros tipos de incómodos inerentes aos ofícios do labor do ferro, do trabalho da cerâmica, do manuseio da cal, entre outros.

Sob estes níveis do período Islâmico, tanto no patamar superior como no patamar inferior, encontraram-se alguns níveis tardo - romanos que na sua maioria se achavam quase totalmente destruídos, estratos do período Romano – Republicano e da Idade do Ferro. Destaca-se, pelo seu bom estado de conservação, um troço de muralha, de época romana - republicana (séc. II a.C.) com cerca de dois metros de largura e quatro de comprimento, assim como o seu torreão de grande monumentalidade que se encontra em razoável estado de conservação. Este torreão possui um aparelho bem consolidado, com pedras alternadas com terra e por vezes argila. As pedras foram talhadas de forma rectangular, formando um aparelho compacto, uniforme e resistente que conserva, ainda, cerca de três metros e pouco de altura por dois de largura (**Fig.21**).

Um outro troço de muralha (**Fig.22 e 23**), este datado provisoriamente dos finais da Idade do Ferro, visamos não ser possível aferir, para já, cronologias precisas, encontra-se sob os níveis romanos – Republicanos e está associada a estratos bem selados, com muitos materiais pré-romanos, entre os quais se encontram relevantes importações de diversos pontos do Mediterrâneo. Muitos fragmentos de ânforas (púnicas, gaditanas, cartaginesas entre outras) (Fig.51,52), cerâmicas ibéricas de tradição indígena, e inúmeros fragmentos de cerâmicas áticas, o que atesta o papel relevante desta cidade no comércio com o Mediterrâneo Oriental.

Este troço de muralha da Idade do Ferro tem orientação Este – Oeste, cerca de dois metros de largura, e é construído com pequenas e médias pedras de xisto (mais ou menos quadrangulares nas faces), formando fiadas regulares com argamassa de barro e por vezes apenas terra. Note-se que, este troço de muralha sofreu transformações, na medida em que sobre ela assenta a Muralha do século II a.C.(zona Oeste) e na zona Sul foi destruída para sobre ela assentar os alicerces das construções do período Islâmico. Finalmente, sobre o seu troço mais a Leste assenta a muralha Medieval da Vila, que se apoia nela, cortando-a precisamente na zona onde sobre ela se estabelece. Tal como acontece com este torço de muralha da Idade do Ferro, também o torreão Romano – Republicano se encontra sobre os eixos longitudinais da muralha medieval da vila, a qual aproveitou em grande medida para assentar sobre as estruturas previamente existentes, impossibilitando assim a compreensão total destes troços de muralhas que se estendem sobre ela. Ficam assim por esclarecer umas séries de dúvidas em relação a estes traçados de muralhas. Quais as suas verdadeiras dimensões? Que interligações tinham com as monumentais estruturas da zona palatina da cidade? Seria aqui a primitiva entrada no núcleo urbano da antiga cidade de Mértola?

Numa outra zona da escavação, em níveis comprovados da Idade do Ferro, destacam-se fragmentos de pratos de engobe vermelho, com relevo emisférico ou concavidade central, de pastas calcárias e brandas (**Fig.61,62,63**). Para estes pratos existem paralelos em Tavira, datados dos finais do século VII a.C. a inícios do século VI a.C. (MAIA, 2003: 244) e em Castro Marim, onde lhes conferem uma cronologia mais curta, século VI a.C. a V a.C. (FREITAS, 2005).

Através da análise das estruturas e dos contextos é possível propor que esta área tivesse tido uma ocupação mais generalizada, do local, sobretudo no século XII. Entre o século I/II até ao século XI/XII o sítio permanece sem uma ocupação manifestamente comprovada e com zonas utilizadas sobretudo para lixeiras, entulhadas, fossas, ou seja, locais onde eram vertidos os materiais já sem uso, como é o caso das fossas com imenso material cerâmico, bem como a área junto da muralha e torreão Romano - Republicano que possuía uma quantidade considerável de fragmentos de ânforas, fragmentadas na sua totalidade. Esta ideia poderá derivar da exiguidade do espaço escavado, que limitou a escavação e a compreensão do sítio, como também, da destruição do que existia pelas ocupações seguintes, como é o caso da Islâmica e da ocupação do século XVI, através do forno cerâmico datável do mesmo século. Outra constatação tem a ver com as muralhas, as precedentes à medieval islâmica e medieval tinham um alinhamento divergente, prova disso é o desalinhamento que estas

contém, e o facto da muralha medieval assentar sobre grande parte dos níveis republicanos, sobretudo níveis de terra e cerâmica, entulhos, depósitos ou até mesmo lixeiras.

Todo este espaço urbano, limitado pela construção das fortificações da cidade e pela diversa e intensa ocupação ao longo dos séculos necessitava, ainda, de uma intervenção arqueológica mais profunda, de forma a atingir os níveis inferiores da Muralha da Idade do Ferro e poder aferir com clareza a sua datação e continuidade num espaço que tem uma longa ocupação civilizacional e temporal o que contribuirá para um melhor conhecimento da Mértola Pré-Romana e dos muitos contactos comerciais que manteve com o Mediterrâneo Central e Oriental, sobretudo na 2ª metade do I milénio a.C., os quais se prolongariam ao longo dos tempos. Contudo, esta intervenção não será possível por razões inerentes ao projecto e também a nós alheios.

Um dos objectivos pretendidos nos trabalhos arqueológicos nesta área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola era o estudo e salvaguarda do maior número possível destas estruturas de grande monumentalidade. Inicialmente, pretendia-se que estas ficassem integradas no futuro edifício da Biblioteca Municipal de Mértola, visíveis e visitáveis ao público em geral, no entanto, apenas o torreão de época Romano - Republicana será alvo de uma pequena musealização, integrando uma zona onde irá ser construído um espelho de água.

Note-se que, nesta zona da vila, dentro do recinto amuralhado da Idade Média, nunca se tinham encontrado níveis estratigráficos fiáveis de época Romana – Republicana e da Idade do Ferro, o que realça a importância da descoberta destas estruturas numa das principais zonas de entrada no núcleo urbano da cidade.

5.7. Implantação das Estruturas

Parece imprescindível começar por referir que a instalação de populações no esporão rochoso, onde se implantou a cidade de Mértola, e onde na Idade Média se construiu o Castelo iniciou-se ainda durante a Idade do Bronze (ARRUDA, 2008) e que durante a Idade do Ferro, a época romana, a antiguidade tardia, a época medieval islâmica, a época medieval cristã e a época moderna, o sítio permaneceu ocupado. A nível da topografia infere-se, para esta área escavada, a existência de plataformas com distintas cotas, dispostas em socalcos, onde se implantavam as estruturas habitacionais, tal como ocorre na restante urbe intramuros.

Durante toda a escavação, e encontrando-se a mesma já à cota de 51,20 metros, não se atingiu o substrato rochoso, apenas se verificou no patamar superior a existência de uma pequena zona estéril, sem materiais arqueológicos, só com a presença de pedras. Numa sequência estratigráfica que, em certos locais, atinge já os quatro metros de altura, detectámos a existência de diversas ocupações do sítio, desde os níveis da Idade do Ferro, bem conservados, e que podemos datar genericamente, entre o início do século VI/V a.C e a época romano - republicana, aos níveis de época romano – republicana, alguns níveis da Antiguidade tardia, de época islâmica (Almóadas) e de época Moderna.

Esta intervenção arqueológica possibilitou compreender um pouco mais das diversas fases de ocupações da vila de Mértola, mas sobretudo dos níveis sidéricos, até agora quase irreais e em grande parte apenas aflorados.

Neste sítio, o primeiro momento construtivo até agora identificado, não corresponde à primeira ocupação do sítio (século VI/V a.C.). A fracção da estrutura defensiva identificada é considerável, tratando-se de um troço de muralha [188] com orientação Este – Oeste, com dois metros de largura, construído com pequenas e médias pedras de xisto (mais ou menos quadrangulares nas faces), formando fiadas regulares com argamassa de barro e por vezes apenas terra. Este troço de muralha datada provisoriamente da Idade do Ferro⁶ sofreu transformações, na medida em que sobre ela assenta a Muralha do século II a.C. (zona Oeste) e na zona Sul foi destruída para sobre ela assentar os alicerces das construções do período Islâmico. Finalmente, sobre o seu troço mais a Leste assenta a muralha Medieval da Vila, que se apoia nela, cortando-a precisamente na zona onde sobre ela se estabelece. Encontra-se sob os níveis romanos – Republicanos e está associada a estratos bem selados, com muitos materiais pré-romanos, entre os quais se encontram relevantes importações de diversos pontos do Mediterrâneo. Tal como acontece com este troço de muralha da Idade do Ferro, também o torreão Romano – Republicano [123] se encontra sobre os eixos longitudinais da muralha medieval da vila, a qual aproveitou em grande medida para assentar sobre as estruturas previamente existentes, impossibilitando assim a compreensão total destes troços de muralhas que se estendem sobre ela. Quanto à primeira ocupação do sítio, esta terá ocorrido em momentos anteriores, isto porque numa outra zona da escavação foi detectado o topo de outra estrutura de grande envergadura [184], com mais de dois metros de largura, as quais se encontram sob a muralha da

6 Visamos não ser possível aferir, para já, cronologias precisas devido ao facto da escavação ainda não estar concluída e os materiais ainda não se encontrarem totalmente tratados

Romano – Republicana e por sua vez numa cota abaixo do troço de muralha da Idade do Ferro o que poderá indicar uma fase construtiva anterior, contudo, devido às limitações impostas pelas obras de construção, ficou por averiguar a sua dimensão e qual a função neste imbricado de sobreposições de estruturas(Fig.14, 15 e 16).

De certa forma, as muralhas e fortificações são sistemas de coesão social e também o reflexo da consolidação da ocupação estável de um determinado território e o garante da estabilidade dos habitats (BERROCAL-RANGEL, 2004:32).

O facto da área escavada ser limitada não permitiu uma certa leitura horizontal dos vários momentos construtivos e dos respectivos planos arquitectónicos presentes ao longo da diacronia das diferentes ocupações. Isto apenas se pode verificar na fase da ocupação islâmica do sítio, onde foi claramente perceptível todas as suas fases de ocupação, de duas áreas habitacionais, bem como restituir as suas funções, a organização dos espaços em torno de arruamentos que funcionavam como elementos estruturantes da distribuição das casas.

No que respeita às técnicas construtivas, é importante referir que se notam diferenças bastantes díspares entre os vários momentos construtivos das diversas ocupações do espaço, isto é, registam-se alterações no modo construtivo entre os diferentes períodos históricos. Contudo, os muros conservados de diferentes épocas tinham características comuns, as quais se definem por paredes de alvenaria, construídas por pedras de xisto de médias e pequenas dimensões, irregulares, ligadas, na sua maioria, por terra, possuindo uma largura média de 50 cm. No entanto, no caso das muralhas, as situações verificadas são diferentes, pois a construção difere da dos muros das habitações e de outras construções quer do período islâmico, quer dos períodos anteriores. As muralhas identificadas também tinha como elemento construtivo comum as pedras de xisto, de médias dimensões, bem talhadas, de forma quadrangular e bem ligadas com terra e com argila, formando um aparelho bastante consistente e homogéneo, tornado estas muralhas sólidas e estáveis, não cedendo com o passar dos séculos e sobretudo com as diversas ocupações que lhes seguiram e que de alguma forma as perturbaram.

É importante referir que em muitos dos muros identificados se verificou a quase total ausência de valas de fundação. Sobretudo nos muros de época islâmica que assentavam quase todos sobre estruturas pré-existentes de épocas anteriores, como é o caso dos compartimentos do patamar inferior que se estabeleciam sobre o troço da muralha da Idade do Ferro, de muros que assentavam em estruturas da Antiguidade tardia e que em grande

parte as destruíram, impossibilitando assim a sua correcta interpretação. A sustentação de alguns dos muros mais consistentes, assim como da muralha romano - republicana, era conseguida por uma selecção deliberada no tamanho das pedras que constituíam as suas paredes, que, ao nível da base, eram blocos de maiores dimensões, diminuindo o seu tamanho à medida que a parede subia em altura.

Relativamente às infra-estruturas da vida quotidiana das populações, que ao longo dos séculos ocuparam esta zona, identificámos um conjunto de construções situadas dentro e fora dos compartimentos, cuja função estava iminentemente relacionada com o desenvolvimento das suas actividades quotidianas. Entre estas, destacam-se, pela sua frequência, as lareiras, forjas, fossas, lixeiras, mós, forno entre outros de interpretação dúbia.

Note-se que, esta unidade de análise se encontra limitada pelos factores já referidos anteriormente, limitando em grande parte a compreensão do sítio e sobretudo muitas das implantações de certas estruturas. Contudo, podemos tirar algumas ilações sobre as estruturas postas a descoberto e as suas interligações. Este espaço encontra-se num ponto-chave para a compreensão da estruturação da entrada no núcleo urbano da cidade, assim, como comprovam os vestígios arqueológicos, aqui ter-se-ão estabelecido desde os primórdios da ocupação da mesma, as estruturas defensivas com uma das suas portas principais, o estabelecimento de tropas, os locais de comércio e o eixo de ligação com o resto da cidade intramuros. No entanto, apesar da potência estratigráfica posta a descoberto, a sequência cronológica é complexa não permitindo um total desvendamento da interligação de grande parte destas estruturas. Por outro lado, os estratos mais próximos de nós a nível cronológico são os melhores percebidos, não só pelo seu estado de conservação e pela ausência de intromissões posteriores, mas também por se tratarem já de contextos bastante estudados no âmbito das intervenções arqueológicas realizadas em Mértola ao longo dos últimos trinta anos.

Como é normal nas actuações em sítios urbanos, detectou-se alterações post - deposicionais, especialmente o forno do século XVI, fortes intromissões medievais de época islâmica, que interromperam os estratos formados na anterioridade. A confluência de todos estes factores proporcionou uma leitura complexa da sucessão ocupacional sendo possível documentar cinco fases diferentes. A ocupação mais recente corresponde à zona que foi utilizada como horta agrícola [001] no patamar superior. Depois temos, no patamar inferior, o forno de época moderna, ao qual correspondem as unidades [019], [020], [022],

[023], [029], [166], [167] e [168]. Neste mesmo momento, no patamar superior, terá sido praticado o enterramento do indivíduo detectado [035] [036] [037] [038]. De época Medieval temos uma ocupação que abrange tanto o patamar superior como inferior, abrangendo uma grande quantidade de unidades estratigráficas (cf. Tabela U.E's). A ocupação de época romana – republicana traduz-se sobretudo nas estruturas defensivas [123] e [126] que já foram referidas. Finalmente, quanto à Idade do Ferro, as unidades são estanques e traduzem-se na maior parte em níveis selados [188]. A própria disposição dos níveis arqueológicos e a sua cronologia são já um importante indicador da evolução da cidade não só no tempo como, também, na ocupação do espaço.

Entre o século II e o século IX a dúvida permanece. Nesta área intervencionada, as estruturas destas épocas não se encontram visíveis, sofrerem fortes perturbações posteriores, que em grande medida as destruíram não possibilitando que chegassem até nós mais do que alguns muros dessas épocas. Constata-se uma continuidade na ocupação do sítio, onde perduram algumas construções estruturantes para o sítio.

Os dados aqui são um pouco parcelares, este é um dos poucos locais, em Mértola, onde os trabalhos arqueológicos efectuados fornecem séries de elementos cronológicos que permitem algumas ousadias em termos interpretativos.

5.8. Problemas Encontrados

“Se podés olhar, vê. Se podés ver, repara.” José Saramago

Para além da complexidade estratigráfica, fruto da longa diacronia de ocupação do sítio, deparámo-nos ainda com outras dificuldades, como as limitações urbanísticas da envolvente, da construção do edifício da Prisão, no século XIX que cortou, possivelmente até à rocha, parte das evidências de antigas ocupações. Na prática, esta construção do século XIX traduziu-se no corte de estruturas do período islâmico, romano - republicano e da Idade do Ferro, impossibilitando a sua total leitura e a compreensão deste zona tão importante na entrada no núcleo urbano da cidade, e a compreensão do sítio na sua longa duração.

Contudo, a potência estratigráfica do local permitiu uma leitura horizontal dos vários momentos construtivos e da evolução dos respectivos planos arquitectónicos presentes ao

longo da diacronia das ocupações. O faseamento apresentado deduziu-se a partir do registo arqueológico. No entanto, a longa diacronia da ocupação e a extrema complexidade de algumas estruturas construídas nem sempre possibilitou a definição clara da organização, disposição e tamanho das unidades construtivas. Ainda assim, observou-se a existência de uma certa organização urbanística para alguns períodos já referidos em pontos anteriores desta trabalho, como é o caso do período islâmico.

Por outro lado, a ausência de vestígios de época sidérica, como também de época romana - republicana na vila de Mértola, ou até mesmo nas redondezas, não permitiu, inicialmente, traçar comparações locais, apenas comparações regionais através dos tipos de cerâmicas, de estruturas e das diversas influências mediterrânicas.

As intervenções em âmbito urbano, tal como tem vindo a ser demonstrado, são sempre limitadas pelas condicionantes das obras de construção civil, pela área urbana envolvente, pelos interesses urbanísticos, muitas vezes pelos poder político local, ficando sempre para segundo plano as intervenções arqueológicas e a preservação do património, que em muitos casos são vistos como entraves ao desenrolar das mesmas. Porém, muitas das vezes é esquecido que a arqueologia não pretende ser um obstáculo, mas sim aspira ter um papel fundamental na salvaguarda do património de cada cidade ou vila. Neste caso específico, o facto da totalidade da área de expansão do edifício da Biblioteca Municipal se encontrar repleta de vestígios arqueológicos, não permitiu um célere desenvolvimento da intervenção e por sua vez da obra, pois os vestígios em causa eram e são de grande importância para a história local e para o projecto que fez de Mértola, Vila Museu, e umas das referências a nível nacional no que respeita a intervenções em meio urbano. Apesar das evidências arqueológicas de grande monumentalidade, como é o caso dos vários troços de muralhas, o projecto arquitectónico não foi modificado no que respeita à sua cota base, levando a que muitas destas construções tenham de vir a ser destruídas, não permitindo assim a preservação dos diversos testemunhos arqueológicos, de grande monumentalidade, nesta área e impossibilitando a total compreensão do sítio, eliminando uma parte do património local.

5.9 Cultura Material

*“A Arqueologia é quase uma ciência positiva.
Vive dos objectos manipulados pelo homem,
alimenta-se dos materiais onde ele deixou impressas
as suas dedaças, situa-os no espaço e no tempo. A
recolha, a identificação e a catalogação desses
objectos são muitas vezes um quebra – cabeças.”*
António Borges Coelho

Esta intervenção arqueológica pautou-se pela enorme quantidade e qualidade de material arqueológico que forneceu, dos mais diversos períodos, sobretudo uma grande quantia de fragmentos cerâmicos. A cultura material de um sítio arqueológico diz muito sobre o mesmo, sobretudo a cerâmica porque se trata de um fóssil director, podendo-se através dela chegar a diversas conclusões.

Visto que, a quantidade de material exumado foi bastante considerável, e que este trabalho não pretende ser exaustivo, aqui serão, apenas, apresentados alguns materiais recolhidos e considerados importantes no seu contexto, principalmente cerâmica, a qual caracteriza cada uma das fases históricas deste arqueosítio. Assim, em primeiro lugar serão abordados os contextos mais recentes, recuando até aos materiais arqueológicos da primeira ocupação do sítio. Os materiais exumados permitem reunir um acervo informativo e discutir ritmos e cronologias de ocupação, no sul de Portugal, desde os séculos VI a.C. até ao século XVI. De certa forma, alguma da cerâmica proveniente desta intervenção apenas vem confirmar que o porto de Mértola foi de facto um ponto crucial de intercâmbios comerciais muito forte ao longo de vários séculos, sobretudo com o Mediterrâneo.

Um jarrinho fragmentado, proveniente do interior do forno cerâmico do século XVI é uma das poucas peças com leitura que se encontravam nas unidades desta estrutura, tanto interiores como exteriores. Trata-se de um pequeno jarro com asa, pasta acastanhada, com alguns elementos não plásticos, encontrando-se fragmentado na sua base e também no seu topo. Terá sido, possivelmente uma das peças com defeito que resultaram das últimas fomalhas a serem realizadas (**Fig.26**).

Em época islâmica, após um momento de declínio nos séculos VIII e IX, Mértola readquire um papel fundamental como charneira dos intercâmbios culturais e comerciais como o Mediterrâneo Ocidental (GÓMEZ, 2006; MACIAS, 2006). A quantidade e qualidade dos materiais cerâmicos decorados em verde e manganés encontrados nas escavações arqueológicas de Mértola, testemunha bem as estreitas relações com outras áreas do al-Ándalus, do Mediterrâneo Ocidental e Tunísia, nos séculos X e XI. Essas mesmas rotas de cabotagem são reforçadas no século XII-XIII, sendo testemunhas disso as cerâmicas decoradas em corda seca total ou em reflexo metálico (GÓMEZ, 1994 e 2003). Nos níveis islâmicos já descritos anteriormente, encontraram-se inúmeros fragmentos cerâmicos quebrados mas que, no entanto, na sua grande maioria davam colagem entre si, conseguindo-se refazer as peças em questão. Começamos pelas formas de armazenamento e transporte, onde encontramos um elemento peculiar, não tanto pela sua tipologia como pelo seu tamanho (**Fig. 27**). Trata-se de um exemplar de suporte de talha em miniatura que reproduz em pequenas dimensões (137mm de largura por 85mm de altura) a mesma estrutura dos seus congéneres de tamanho normal: corpo troncocónico invertido que se eleva sobre uma alto pé anelar diagonal. No fundo do objecto abre-se um orifício conectado com um pequeno bico vertedor destinado a escoar a água para um outro recipiente. Sobre a sua superfície, encontramos alguns pingos de vidrado verde e algumas ténues caneluras na conexão entre o corpo e o pé. O seu reduzido tamanho leva-nos a pensar que não teria uma função utilitária, embora não seja de descartar completamente o seu uso como suporte para alguma jarriinha (PALMA e GÓMEZ, no prelo).

Verificou-se, um fragmento de jarra ou pequena talha (**Fig. 28**), de paredes muito finas em proporção ao tamanho da peça e ornamentado com motivos estampilhados parcialmente cobertos com vidrado verde. Os temas ornamentais, distribuídos em sucessivas bandas horizontais separadas por pequenas molduras triangulares, são de difícil leitura, no entanto, a banda superior reproduz um motivo fitomórfico, enquanto o registo inferior parece corresponder a um tema epigráfico (PALMA e GÓMEZ, no prelo).

No que diz respeito à cerâmica de cozinha, encontramos algumas novidades interessantes, em relação ao panorama da cerâmica islâmica de Mértola. Por um lado, encontramos um tipo de panela de base convexa, corpo piriforme, e bordo introvertido recto com lábio triangular separado do corpo por uma carena (**Fig. 29**). O seu interior encontra-se revestido de vidrado melado que escorrega de forma desordenada pelo exterior da peça. Em comparação com as panelas da Alcáçova, este tipo possui uma carena mais marcada (GÓMEZ, 2006). Uma outra

panela (**Fig. 30**) corresponde a uma variante de tosca execução da panela de base convexa e corpo troncocónico, amplamente difundida nas casas almóadas da Alcáçova de Mértola (GÓMEZ, 2006) mas diferente de estas últimas na continuidade considerável entre corpo e colo. O tipo mais peculiar de panela, embora de difícil precisão funcional, corresponde a uma forma, não registada até agora em Mértola, composta por base convexa, corpo globular e colo cilíndrico alto e canelado com duas asas verticais entre o colo e o ombro (**Fig.31**). Encontra-se revestida de vidro melado muito cuidado no interior e irregular no exterior. Este facto leva-nos a duvidar da atribuição funcional no grupo das panelas, podendo tratar-se igualmente de um pote destinado ao armazenamento que no chegaria a ser utilizado no fogo (PALMA e GÓMEZ, no prelo).

Uma outra forma nova no repertório de Mértola é uma jarrinha (**Fig.32**) de base plana, corpo piriforme separado do colo cilíndrico curvo por uma marcada carena e bordo sinuoso de lábio triangular com duas asas verticais entre o ombro e o bojo. Apresenta três traços curvos pintados a branco e caneluras no corpo. Esta forma, invulgar em Mértola, tem bastante difusão no Algarve Oriental.

Um outro tipo bastante interessante, corresponde mais uma vez, a uma miniatura (**Fig.33**). Reproduz um peculiar tipo de pia de abluções caracterizada por possuir corpo hemisférico polilobulado rematado num bordo extrovertido com lábio de secção rectangular. Conhecem-se três exemplos desta forma, um deles encontrado em Mértola (GÓMEZ, 2006: 451), outro de Algeciras (TORREMOCHA e OLIVA, 2002: 243) e o outro em Almería (MUÑOZ e FLORES, 2005).

Detectaram-se, entre os muitos fragmentos de cerâmica, três sem leitura morfológica significativa, mas peculiares pelas características ornamentais. Por um lado encontramos um fragmento (**Fig.34**) do que supomos ser uma jarrinha de pasta vermelha, com uma inscrição pintada a branco de difícil leitura. Um segundo fragmento (**Fig.35**) corresponde ao fundo de uma peça decorada em verde e manganés de tipologia almóada, técnica pouco frequente na segunda metade do século XII e primeira metade do XIII, mas claramente diferenciada pelas formas utilizadas e pelo seu repertório iconográfico (PALMA e GÓMEZ, no prelo). Finalmente, temos um fragmento (**Fig.36**) decorado com uma técnica mista que combina a corda seca parcial e o esgrafitado, de clara proveniência do Sharq al-Ándalus (PALMA e GÓMEZ, no prelo).

Outra peça com grande qualidade de execução e com forma completa, trata-se de uma tigela (**Fig.37**) de base ligeiramente convexa com pé anelar muito baixo e com uma moldura

junto da base. O corpo é troncocónico invertido curvo com bordo extrovertido arredondado. No interior, está decorado com vidrado policromo em verde e manganês sobre fundo branco, representando numa banda central motivos fitomórficos esquemáticos ladeada por sendas faixas de inscrições de difícil leitura.

Uma outra peça detectada, já comum no reportório de Mértola, trata-se de uma tigela com bordo vertical com lábio de secção triangular, corpo troncocónico invertido com carena alta e fortemente marcada, e base convexa com pé anelar diagonal. Apresenta no interior uma decoração em melado e manganês, com temas vegetalistas e pseudo-epigraficos, mas no exterior a camada de vidrado é apenas de tom melado (**Fig.38**) (TORRES, 2001: 145). Temos, também, um fragmento de bordo de tigela, extrovertido, com decoração a melado e manganês e no exterior apresenta uma camada fina de vidrado branco. O motivo decorativo que exhibe esta peça consiste num entrelaçado de linhas que formam um “cordão da eternidade” (**Fig.39**).

Um outro fragmento encontrado foi um pequeno fragmento de bordo e parede de uma tigela decorada com branco, manganês e melado (**Fig.40**). O bordo é biselado e o corpo, apesar de se encontrar incompleto, é semi-ovalado. Apresenta o vidrado tanto no interior como exterior, notando-se que em algumas partes que houve escorrimento de cores, tornando assim imperceptível qual o seu motivo decorativo.

Neste conjunto, destaca-se também um jarrinho de pasta vermelha (**Fig.41**), de bordo extrovertido alto, colo cilíndrico, corpo globular, uma asa vertical e base convexa em anel de secção arredondada. Apresenta paralelos formais com uma outra peça proveniente do Criptopórtico de Mértola, no entanto só diferem no tipo de pasta, sendo esta última de pasta branca.

Outra das peças que aparece com alguma frequência no reportório das cerâmicas islâmicas de Mértola tem a ver com as pequenas jarrinhas (**Fig.42**), das quais temos aqui um exemplar. Trata-se de uma pequena jarrinha de bordo e colo extrovertido, corpo bitroncocónico, base plana e com uma pequena asa vertical e o arranque de uma outra. Este como outros exemplares recolhidos em Mértola (TORRES, 2001: 150) possuem formas bastante aproximadas às das suas congéneres de maiores dimensões. Do mesmo género, em termos de dimensões, temos uma outra pequena jarrita, com uma pronunciada carena baixa, arranque de uma asa, base plana, apresentando um revestimento vidrado melado (**Fig. 43**)

Por último, temos um contentor de fogo (**Fig.44**), um candil incompleto do qual não se observa a asa e o gargalo. Possui um corpo bitroncocónico com uma pronunciada carena e

base plana. O bico apresenta uma planta aproximadamente pentagonal com paredes facetadas. Não apresenta qualquer decoração e na ponta do bico são visíveis marcas de fogo deixadas pela chama (TORRES, 2001: 122).

De facto, esta intervenção arqueológica facultou um vasto espólio, traduzido em centenas de contentores de material cerâmico. Destacam-se grandes quantidades de fragmentos de ânforas, resultantes, sobretudo, da U.E [124] que se caracterizava por terra semi-compacta e com bastante material cerâmico entre o torreão romano – republicano [123], a muralha de mesma época [126] e a actual muralha medieval. Assim, serão descritos alguns dos materiais mais significativos desta época e de várias unidades estratigráficas.

Temos um exemplar de uma ânfora Greco - Itálica clássica (**Fig.45**), da qual existem imitações béticas na Baía Gaditana durante o século II a. C. Com respeito ao *titulus pictus* que a mesma possui, trata-se de um *tria nomina* composto por um possível “M”, um ponto e possivelmente outras letras que não permitem uma correcta leitura. Quanto a possíveis paralelos, em território português, tenho a informação⁷ de que em Aljustrel (Manganha) foi localizado um fragmento de uma ânfora deste tipo, com pasta similar mas sem o *titulus pictus*. Na escavação do Museu de Faro (ARRUDA, BARGÃO e SOUSA, 2005) existem alguns exemplares que se assemelham a este, mas tal como em Aljustrel, sem o *titulus pictus*. Em território espanhol, em Huelva, também existe um paralelo, igualmente sem a inscrição, procedente do Cabeço de São Pedro, proveniente de níveis revolvidos pelas culturas agrárias modernas (BELÉN, FERNÁNDEZ-MIRANDA e GARRIDO, 1977: 26). Este fragmento não foi o único que detectámos com *titulus pictus*, foram encontrados mais dois, um numa ânfora Dressel 1 (**Fig.47**) que apresenta a letra E em duplicado em forma inversa e outro numa Dressel 1A, representando as letras “CMK”, segundo aquilo que se consegue ler (**Fig.48**).

Destaca-se um fragmento de colo de ânfora (**Fig.46**) que saiu da U.E [148], em contextos com muitos fragmentos de ânforas, muitos deles sem leitura, e associados a estruturas do período romano - republicano. O fragmento não é esclarecedor enquanto à sua forma, pois trata-se do colo de uma ânfora para a qual não encontramos, até agora, fragmentos que colassem entre si. Apesar disto, o facto de apresentar um pequeno selo estampilhado, representando a Deusa Tanit, levantou algumas questões sobre a proveniência da mesma. Desta forma, foram colocadas algumas hipóteses de proveniência e de alguns paralelos para este exemplar. Trata-se de um selo circular, com dupla moldura circular contendo no seu

⁷ Informação cedida pela Doutoranda Macarena Bustamante.

interior uma representação geométrica/esquemática da Deusa Tanit com as mãos em posição orante. Numa primeira abordagem os paralelos mais evidentes em termos de selos são os de Torre Alta (San Fernando) na Baía de Cádiz (SÁEZ ROMERO, 2008: 583), onde aparecem estampilhas com representações esquemáticas da Deusa Tanit (**Fig.46**). Embora as semelhanças sejam bastantes e existam selos com a representação da Deusa Tanit, nenhum se assemelha na totalidade ao aqui apresentado. Os de Torre Alta são, sobretudo, estampilhas ovais, onde a Deusa se apresenta com os braços esticados, não exibindo uma figura orante, e apenas um deles apresenta dupla moldura (SÁEZ ROMERO, 2008: 583). Estes selos da Torre Alta, Baía de Cádiz, estiveram bem vigentes durante o século II a.C, existindo uma forte produção a par de um excepcional comércio.

Por outro lado, um outro paralelo para este selo foi identificado no acampamento militar de Valdetorres (Badajoz), onde se encontrou numa ânfora Tripolitana Antiga, oriunda da antiga Tripolitana (Sul da actual Tunis), datada do século II a.C (HERAS MORA e BUSTAMANTE ÀLVAREZ, 2007:321). O selo é semelhante ao de Mértola, a Deusa Tanit apresenta-se esquematizada com as mãos em posição orante, apenas diferindo da que aqui apresentamos no que respeita à forma da moldura circular. Isto é, a de Mértola apresenta-se com duas molduras e a de Valdetorres encontra-se formada uma moldura formada por pequenos pontos que compõem um círculo (HERAS MORA e BUSTAMANTE ÀLVAREZ, 2007:322).

Contudo, a zona de colocação do selo, na zona média do colo da ânfora, parece responder também aos costumes cartagineses mais que aos gaditanos. Em qualquer caso, o achado é inédito, e muito interessante, dada a escassez relativa de selos deste tipo em âmbito atlântico e interior como é o caso de Mértola.

Os fragmentos de bordos de ânforas que se apresentam de seguida (**Fig.51 e 52**) correspondem às U.E [148] e possuem uma raiz fenício-púnica. São idênticas na sua forma, divergindo apenas na cor da pasta. Por outro lado, tratam-se de exemplares da família das T-7.4.3.2/T-7.4.3.3 (ou T-7.4.3.0 “antigas” e “evolucionadas”). Relacionam-se com modelos inspirados em formas cartaginesas (especialmente T-7.4.3.1), de corpos cilindrados, com bocas largas e colos estreitos, asas de secção oval. Os centros produtores, não são só na Baía Gaditana como também em boa parte da costa fenícia sudhispana (SÁEZ ROMERO, 2008). O conjunto cerâmico que se apresenta para esta fase romano - republicana apresenta uma cronologia muito homogénea numa zona em que ainda não se tinha constatado, situando-se sobretudo no século II a.C.

A grande variedade formal registada nestes tipos anfóricos, provenientes de diferentes locais, parece relacionar-se não só com o longo período de produção, mas também com a diversidade de centros oleiros, como a Baía de Cádiz (Torre Alta) ou a área da Campiña Gaditana. Os fornos da Baía gaditana destacam-se nesta produção, tendo sido certamente os contentores mais utilizados na distribuição dos preparados de peixe da área de Gádir. As ânforas Mañá-Pascual A4 foram abundantemente produzidas entre os finais do século VI e o século I a.C., quer no Norte de África, quer na Península Ibérica, e o seu conteúdo era inegavelmente piscícola. A cronologia destes tipos concretos de Mañá-Pascual A4 está documentada no século II e I a.C.

Na Baía de Cádiz assiste-se a um desenvolvimento importante das fábricas de salga, promovendo consciente ou inconscientemente a ampliação dos mercados ao ritmo do auge da nova situação expansionista romana (GARCÍA VARGAS, 1996). Mértola foi sem dúvida o porto de entrada do interior dos produtos do mediterrâneo e também o seu grande consumidor. Assim, identificaram-se diferentes proveniências para as ânforas exumadas nas escavações na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola, estando melhor documentadas as importações da actual Andaluzia, através das produções da Campiña e da Baía Gaditana. A evidente relação de proximidade surge como o principal factor para justificar estas importações, que estão também bem documentadas em território algarvio, nos sítios de Castro Marim e Tavira.

Estes dados, em conjunto com outros obtidos em diversas intervenções realizadas em Mértola, confirmam algumas das hipóteses que se tem vindo a propor para este período histórico. Um depósito de ânforas achado em frente à cidade (FABIÃO, 1987), e outro próximo do sítio de Mata-Filhos comprovam a importação de vinho itálico entre a segunda metade do séc. II, e meados do séc. I a.C. O achado de dois tesouros monetários da segunda metade de séc. II/I a.C. sugerem a chegada de tropas romanas e um subsequente período de instabilidade. Outros exemplares revelam a cunhagem de moeda na cidade de Myrtilis no séc. I a.C. por L. Appuleius Decianus, questor de M. Perpenna. Assim, é sugerido que estes sejam indícios do importante papel da cidade nas guerras de Sertório, no primeiro quartel desse século (FABIÃO, 1992).

Cerâmicas campanienses, ânforas itálicas e moedas são sintomáticos testemunhos da importância de Mértola no período tardo - republicano e de uma forte presença romana na cidade. O estudo das cerâmicas campanienses (LUÍS, 2003), demonstra uma importação maciça de cerâmicas de verniz negro na segunda metade do séc. II a.C. A vertente norte do

castelo de Mértola ofereceu o maior conjunto de cerâmica ática até agora recolhido em território português (ARRUDA, BARROS e LOPES, 1998). Esta cerâmica de verniz negro e figuras vermelhas foi datada de 430/425 a 350 a.C. e considerou-se como a prova de que a cidade tinha nessa época uma elite, provavelmente controladora da extracção do minério e do seu comércio, que tinha um efectivo poder de compra e que teria adoptado hábitos alimentares e sociais até ao momento estranhos à região.

Neste caso também se encontraram muitas cerâmicas campanienses (Fig.54), com muitos fundos com pé anelar, cerâmicas ibéricas de tradição indígena (Fig.53), cerâmicas com decoração estampilhada (Fig.57,59) alguns ossos e cerâmica comum romana, produções anfóricas da península itálica e da baía gaditana (Fig.45,49,50), registando-se entre estas últimas as importações de kalathoi, testemunhando a clara coerência deste último contexto com a realidade do mundo mediterrâneo, cujo impacto se revela incessante ao longo da segunda metade do primeiro milénio, com a existência de elites locais envolvidas nos mecanismos de consumo de importação das cerâmicas áticas, de algumas produções pintadas e oxidantes e da cerâmica de Kouass bem revelador da dinâmica comercial local. Esta unidade estratigráfica [124] e a que se encontrava após [148], tratavam-se, claramente, de níveis republicanos, bem fechados, sem intrusões posteriores. Note-se que, no embasamento da muralha [126], foram detectadas cerâmicas da Idade do Ferro, o que indica que esta muralha e o torreão de época Republicana assentam em níveis comprovados da época transata.

Os circuitos de redistribuição destes últimos bens às periferias interiores estariam a cabo de locais como Mértola, uma verdadeira “ilha” litoral no interior, com o qual o povoado bejense destaca profundas afinidades no panorama das importações áticas (ARRUDA, BARROS e LOPES, 1998), induzindo o papel de Castro Marim e a consequente revitalização da Rota do Guadiana (ARRUDA, 1997).

O conjunto dos materiais é abundante, destacando-se as ânforas, a cerâmica comum, a cerâmica pintada de bandas, a cerâmica de “tipo Kuass” e alguns fragmentos de cerâmica grega. As ânforas de cronologia republicana e produção peninsular, com influência fenício/púnica e as cerâmicas ibéricas de tradição indígena.

A existência de alguns fragmentos de cerâmica de engobe vermelho e de cerâmica cinzenta permite sustentar uma cronologia da primeira metade do I milénio a.C., ainda que sempre do seu final. Estas duas categorias cerâmicas podem ainda estar presentes em contextos do século V a.C., como é o caso de Castro Marim. As cerâmicas de engobe vermelho (**Fig.**) que caracterizam os níveis mais antigos, são representadas por formas

abertas, nomeadamente por pratos. Destacam-se três fragmentos, em níveis comprovados da Idade do Ferro, de pratos de engobe vermelho, com relevo emisférico ou concavidade central, de pastas calcárias e brandas, com o bordo de tendência horizontal, diferenciado relativamente à parede interna e externa do corpo ou com o bordo diferenciado apenas ao nível da parede interna do corpo⁸. Para estes pratos existem paralelos em Tavira, datados dos finais do século VII a.C. a inícios do século VI a.C. (MAIA, 2003: 244) e em Castro Marim, onde lhes conferem uma cronologia mais curta, século VI a.C. a V a.C. (FREITAS, 2005), sendo esta, comparativamente, a que mais se assemelha com os contextos aqui encontrados. Estes exemplares agora encontrados com os já identificados em momentos anteriores (BARROS, 2008; REGO *et alii*, 1996) vem atestar o carácter orientalizante da ocupação sidérica do sítio.

Podemos deduzir que também na viragem da 1.^a para a 2.^a metade do I milénio a.C., e sobretudo durante o século IV a.C., Mértola apresenta uma imensa vitalidade. Assim, parece possível defender que tanto parte do Algarve como do Guadiana interior fica à margem das movimentações dos fenícios para ocidente e que a integração destes território na área mediterrânea se verifica apenas a partir do século IV a.C., momento em que se assiste, em toda a Andaluzia e também nos territórios a ocidente do Guadiana, a uma fase de grande desenvolvimento económico em grande parte baseado na exploração dos recursos marinhos e que implicou a fundação de novos sítios (ARRUDA, BARGÃO e SOUSA, 2005).

Por outro lado, os dados existentes permitem perceber a importância do sítio durante os séculos VI a III a.C.. Da fase mais antiga da ocupação, até agora identificada, existem duas urnas “Cruz del Negro” (séc. VI a.C.) recolhidas em escavações realizadas por Estácio da Veiga no século XIX, tal como os prato de engobe vermelho de bordo largo (séc. VII/VI a. C) (REGO *et alii*, 1996). Para além destes objectos, as escavações realizadas em Mértola desde os finais do anos setenta do século XX, tem dado um outro vasto conjunto de cerâmica que abarca uma cronologia situada entre a segunda metade do século V a. C e o primeiro quartel do IV a.C.

As relações entre a Cidade de Mértola e a foz do Guadiana, mais precisamente Castro Marim, podem ser avaliadas pelos conjuntos artefactuais conhecidos nos dois sítios, onde são notáveis os paralelos. Veja-se o caso dos pratos de engobe vermelho, bem coma as urnas Cruz del Negro no séc. VI a.C., a cerâmica ática, as ânforas, as cerâmicas tipo Kuass revelam

⁸ Correspondendo ao Tipo II.A e II.B de Castro Marim (FREITAS, 2005: 31).

grandes similitudes, o que leva a pensar numa ligação estreita e intensa, para além da “integração numa mesma entidade cultural e económica” (ARRUDA, 2008:317).

Estes novos dados conferem a Mértola a ideia de porto como plataforma de distribuição e, sobretudo os contactos comerciais que manteve com o Mediterrâneo Central e Oriental, especialmente na 2ª metade do I milénio a.C., os quais se prolongariam ao longo dos tempos. Assim, é o facto evidente que a zona entre o Pulo do Lobo e Castro Marim possuem uma unidade evidente ao longo do 1º milénio a.C., parecendo clara a existência de uma entidade cultural comum, que também é partilhada com os territórios litorais da Andaluzia Ocidental.

6. Arqueologia Urbana

6.1. O Caso de Mértola

Foi nos finais do anos setenta do século passado, com o empenho do então presidente da Câmara, Serrão Martins, e de Cláudio Torres, com o apoio sempre presente de António Borges Coelho, ambos professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que começa a dar-se corpo a um projecto de desenvolvimento integrado de Mértola que teria como base principal os recursos patrimoniais, arqueológicos, arquitectónicos, etnológicos e paisagísticos. O tecido urbano do Centro Histórico de Mértola é um conjunto de alto valor histórico, patrimonial, estético e vivencial pelo que, desde o início, se percebeu que a filosofia de intervenção teria que passar sempre por uma recuperação social e patrimonial do Centro Histórico. A designada “Vila Velha” corresponde ao núcleo urbano primitivo que reúne todos os vestígios do passado e é símbolo e motor do seu próprio desenvolvimento turístico. “Este quadro ajuda a perceber como o museu é a própria vila. De facto, historicamente tão importantes como os achados arqueológicos, que enchem os expositores, são as ruas, a organização dos espaços públicos, a estruturação e usufruto das fachadas, volumes arquitectónicos, materiais e as técnicas de construção, assim como uma sustentada requalificação habitacional” (TORRES, 2007).

Em Mértola as intervenções arqueológicas em solo urbano acontecem de maneira regular desde os finais da década de setenta do século XX. Inicialmente, na alcáçova, mas logo de seguida passaram para outros pontos da vila de Mértola, como é o caso da Casa Romana sobre o edifício da Câmara Municipal e da Basílica Paleocristã, casos quase pioneiros no que diz respeito à arqueologia urbana e depois, ao passo seguinte, que é a musealização *in situ*.

Vários são os núcleos museológicos que resultaram de intervenções arqueológicas precedentes e que mantêm vestígios *in situ* do que foram em tempos antigos. É o caso do núcleo museológico da Basílica Paleocristã que foi construído de raiz e mantêm *in situ* as ruínas de uma grande basílica paleocristã, aberta ao culto, entre o século V e o século VIII. Das três naves e ábsides contrapostas, o que resta deste templo funerário é hoje valorizado por uma museografia que apenas sugere as principais linhas arquitectónicas. Para além dessas estruturas, encontra-se exposta uma das mais importantes colecções de epigrafia funerária deste período e alguns artefactos cerâmicos e metálicos exumados das sepulturas intervencionadas. Outro núcleo museológico *in situ* encontra-se na Escola Secundária de Mértola, onde foi escavada e museografada a parte mais significativa de uma grande necrópole romana e tardo-romana sobre a qual se implantou no século XVI uma pequena capela dedicada a S. Sebastião. O cemitério, escavado na rocha, é visitável através de um passadiço metálico e ostenta um painel indicativo. A ermida, completamente reconstruída, abriga um pequeno museu de sítio.

O primeiro núcleo museológico – Casa Romana - é inaugurado em 1989, seguindo-se depois um intenso labor museológico que culminou com a abertura em Dezembro de 2001 do núcleo de Arte Islâmica, o último de oito núcleos museológicos constituintes do Museu de Mértola. Esta intensa dinâmica museológica foi acompanhada de uma intensa actividade de investigação, atestada pela quantidade e diversidade trabalhos arqueológicos e patrimoniais realizados pelo CAM e por sua vez da bibliografia resultante de todo este labor científico. Sempre se entendeu que, tendo em conta as especificidades, as necessidades de preservação e valorização do Centro Histórico, o projecto de museologia local teria que passar pela polinuclearização, instalando em pontos chave do casco antigo pequenos núcleos museológicos temáticos e, sempre que possível no próprio local dos achados arqueológicos, *in situ*, que servissem de pólos de divulgação e dinamização (TORRES, 2007).

O acervo do Museu de Mértola é constituído, na sua maioria, por materiais arqueológicos recolhidos nas intervenções realizadas no concelho e especialmente na vila. Estas intervenções têm origem em escavações em área, a longo prazo, como as realizadas no castelo, na sua encosta e na alcáçova e, nos últimos anos, em regime de acompanhamento de obras, particulares e públicas, realizadas no Centro Histórico e no arrabalde, directamente relacionadas com o crescimento urbanístico e a criação de novas infra-estruturas. Assim, Mértola é um dos casos pioneiros em Portugal em termos de arqueologia urbana, pois desde os finais do anos setenta do século XX, tem vindo a ser realizado pelo Campo Arqueológico

de Mértola, um extenso trabalho de intervenções arqueológicas, acompanhamentos arqueológicos de obras, investigação arqueológica, histórica e patrimonial, acompanhada da musealização e valorização de vários pontos dispersos pela vila. Assim, “os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Mértola nas últimas décadas foram determinantes para o conhecimento da história local, constituindo-se como a principal fonte de informação disponível” (LOPES, 2004: 13).

Todo este desenvolvimento cultural também implica o crescimento do turismo e dos indicadores económicos locais e regionais. Ao longo destes últimos trinta anos é visível que ocorreu um claro dinamismo no processo de desenvolvimento de Mértola. “Quando em finais dos anos setenta do século passado foi iniciado o projecto que hoje chamamos Mértola Via Museu, os seus objectivos não eram muito diferentes daquilo que agora, felizmente, é já um lugar-comum: envolvimento da população, numa tentativa de consolidar a sua identidade e contribuir para o desenvolvimento local” (TORRES, 2007).

De facto, o projecto Mértola Vila Museu, centralizou-se em aproveitar o que o casco urbano da vila velha tinha para dar, revelar e também em resgatar ao subsolo toda uma história que estava por se desvendar. A arqueologia urbana mostrou-se um meio de conhecimento dessa mesma história local, através de pequenas parcelas de terreno, que todas juntas possibilitaram a Mértola conhecer a sua importância histórica ao longo dos tempos. Assim, “podemos concluir que em toda a sociedade, qualquer comunidade procura guardar, proteger os seus bens mais preciosos, as provas e documentos identitários, os objectos e artefactos portadores de uma marca ou sinal da memória colectiva. Este local pode e deve ser o museu. Um espaço sacralizado capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o carácter mais profundo de uma comunidade” (TORRES, 2007).

6.2. O Caso Especifico da Biblioteca Municipal de Mértola

Este edifício, antiga Prisão, é uma boa adaptação a um espaço previamente existente a novas funções culturais, como forma dinamizadora do centro histórico de Mértola. A sua ampliação começou a ser planeada nos inícios dos anos 80 do século XX. No entanto, é de salientar a contradição de ampliar para as traseiras, sobre uma zona arqueológica de maior importância para a história local.

O intuito da localização da Biblioteca Municipal neste sítio incidiu, sobretudo, na dinamização desta parte da vila velha, bem como o aproveitamento de um antigo edifício e de

todo um espaço que na sua envolvente se encontrava um pouco desorganizado e insuficientemente dinamizado.

A história do edifício, já exposta noutra ponto acima (5.2), e das suas alterações arquitectónicas comportam uma lacuna no que respeita à falta de registos que assentem as modificações aí realizadas na década de 80 do século XX e também no longínquo século XIX (1821-23), aquando da sua construção. Nesta falta de registos/arquivos, inclui-se a lacuna de indicações da existência ou não, de vestígios arqueológicos aquando da sua construção, ou até mesmo da sua remodelação interior (1982) e da remodelação do torreão da muralha na década de 50 do século XX. Assim, foi-se destruindo, mesmo que em pequenas parcelas o património arqueológico que, nesta zona, deveria, pelo menos ser prioritário.

Os trabalhos de adaptação do edifício, antiga Prisão/Cadeia, a Biblioteca Municipal iniciaram-se em 1983, pela Câmara Municipal de Mértola (CMM). Situada na entrada da vila medieval junto da Porta da Vila/Beja (Fig.7), a Biblioteca ocupa uma parte do coração cívico e comercial da vila.

Inicialmente, projectou-se que depois de concluídos os trabalhos, a Biblioteca ficaria com dois espaços para leitura e com uma ligação ao adarve da muralha - Alcáçova, Mesquita e Castelo. No entanto, esta ligação ao adarve da muralha, até aos dias de hoje, não passou apenas de intenções e ideias que ficaram em papel nos vários projectos urbanísticos para o local, os quais foram desenvolvidos nos últimos vinte anos.

Apesar de tudo, existe um parecer no projecto inicial que faz referência à necessidade de “valorização e salvaguarda de eventuais achados arqueológicos e de estruturas arquitectónicas sob o edifício principal da Biblioteca”, emitido pelo Campo Arqueológico de Mértola, a pedido da Câmara Municipal e do Instituto Português do Património (PARECER, 1987).

As remodelações e adaptações da ex-cadeia a Biblioteca Municipal realizam-se, finalmente, a 30/12/1987, quando é inaugurada. A actual área de expansão seria nesta data para anexos ao ar livre e o topo do torreão, que fazia parte das muralhas e da porta da Vila, tornou-se um pátio de apoio à sala de leitura, depois de aberta uma porta do piso superior do edifício para o torreão ao qual estava adossado.

Em Novembro de 1988 o Ante-Projecto do Arquitecto Carlos Alberto Marques, previa a construção de um edifício na área de expansão do Edifício da Biblioteca/antiga prisão, um patamar acima do actual espaço de expansão, deixando o actual espaço para uma zona de jardim. Não obstante, o espaço escolhido também estava condicionado à escavação arqueológica.

Em 1989, o CAM emite outro parecer relativo ao projecto de criação da área de expansão da Biblioteca, incidindo “que na concretização do projecto se abra um percurso pedestre directo, através do adraive das muralhas, entre o centro vital da vila (nas portas de Beja) e a zona monumental que incluiu o Fórum Romano, a Igreja Matriz/Mesquita, o castelo e as escavações arqueológicas.”

O processo arrasta-se por mais alguns anos, sem que sejam tomadas importantes decisões em relação ao projecto de expansão do edifício. Só em Janeiro de 1991 o Instituto Português do Património Cultural emite um parecer em que refere que “a implantação do edifício entre a Mesquita e a muralha, apesar da sua selectiva “adaptação” ao terreno disponível, pode dificultar a leitura de conjunto do pano de muralha e mesmo a acessibilidade às terras e caminho de ronda particularmente pela proximidade do corpo da Biblioteca com as muralhas (que através da leitura dos desenhos parece mesmo tocar), parecendo delimitar um espaço só acessível através da Biblioteca. Assim, propõe-se a sua aprovação de princípio, condicionado ao esclarecimento do ponto anterior. Através do GTL e Campo Arqueológico de Mértola, pode assegurar-se um acompanhamento pormenorizado dos trabalhos, nomeadamente a implantação e escavações arqueológicas” (PARECER, 1991).

Só em 4 de Maio de 1993, o então IPPAR pede reunião com a Câmara Municipal, Campo Arqueológico de Mértola, e IBL (Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro), no sentido de avaliar objectiva e conjuntamente a intervenção, tendo em conta a sua relação próxima com o conjunto de imóveis classificados, com destaque para os trabalhos em curso, de natureza arqueológica. É nesta altura que se solicita ao CAM que realize um orçamento para limpeza e implantação de sondagens arqueológicas na zona de expansão do novo edifício da Biblioteca (ACTAS, 4/05/1993).

“O Processo de consulta às entidades interessadas encontra-se suspenso desde Outubro de 1993, uma vez que naquela data foi reanalisada a situação em reunião em que estiveram presentes representantes da Câmara Municipal, IPPAR (Instituto do Português do Património Arquitectónico), IBL (Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro) e o autor do projecto, onde foram levantadas algumas reticências às propostas contidas no projecto em questão, designadamente em relação à volumetria, à distância do edifício à cintura de muralhas que envolve a Vila e à articulação funcional dos diversos espaços. Tendo-se concluído que aquele projecto não servia totalmente o interesse e os objectivos imediatos da Autarquia. Assim, a Câmara mostra desinteresse pelo projecto em questão, por isso não há inconvenientes na rescisão de contrato com o Arquitecto Carlos Marques, o autor do projecto de arquitectura

para a área de expansão da Biblioteca” (INFORMAÇÃO TÉCNICA DA DIVISÃO TÉCNICA MUNICIPAL, Informação N° 321 de 1994). Contudo, o debate sobre a construção do edifício continua, e é referido que “o próprio IPPAR questionou fortemente a localização dessa nova edificação, tendo sido muito difícil conseguir a sua concordância” e que “aquele Projecto inicial não servia totalmente o interesse e os objectivos imediatos da autarquia. Assim, seria complicado e polémico a Câmara aceitar este projecto da 2ª fase da ampliação da Biblioteca, não só por dificuldades em periodizar esta obra face aos custos que envolve, como porque é questionável a solução preconizada para a expansão, através da construção de uma edificação de raiz num espaço protegido do Centro Histórico de Mértola, que tem mais aptidão para zona verde.” (ACTA, nº 14/94).

Só anos mais tarde, o tema da ampliação da Biblioteca Municipal viria a ser retomado. Contudo, verifica-se que se conserva a ideia de expandir o edifício para a área traseira, para um espaço de horta com acentuado declive e que sobretudo é bastante exíguo para as funções que se pretendem para o novo edifício da Biblioteca. Acima de tudo, não é tido em conta a questão da muralha medieval da Vila e as dificuldades que a ampliação para esta zona poderiam acarretar.

É realizado um novo projecto arquitectónico para a construção do edifício de expansão da Biblioteca Municipal, pela Arquitecta Patrícia Nobre Batista.

Em 2003 o CAM inicia uma sondagem arqueológica na área de expansão do edifício a pedido da Câmara Municipal de Mértola e após parecer do IPA (Instituto Português de Arqueologia). Os objectivos iniciais são os de aferir a existência de vestígios arqueológicos na área de expansão da Biblioteca Municipal, visando a salvaguarda e documentação do património arqueológico existente nesta zona da vila. Após a escavação desta sondagem, o CAM, propôs que aquando o início das obras de construção, a mesma fosse alvo de acompanhamento arqueológico e também da escavação integral da estrutura de combustão detectada na parte final da sondagem. Assim, no verão de 2005, o CAM foi contratado pelo empreiteiro da obra (Valvaz), para o acompanhamento arqueológico. Aquando dos inícios das retiradas de terra do local, iniciou-se o acompanhamento arqueológico das mesmas, o qual veio a ser frutífero, pois logo nas primeiras camadas de terra foram detectados vestígios arqueológicos. Optou-se então pela escavação em área de todo o terreno, o que veio a demonstrar-se bastante importante, pois desde o patamar superior verificaram-se diversos níveis arqueológicos. Nesse mesmo ano, as pressões por parte do empreiteiro da obra (Valvaz) foram consideráveis. Após três meses de trabalho, estava à vista que os vestígios

arqueológicos postos a descoberto tinham uma certa monumentalidade e importância histórica para a história local, e após várias pressões do IPA, a Câmara Municipal de Mértola, a dona de obra, resolveu alterar uma parte do projecto arquitectónico e incluir uma das estruturas arqueológicas descobertas, o torreão de época republicana que seria alvo de musealização. Contudo, apesar desta pequena remodelação, o projecto arquitectónico não teve em conta a densidade de estruturas arqueológicas encontradas, mantendo assim uma cota baixa para a sua implantação, com a qual a maior parte das mesmas teria de ser desmantelada.

No verão de 2006, a campanha de escavações foi realizada a pedido da Câmara Municipal, e tinha como intuito atingir as cotas de obra para implantação do edifício, no entanto, a quantidade e densidade de estruturas que continuavam a aparecer era considerável e devido ao facto da sua interligação e sua imbricação, o seu desmonte tornava-se perigoso para a estabilidade do terreno. Todavia, a escavação não foi concluída, pois ainda era necessário, desmontar as estruturas antigas, que estão a sustentar os perfis da escavação e as estruturas contíguas (Muralha da Vila e “Casa vizinha”), e retirar algumas camadas arqueológicas nas áreas de passagem. Contudo, é de referir a posição do CAM, de não acordo, em relação ao desmonte de grande parte destas estruturas, já anteriormente referidas como de grande importância para a história de Mértola, como também para a estabilidade do local e sobretudo, da muralha medieval da vila. As obras terminaram devido ao início das chuvas e durante cerca de dois anos, o projecto arquitectónico não foi remodelado e tendo a empresa de construção abandonado a obra, após lhe ser paga uma indemnização. No que diz respeito ao IPA e IPAR (Instituto Português do património Arquitectónico) estes emitem pareceres, aconselhando apenas a conservação e musealização do torreão de época republicana.

Só em Setembro de 2008, a Câmara Municipal de Mértola viria a solicitar ao CAM a apresentação de uma proposta para terminar a intervenção arqueológica na área de expansão da Biblioteca Municipal, a qual deveria estar concluída antes de Maio de 2009. Desde a primeira reunião tida ao respeito, o CAM alertou para os problemas de segurança e dificuldades que seria a realização da intervenção em época de chuvas. Quanto ao projecto arquitectónico, notámos que como o espelho de água se encontrava projectado, acabaria por destruir um grande troço de muralha (Idade do Ferro) de grande importância que se estende sob a muralha medieval da vila, e que a retirada da primeira poria em causa a estabilidade da muralha medieval, pelo que consideramos importante a sua conservação. Para além disto, consideramos que deve ser feita uma consolidação definitiva da muralha da vila (muralha medieval), sobretudo nos alicerces que se encontram no interior da escavação, para que esta

mantenha a sua estabilidade e segurança. Por outro lado, é necessário que, antes de iniciarmos os trabalhos arqueológicos, sejam devidamente escorados os terrenos especialmente três dos lados: a muralha medieval, o corte noroeste e casa lateral (sudoeste). A proposta foi enviada em Janeiro de 2009 e ao CAM foi-lhe oficiosamente comunicado que iriam ser contactadas outras instituições para a realização da intervenção. Contudo, o CAM é detentor da responsabilidade científica das campanhas de escavação de 2003, 2005 e 2006 (REGULAMENTO DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS, 1999)⁹.

Após meses de contactos entre estas instituições, foi aberto um concurso público¹⁰ pela CMM, para terminar a escavação, a qual passa sobretudo pelos desmontes das estruturas, deixando o terreno livre para a implantação de uma laje sobre a qual vai ser levantado o edifício. A este concurso apenas houve dois candidatos, o CAM e uma empresa de Arqueologia (ERA Arqueologia, SA), tendo sido escolhida esta última, por apresentar um orçamento mais baixo que o do CAM. Desta forma, a Câmara Municipal de Mértola, ignorou o facto de o CAM ter a direcção científica dos trabalhos, de possuir a total compreensão dos vestígios arqueológicos em causa e o conhecimento já adquirido pelos arqueólogos do CAM, para a execução dos trabalhos finais de escavação.

É de referir que, até ao momento, Dezembro de 2009, os trabalhos arqueológicos ainda não foram retomados. Após a defesa deste trabalho, durante o mês de Fevereiro, a empresa ERA Arqueologia, SA deu inicio aos trabalhos de escavação de alguns níveis e ao desmonte das estruturas principais (muralhas) e secundárias de forma a deixar o terreno livre para a implementação de uma laje sobre a qual se está a erguer o edifício anexo da Biblioteca Municipal de Mértola.

6.3. Problemas e Dificuldades

Esta escavação trata-se de uma escavação urbana delimitada pelas condicionantes da obra de edificação e pelos edifícios na sua envolvente, isto porque, como foi já referido anteriormente, se encontra dentro do recinto amuralhado de época medieval, rodeado de edifícios urbanos e junto a umas das antigas portas de entrada na cidade. Por outro lado, tem

⁹ Regulamento de Trabalhos Arqueológicos/ Decreto-Lei n.º 270/99 de 15 de Julho, 1999. Anexo 1 Artigo 11.º Direcção científica.

¹⁰ Julho de 2009.

uma extraordinária e bem conservada potência estratigráfica, para além da sua complexidade cronológica.

Consideramos, que um dos problemas inerentes a esta escavação e que tem atrasado um pouco o estudo da mesma, relaciona-se com a grande quantidade de material cerâmico exumado do local, até ao momento cerca de quinhentos contentores, para além do material não cerâmico, como as escórias, vidros, metais e ossos. Tanto para tratar, estudar como para armazenar esta quantidade de material, tem vindo a mostrar-se uma tarefa um pouco difícil e morosa. Existe já a falta de meios físicos e financeiros para comportar esta quantidade de material.

Por outro lado, existe uma desadequação do projecto arquitectónico ao espaço. O projecto foi modificado, inicialmente, no entanto continua a contemplar uma cota baixa que leva ao desmonte e destruição da maioria das muralhas, as quais, note-se, sustentam um troço da muralha medieval da vila. Assim, aguarda-se a alteração do projecto arquitectónico, para que se possa continuar a escavação e que o novo projecto contemple a subida da cota de obra, de forma a não destruir estes importantes vestígios arqueológicos e que se possam musealizar os mais significativos. No entanto, tudo isto tem vindo a acontecer, porque o actual poder político local desvaloriza a importância histórica e urbana do achado, algo que em Mértola é inédito, visto que se trata da Vila Museu.

Existe a necessidade de conservação e musealização destes restos monumentais, na dinâmica cultural em que se inserem, isto é, o caso específico de uma Biblioteca Municipal e o caso geral de Mértola, projecto Vila Museu. A conservação dos restos passa por articular a cidade do passado com a cidade do presente, integrando os restos arqueológicos na dinâmica cultural, social e económica da vila de Mértola.

7. Conclusões e Considerações

*“A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta”
Fernando Pessoa*

Este trabalho não pretende ser conclusivo, apenas aspira contribuir com novos dados históricos, cingidos a este sítio, mas esclarecedores de alguns pontos em interligação com outros dados já existentes sobre a história de Mértola. É um primeiro passo no desconstruir de um fragmento da história deste micro - espaço de análise e sobretudo para completar a história do macro espaço que é Mértola.

Ao longo de toda esta dissertação algumas conclusões já foram sendo debatidas, assim serão apresentadas algumas considerações gerais, bem como novas hipóteses de estudo. A escavação na área de ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola permitiu obter uma sequência estratigráfica onde está plasmada grande parte da ocupação da antiga cidade. A data exacta do início da ocupação desta área escavada está ainda por esclarecer devidamente, contudo, podemos aferir uma cronologia a partir do século VI a.C. até ao século XVI. Apesar do sítio escavado apresentar uma sequência e potencia estratigráfica muito longa e complexa, foi possível traçar comparações para estes contextos na bacia do mediterrâneo, já identificados para outras épocas históricas.

Através desta escavação na área de expansão da Biblioteca Municipal existe a possibilidade de estudo da transformação urbana deste espaço, ao longo dos tempos, através da análise estratigráfica do local. Note-se que, nesta zona da vila, dentro do recinto amuralhado da Idade Média, nunca se tinham encontrado níveis estratigráficos fiáveis de época romana – republicana e da idade do ferro, o que realça a importância da descoberta destas estruturas numa das principais zonas de entrada no núcleo urbano da cidade.

A área escavada trata-se de um espaço transformado no decorrer da sua longa duração. Este espaço de entrada no núcleo urbano da cidade foi-se transformando conforme as necessidades de cada época. Assim, e segundo dados obtidos, inicialmente na idade do ferro a porta de entrada na cidade já se localizaria neste sítio, um pouco mais recuada do que actualmente. Numa outra fase, possivelmente de guerras, houve a necessidade de restituir as

muralhas construindo um novo paramento e um torreão, os quais aproveitaram as estruturas anteriores para sobre elas assentarem e se fortalecerem. As transformações sucedem-se num curto espaço onde as reconstruções e construções se sobrepõem, verificando-se um aproveitamento dos recursos já existentes e que em muito também derivaria da exiguidade do espaço em que a cidade de estabeleceu. Depois do século I da nossa era, e nas centúrias seguintes, os vestígios arqueológicos são em menor quantidade e também qualidade. Isto é, o sítio terá tido uma ocupação menor ou então as ocupações seguintes destruíram fortemente grande parte dos vestígios. Parece ser o que aconteceu neste espaço à semelhança do que se passou na alcáçova aquando da ocupação islâmica. Assim, são de época islâmica os vestígios melhor conservados, fornecendo espaços habitacionais, que seriam o prolongamento do bairro residencial da alcáçova. A muralha medieval islâmica constituída em taipa encontra-se sob a muralha medieval cristã que aproveitou o seu eixo para sobre ela se estabelecer. O espaço sofre um certo abandono depois da conquista cristã e passou a ser uma zona periférica. Contudo, no século XVI foi aproveitada, também, para os enterramentos em volta da Mesquita/Igreja Matriz e para aí se estabelecer um forno cerâmico. Tudo indica que o espaço estava votado ao abandono até que em inícios do século XIX foi destruída parte da muralha medieval para construir o edifício da prisão, a actual Biblioteca Municipal. Já no século XX, na década de cinquenta, o torreão circular direito sofre um desmantelamento, passando a ser quadrangular. Assim, a sua localização a nível de envolvência é bastante importante e reveladora do que já foi descrito. Por isso se, fizermos o exercício de imaginarmos a zona sem as actuais construções urbanas, esta seria essencial para a orgânica da cidade, localizada mesmo junto à porta de entrada no recinto amuralhado de época medieval, mas que também o terá sido em épocas anteriores, pelo menos desde a Idade do Ferro (LOPES, 2004: 25). Muitas vezes uma escavação desta envergadura, com todos estes níveis estratigráficos acaba por não responder a todas as questões colocadas inicialmente ou até mesmo no decorrer da escavação e muitas vezes no final da mesma.

O caso da escavação na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola é extremamente interessante do ponto de vista histórico, mas também do ponto de vista da arqueologia urbana, pois contém todas as componentes da complexidade que é trabalhar em meio urbano. A abordagem desta escavação no seu âmbito urbano relacionou-se com o facto de que na arqueologia urbana o tempo não se prende somente numa exposição diacrónica dos factos, mas oferece-nos, também, uma continuidade sincrónica do espaço. E esta foi uma das

máximas seguidas, a da diacronia e da sicronia, só assim os resultados poderiam ter uma leitura desconstruída.

O facto de que, em grande parte os vestígios mais importantes não irão ser conservados, infere contra a possibilidade da valorização dos vestígios arqueológicos num contexto urbano, o qual é um dos instrumentos de materialização do conceito no respectivo contexto histórico e cultural. Visto que este sítio é singular nas suas descobertas, com um imenso valor histórico, e com grande monumentalidade, a valorização e musealização seriam uma mais valia para articular a cidade do passado com a cidade do presente.

Esta escavação possibilita conferir a Mértola uma nova noção sobre a sua dimensão histórica neste arqueossítio, em períodos até agora pouco conhecidos. Isto através dos vestígios conservados das diferentes fases da sua ocupação. Por outro lado, embora existam já inúmeros dados arqueológicos publicados, tendo em vista a caracterização de elementos pontuais das relações comerciais entre o Alentejo e o Mediterrâneo e da importância de Mértola nessas relações, as informações recolhidas nestas escavações recentes apontam para uma realidade mais complexa e também, mais esclarecedora. É, portanto, da maior importância o estudo sistemático e aprofundado dos contextos arqueológicos surgidos nesta escavação e noutras mais recentes, e ainda inéditos, que permitirão determinar a evolução das dinâmicas do porto de Mértola numa perspectiva de longa duração. Este estudo, numa perspectiva futura, implicará a análise aprofundada das estruturas arquitectónicas relacionadas com o porto de Mértola, especialmente as fortificações que o defendiam.

Apesar das circunscritas informações existentes, é possível extrair algumas conclusões gerais desta escavação e sobretudo da Mértola da Idade do Ferro. O seu núcleo urbano possuía grandes dimensões e uma impressionante fortificação, cuja monumentalidade parece expressar formas de desenvolvimento social e económico bastante avançado. Provavelmente, esteve habitado por elementos autóctones, com fortes influências exteriores, presumivelmente trazidas através do Rio Guadiana pelo comércio marítimo, ao que se deveriam os fragmentos de cerâmica ática encontrados em vários pontos da cidade.

Esta escavação disponibilizou dados, que atestam mais uma vez a cidade de Mértola como uma plataforma comercial, onde chegavam produtos (ânforas, campanienses, áticas...etc) vindo de outros portos do mediterrâneo, com os quais Mértola mantinha estreitas ligações comerciais. Sendo um porto interior, um porto fluvial, não tinha menos importância que um porto marítimo de costa. Aqui chegavam e eram distribuídos os produtos comerciais consumidos nesta cidade, mas também em toda a zona de influência do rio Guadiana, como é

o caso de Beja, Aljustrel, Castro Verde e Serpa. O aparecimento de estampilhas semelhantes com as da zona Cádiz, mais precisamente do Centro Produtor de Torre Alta, prova os intensos contactos com a Baía de Cádiz e com a importação de garum e outros tipos de produtos. “Se por um lado estaria estruturada por relações com sítios litorais como Castro Marim, Tavira, região litoral de Huelva, Baixo Guadalquivir e Cádiz, prováveis origens das importações exógenas, por outro manteria igualmente ligações entre o interior do Baixo Alentejo e norte da província de Huelva, rico em minérios e terras produtivas” (BARROS, 2005:412). Mértola enquadra-se fortemente numa lógica litoral, num claro controlo de rotas na zona interior do Guadiana e em permanente contacto com o mediterrâneo e a zona atlântica.

De todas as formas, este trabalho não se esgota aqui, apenas foi dado o primeiro passo no desconstruir de vários fragmentos da história local. Muitas questões ficam por resolver, muitas outras surgiram no decorrer desta investigação e muitas outras se irão colocar nos próximos tempos com o continuar dos trabalhos, por isso, aqui ficaram apenas algumas considerações que pelo constante desenrolar das investigações não podem ser conclusivas.

8. Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1988): O Domínio Romano em Portugal. Mem-Martins: Publicações Europa -América.
- ALARCÃO, Jorge de (1989): “A Cidade Romana em Portugal”. In Cidades e História – Ciclo de Conferências promovido pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Novembro de 1987. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 73-127.
- ALARCÃO, Jorge de (1990): “A conquista do Território”. In Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização. Coord. Jorge de Alarcão. Lisboa: Editorial Presença. Vol. 1, pp. 345-351.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura. Madrid: Instituto Español de Prehistoria, C.S.I.C. (Biblioteca Prehistórica Hispana, 14).
- ALMEIDA, João de (ed.) (1943): Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte D’Armas. Lisboa: Editorial Império.
- ARRUDA, A. M. (1997): As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, Ana M. (2006): “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, vol. 23, pp. 17-100.
- ARRUDA, Ana M. (2008): “O Baixo Guadiana Durante os Séculos VI e V A.N.E”. In SIDEREUM ANA I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC, pp.307-325. (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46).
- ARRUDA, Ana M.; BARROS, Pedro; LOPES, Virgílio (1998): “Cerâmicas áticas de Mértola”. Conímbriga. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. N.º 37, pp. 121-149.
- ARRUDA, Ana M.; BARGÃO, Patrícia; SOUSA, Elisa de (2005): A ocupação Pré-Romana de Faro: alguns dados novos. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 8, nº1, pp. 177-208.
- ARRUDA, Ana M.; TEIXEIRA, Vera; OLIVEIRA, Carlos Filipe (No prelo): "Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim". In Actas do III Coloquio Internacional Las Ciudades Fenicio-Púnicas en el Mediterráneo Occidental, Adra, 12-14 Diciembre 2003. Adra: Centro de Estudios Fenicios y Púnicos.
- BARKER, Philip (1982): Techniques of Archaeological Excavation. 2ª ed. Londres: Batsford.

- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de (1999): “A Cheia Diluvial do Rio Guadiana de 1976 e os Trabalhos Arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola”. In Museu de Mértola: A Necrópole e a Ermida da Achada de São Sebastião. Coord. Joaquim Boiça, Virgílio Lopes. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola e Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, pp. 29-61.
- BARROS, Pedro (2003): “As Cerâmicas Áticas de Tavira”. In Tavira, território e poder. Coord. Maria Maia... [et al.]. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 73-75.
- BARROS, Pedro (2008): “Mértola durante os séculos VI e V a.C..” In SIDEREUM ANA I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC, pp. 399-414. (Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46).
- BELÉN, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.; GARRIDO, J.P. (1977): “Los orígenes de Huelva. Excavaciones en Los Cabezos de San Pedro y La Esperanza”. Huelva Arqueológica. Huelva: Diputación de Huelva. Nº 3, pp.13-401.
- BERROCAL-RANGEL, L. (2004): “La defensa de la comunidad: sobre las funciones emblemáticas de las murallas protohistoricas en la Península Iberica”. Gladius. Madrid: Instituto Hoffmeyer para el Estudio de las Armas Antiguas, CSIC, XXIV. pp.27-98.
- BOIÇA, Joaquim; BARROS, Fátima (1995): As Terras, As Serras, Os Rios: as memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. (Estudos e fontes para a História Local, 1).
- BOIÇA, Joaquim (1998): Imaginária de Mértola: tempos, espaços, representações. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, Joaquim; LOPES, Virgílio (Coord.) (1999): Museu de Mértola: a Necrópole e a Ermida da Achada de São Sebastião. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.
- CAMPOS, J. M.; GÓMEZ, F.; PÉREZ, J. A. (2006): Ilipla-Niebla. Evolución urbana y ocupación del territorio. Huelva: Universidad de Huelva.
- CENTENO, Rui; SOUTO, J. (1997): “Depósito de moedas da Judeia achado em Mértola”. NUMMUS. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática. 2ª Série, vol. 16-20, pp. 197-203.
- ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1993-1994): “La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen”. Conimbriga. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nº. 32-33, pp. 201-218.
- FABIÃO, Carlos (1987): “As ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia”. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. 4ª série, vol. 5, pp. 125-148.
- FABIÃO, Carlos (1992): “O Passado Proto-Histórico e Romano”. In História de Portugal. Dir. José Mattoso. Lisboa: Editorial Estampa. vol. I, pp. 79-271.

- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2008): “Mesas do Castelinho (Almodôvar), um projecto com vinte anos”. Al-Madan: arqueologia, património e historia local. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2ª série, nº16, pp.92-105.
- FARIA, A. M. de (1994): “Uma inscrição em caracteres do sudoeste achada em Mértola”. Vipasca: arqueologia e história. Aljustrel: Câmara municipal de Aljustrel. N.º 3, pp.61-63.
- FREITAS, V. T. (2005): As cerâmicas de engobe vermelho de Castro Marim. Lisboa: [s.n.]. Tese de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GARCÍA VARGAS, E. (1996): “La Producción anfórica en la Bahía de Cádiz durante la República como índice de Romanización”. Habis. Sevilla: Universidade de Sevilla. N.º 27, pp. 49-62.
- GARCÍA VARGAS, E.; BERNAL CASASOLA, D. (2008): “Ánforas de la *Baetica*”. In XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores - Cerámicas Hispanorromanas. Un estado de la cuestión. Bernal, D. y Rivera, A. (eds.). Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 661-687.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1994): “La cerámica de verde y morado de Mértola”. Arqueologia Medieval. Porto: Edições Afrontamento. N.º 3, pp. 113-132.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2002): Cerâmica em Corda Seca de Mértola. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2003a): “Producciones cerámicas en la Mértola Islámica”. In Actes du VII^{ème} Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999. Athènes: Ministère de la Culture, pp. 653-658.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2003b): O forno da rua 25 de Abril. Cadernos de Mértola: Mértola Vila Museu. Mértola: Câmara Municipal de Mértola. N.º 1, 1º Trimestre. p. 11.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006): Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio [Recurso electrónico]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/a?SEARCH=G%F3mez+Mart%EDnez%2C+Susana
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2008): “Intervenção Arqueológica na Mesquita / Igreja Matriz de Mértola”. In Mértola Arqueológica: 2003-2008. Mértola: Câmara Municipal de Mértola. (Cadernos de Mértola / Mértola Vila Museu).
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio (2007): “Trabalhos Arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola”. Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história. Silves: Câmara Municipal de Silves. N.º 7, pp. 269-282.

- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio; TORRES, Cláudio; PALMA, M^a de Fátima; MACIAS, Santiago (2009): “Mértola Islâmica - A madina e o arrabalde”. *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. Silves: Câmara Municipal de Silves. N.º 9, pp. 407-429.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco; BELTÁN PINZÓN, José M.; RASTROJO LUNAR, Javier (2007): “La conformación del sitio arqueológico de Huelva. Procesos naturales y actividad humana”. *SPAL: Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. N.º 16, pp.155-172.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2008): “El final del hierro antiguo en la provincia de Huelva (siglos VI-V a.C)”. In *SIDEREUM ANA I. El río Guadiana en época post-orientalizante*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC, pp. 415-427. (Anejos de *Archivo Español de Arqueología*, 46).
- GRILO, Carolina (2007): “A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja”. *Vipasca: Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2ª série, nº 2, pp. 261-268.
- HERVÁS, J. M. Roldán (1975): *Itineraria Hispana: Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*. Valladolid: [s.n.].
- HERAS MORA, Francisco Javier; BUSTAMANTE ÀLVAREZ, Macarena (2007): “Contribución al estudio de las ánforas tardorrepublicanas del enclave militar de El Santo de Valdetorres”. *Vipasca: Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2ª série, nº 2, pp. 318-324.
- HERAS MORA, Francisco Javier (2009): “El Santo de Valdetorres (Badajoz, España). Un nuevo enclave militar romano en la línea del Guadiana”. *Gladius*. Madrid: Instituto Hoffmeyer para el Estudio de las Armas Antiguas, CSIC, pp.77-89. (Anejos, 13).
- HOURCADE, David; LOPES, Virgílio; LABARTHE, Jean-Michel (2001): “Muraille de Mértola (Alentejo, Portugal): Sondages sur le Cerro do Benfica (Décembre 2000) - Rapport de fouilles”. Madrid: Casa de Velázquez; Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- HOURCADE, David; LOPES, Virgílio; LABARTHE, Jean-Michel (2003): “Mértola: la muraille de l'Âge du Fer”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 6, nº. 1, pp. 175-210.
- LLORET, Sonia Gutiérrez (1997): “Arqueología: Introducción a la historia material de las sociedades del pasado”. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante.
- LOPES, Virgílio; BOIÇA, Joaquim (1993): “A necrópole e ermida de S. Sebastião de Mértola”. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. N.º 2, pp.17-30.

- LOPES, Virgílio (1999): “As Escavações Arqueológicas da Ermida de S. Sebastião”. In Museu de Mértola: A Necrópole e a Ermida da Achada de São Sebastião. Coord. Joaquim Boiça, Virgílio Lopes. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola e Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, pp. 167-181.
- LOPES, Virgílio (2004): Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- LUÍS, Luís (2003): As cerâmicas campanienses de Mértola. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de arqueologia, 27).
- MACIAS, Santiago (2001): “Mértola islâmica: topografia de uma cidade mediterrânica”. In Museu de Mértola: Arte Islâmica. Coord. Santiago Macias, Cláudio Torres. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, Santiago (2006): Mértola, o último porto do Mediterrâneo. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. 3 vols.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (2001): "Contributos da arqueologia medieval para o conhecimento do processo urbanístico e territorial da passagem do Gharb al-Ándalus para o reino de Portugal". In Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português, 1415-1822. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 99-112.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio; BOIÇA, Joaquim; BARROS, M.^a de Fátima (2002): Mértola mesquita / Igreja Matriz. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MAIA, Maria (2003): “O Bronze Final Pré Fenício no Concelho de Tavira”. In Tavira, território e poder. Coord. Maria Maia... [et al.]. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp.39-47, 244.
- MATEUS, Rui (1995): Recuperação e Conservação em Zonas Históricas. Contribuições Metodológicas para a investigação Geo-histórica Associada ao Planeamento Urbano. Mértola, um Caso de Estudo. Évora: [s.n]. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico.
- MATEUS, Rui (2004): Políticas de Salvaguarda do Centro Histórico de Mértola – Contributos para a construção de um modelo operativo para a sua gestão. Évora: Universidade de Évora. Tese de doutoramento.
- MAZZOLI-GUINTARD, C. (2000): Ciudades de Al-Andalus. España y Portugal en la Época musulmana (s. VIII-XV). Granada: Almed.
- MORENO, A.; MOLINA, F.; CONTRERAS, F. (1999): “La defensa de la ciudad como yacimiento arqueológico. Los proyectos de arqueología urbana”. In XXV Congreso Nacional de Arqueología, Valência 24 a 27 de Febrero 1999. Valência, pp. 275-299.

- MUÑOZ, M. M.; FLORES, I. (2005): “La cerámica islámica de Almería”. In La Alcazaba. Fragmentos para una historia de Almería. Almería: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura. Nº5, pp. 201-218.
- NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro (2007a): “Algunas reflexiones sobre el urbanismo islámico”. Artigrama: Revista del Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Zaragoza. Nº 22, pp. 259-298.
- NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro (2007b): Las ciudades de Alandalús: nuevas perspectivas. Zaragoza: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo. (Conocer Alandalús. Guías de historia, arte y cultura islámica, 5).
- OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, Victor (1996): “Síntese da Geologia da faixa piritosa, em Portugal, e das principais mineralizações associadas”. In Mineração no Baixo Alentejo. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, pp. 8-27.
- PALMA, M.^a de Fátima; GÓMEZ, Susana (No prelo): “Níveis islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola”. In Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Aracena, 27 a 29 Novembro de 2008.
- PALMA, M.^a de Fátima; GÓMEZ, Susana; TORRES, Cláudio (2008a): “Intervenção Arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola: Notícia preliminar”. In Mértola Arqueológica: 2003-2008. Mértola: Câmara Municipal de Mértola (Cadernos de Mértola / Mértola Vila Museu).
- PALMA, M.^a de Fátima; GÓMEZ, Susana (coord. e textos) (2008b): “ATLANTE MERCATOR PUBLICATION - Mértola nas Rotas Comerciais do Mediterrâneo: de Cidade Portuária a Vila Museu”. Mértola: Câmara Municipal de Mértola. (Versão em Português e Inglês).
- PALMA, M.^a de Fátima; GÓMEZ, Susana (2008c): “Intervenção Arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola – Notícia Preliminar”. In Vipasca: Arqueologia e História - Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aljustrel. Câmara Municipal de Aljustrel. 2.^a série, nº 2, pp. 531-535.
- PÉREZ MACIAS, Juan Aurelio; REGO, Miguel (1994): “Um povoado calcolítico perto de Mértola”. In Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993. Huelva: Universidad de Huelva, Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, pp. 149-164.
- PICARD, C (2000): Le Portugal musulman (VIIIe – XIIIe siècle). L’Occident d’al-Andalus sous la domination islamique. Paris: Maisonneuve et Larose.
- RAFAEL, Lígia; LOPES, Virgílio (2007): “Casa do Lanternim (Mértola): Contributos para a História Local”. Vipasca: Arqueologia e História. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2.^a série, nº 2, pp. 490-496.

- RAMÓN TORRES, J. (1995): Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental. Barcelona: Universitat de Barcelona. Colección Instrumenta, 2.
- REGO, M.; GUERRERO, O.; GÓMEZ, F. (1996): “Mértola: una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana”. In I Jornadas Transfronterizas sobre las Contiendas. Aroche: Escuela Taller Contienda, pp. 119-132.
- RESENDE, André de (1996): As Antiguidades da Lusitânia, Évora. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Edição fac-símile de 1593. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DAVEAU, Suzanne (1987): “Geografia de Portugal”. In O Ritmo Climático e a Paisagem. Lisboa: Edições Sá da Costa. vol. 2.
- RIBEIRO, Orlando (1991): Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- RUFETE TOMICO, Pilar (1988-1989): “Las ceramicas con engobe rojo de Huelva”. Huelva Arqueológica. Huelva: Diputacion Provincial de Huelva. N.ºs 10-11, fasc. 3, pp. 11-40.
- SÁ, Bernardo António de (1905): “Explorações archeologicas em Mértola”. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Vol. 10, pp. 96-100.
- SÁEZ ROMERO, A. M. (2008): La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos III-I a.C.). B.A.R. International series, 1812, 2 vols. Oxford.
- SILLIÉRES, Pierre (1984): "Deux nouvelles bornes de la voie Eborá - Pax Iulia" Conimbriga. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nº 23, p. 55-67.
- SIMPLÍCIO, Cândida; BARROS, Pedro; LOPES, Virgílio (2003): “O Porto de Myrtilis”. In Jornadas de Arqueología Subacuática, 4, Valencia, 28-30 de Mayo de 2001- Puertos Fluviales Antiguos: Ciudad, Desarrollo e Infraestructuras. València, pp. 35-48.
- TORREMOCHA SILVA, Antonio; OLIVA CÓZAR, Yolanda (2002): La Cerámica Musulmana de Algeciras. Producciones estampilladas. Estudios y Catálogo. Algeciras: Fundación Municipal de Cultura “José Luis Cano”.
- TORRES, Cláudio (1992): “Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”. Arqueologia Medieval. Porto: Edições Afrontamento. Nº 1 pp.189-202.
- TORRES, Cláudio (Dir.) (1993): Museu de Mértola: Basílica Paleocristã. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, Cláudio (1999): “El Garb al-Andalus. Poblamiento y formas de habitar”. In Castrum 5: archéologie des espaces agraires méditerranéens au Moyen Âge: actes du colloque. Madrid: Casa de Velázquez; Rome: École Française de Rome; Murcia: Ayuntamiento, pp. 287-292.

- TORRES, Cláudio (Coord.) (2001): Museu de Mértola: Arte Islâmica. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, Cláudio (2007): “Mértola Vila Museu. Um projecto cultural de desenvolvimento integrado”. Museologia.pt. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação. Nº 1, pp. 3-11.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1998): O Legado Islâmico em Portugal. Lisboa: Círculo de Leitores.
- TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; PALMA, Maria de Fátima; LOPES, Virgílio (2008): Itinerário Cultural - Mértola Nas Rotas Comerciais Do Mediterrâneo: De Cidade Portuária a Vila Museu. Mértola: Câmara Municipal de Mértola, (versão em Português e Inglês).
- VASCONCELOS, José LEITE de (1899-1900): "Da Lusitania à Bética". O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Vol. 5, pp. 225-245.
- VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1983): Memórias das antiguidades de Mértola. Edição fac-similada de 1880. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda; Mértola: Câmara Municipal de Mértola.

Relatórios de Escavações:

- Cadernos de Campo - Biblioteca Municipal - 2003, 2005 e 2006.
- Relatório Antropológico da Intervenção na Biblioteca Municipal - 2005.
- Relatórios de escavações – 1999 a 2006 (Arquivo do Campo Arqueológico de Mértola).
- Relatório da Carta Arqueológica – 2005 e 2006 - (Arquivo do Campo Arqueológico de Mértola).

Outras fontes: (manuscritas)

- Livro de Actas da Câmara Municipal de Mértola, 1914,1915,1916, 1917 Documentação consultada no Arquivo Histórico de Mértola

Outras Fontes:

- Parecer relativo ao projecto de criação da Biblioteca pelo CAM: 1989.
- Parecer Instituto Português do Património Cultural: 7 e 25 de Janeiro de 1991
- Parecer Instituto Português do Património Cultural: Janeiro de 1991
- Actas Câmara Municipal: 4/05/1993
- Informação técnica da Divisão Técnica Municipal, Informação nº 321 de 30/05/1994
- Acta nº 14/94 Reunião Ordinária de 06/07/94
- Regulamento de Trabalhos Arqueológicos/ Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de Julho, 1999. Anexo 1 Artigo 11.º Direcção científica.

Jornais:

(Jornal Publicado em Mértola):

- O Futuro de Mértola, Ano 2, nº 60 de 5/03/1914
- O Futuro de Mértola, Ano 2, nº 101 de 14/01/1915



9. Anexos

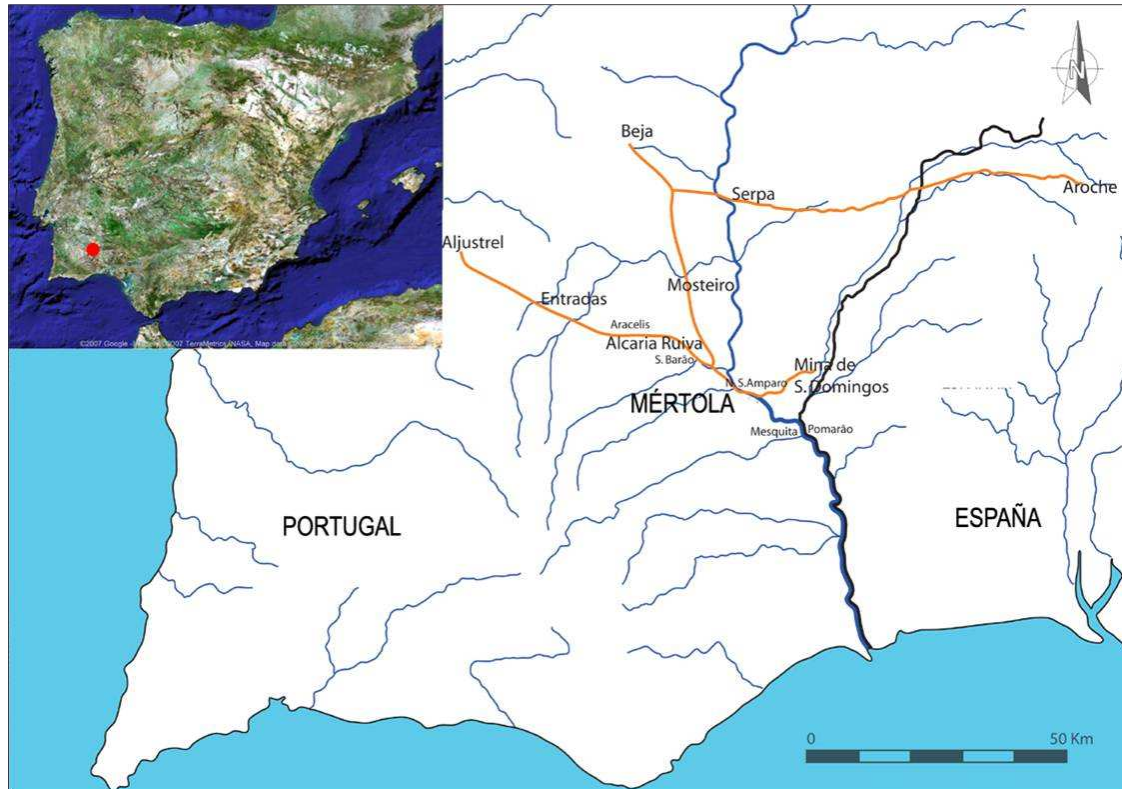


Fig.1 Localização de Mértola na Península Ibérica.



Fig.2 Vista geral de Mértola e da área de expansão da Biblioteca Municipal. (Foto S.G

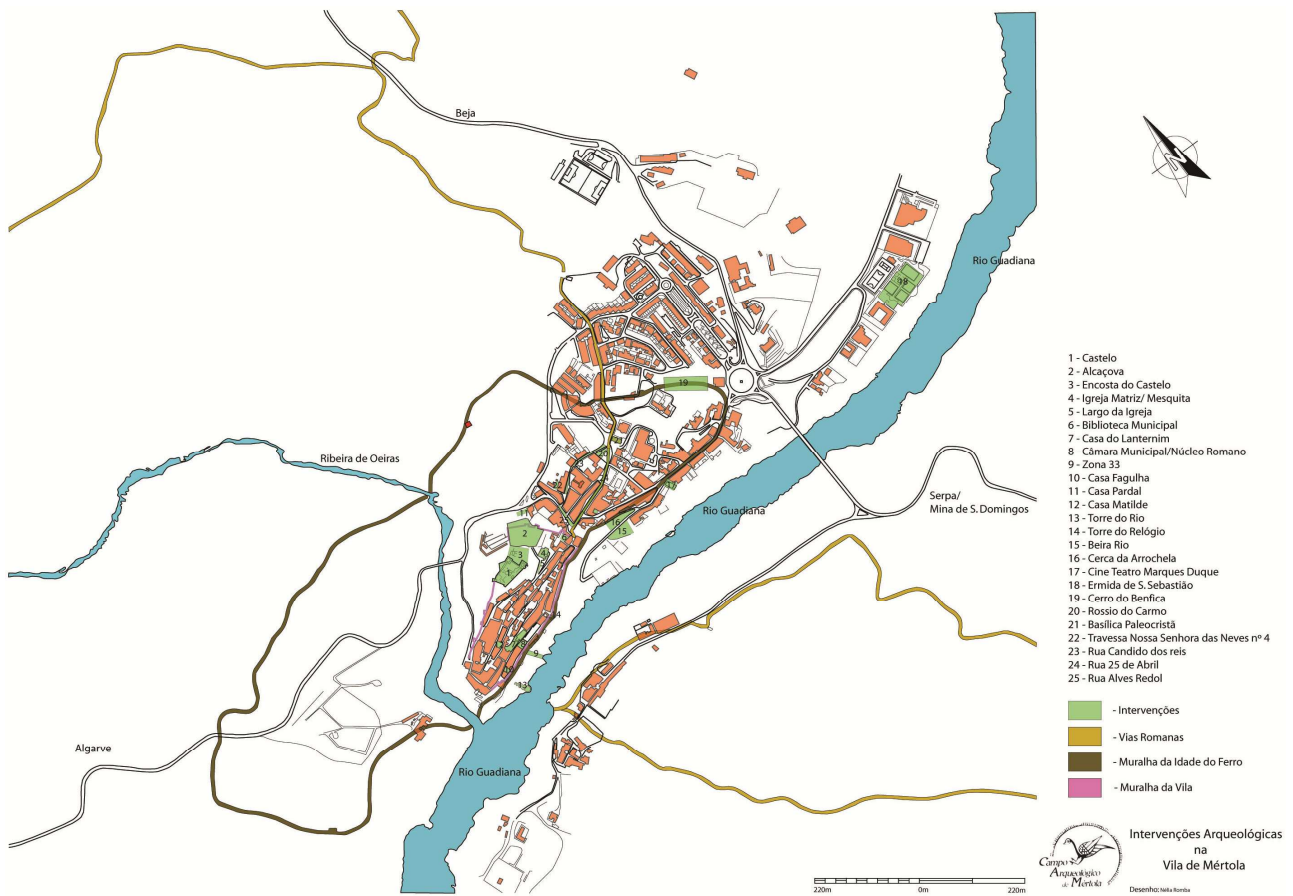


Fig. 3 Mapa de Mértola onde se assinalam-se as intervenções arqueológicas já realizadas.

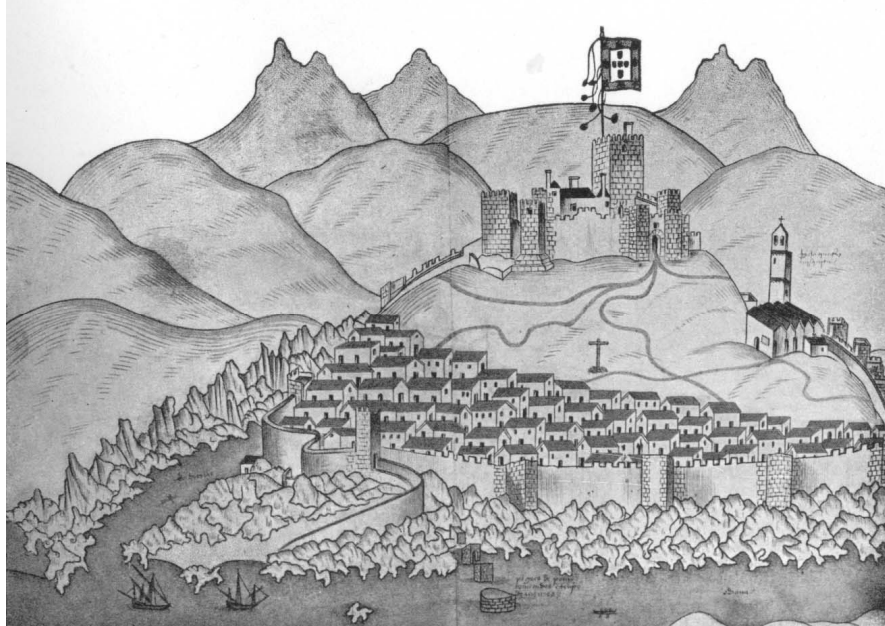


Fig. 3 Desenho realizado por Duarte D'Armas no século XVI representa Mértola e o seu porto.



Fig. 4 O porto de Mértola nos inícios do século XX (Arquivo CAM).

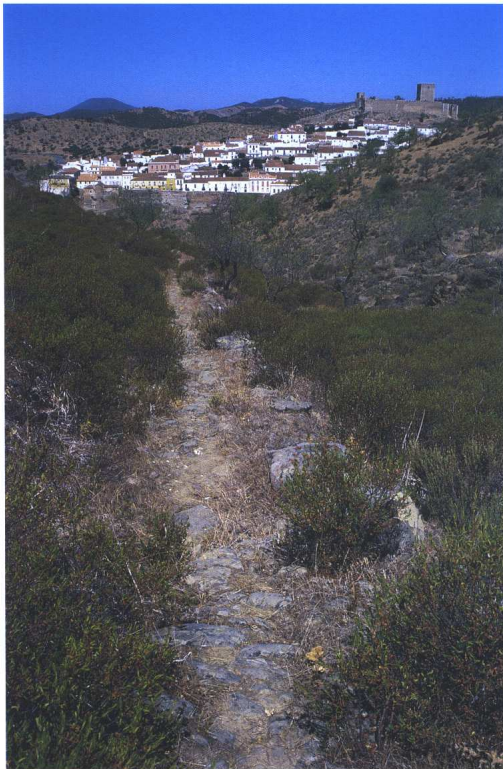


Fig. 5 Via Romana na margem esquerda do Guadiana (Arquivo CAM).



Fig. 6 Passagem no Cerro do Furadouro até aos anos setenta do século XX (Arquivo CAM).



Fig. 7 Actual largo Vasco da Gama onde se localiza a denominada Porta de Beja ou Porta da Vila.

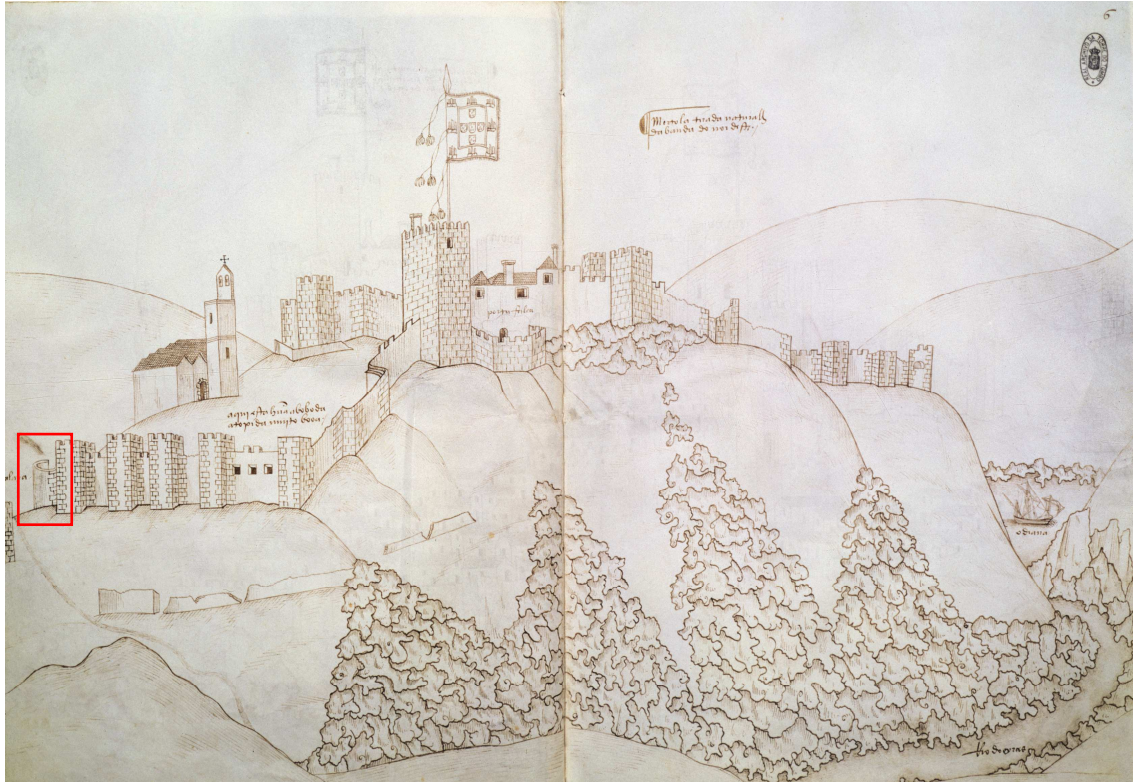


Fig. 8 Desenho realizado por Duarte D'Armas no século XVI, onde se pode verificar o torreão circular desmantelado por volta de 1950.



Fig. 9 Desmontagem do torreão circular nos anos 50 do século XX (Arquivo CAM).



Fig.10 Vista do torreão após a sua adaptação a quadrangular (Arquivo CAM).

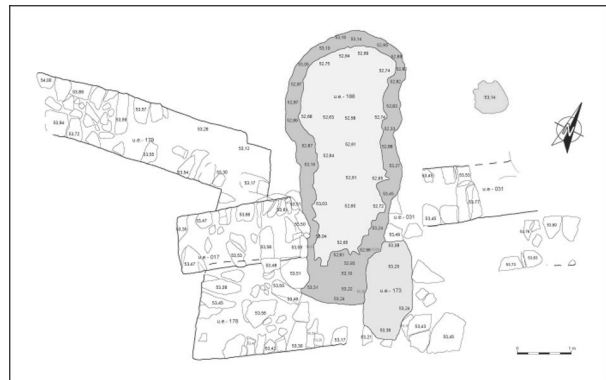


Fig. 11 Forno cerâmico datado do século XVI e estruturas associadas.

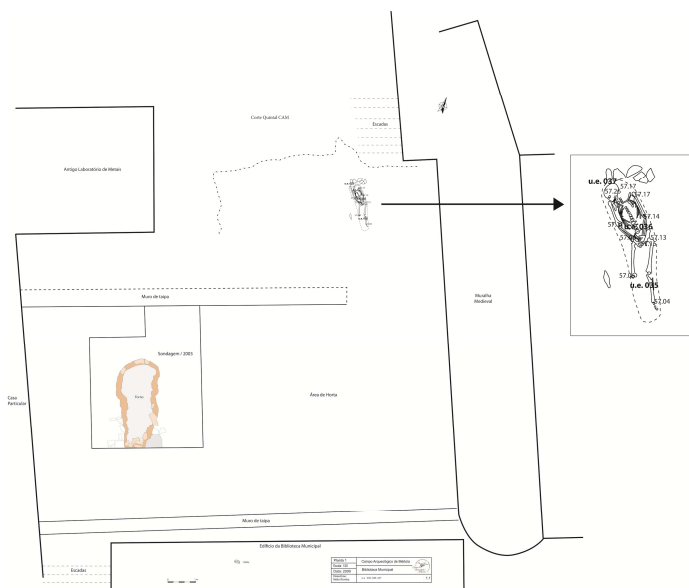


Fig. 12 Enterramento em decúbito dorsal, no patamar superior.

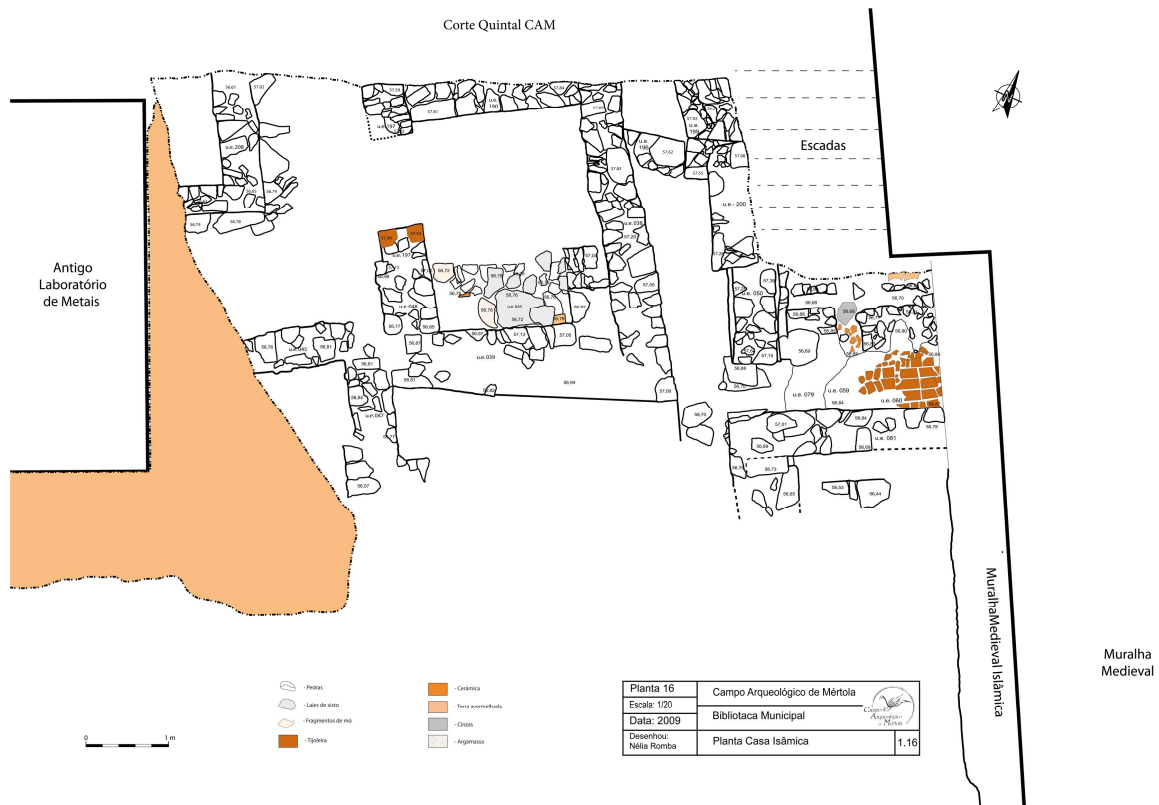


Fig. 13 Planta das estruturas islâmicas do patamar superior.



Fig. 14 Planta dos níveis islâmicos.



Fig. 15 Planta geral da intervenção, onde se verificam já algumas estruturas de época romano – republicana imbricadas com outras estruturas de períodos anteriores.

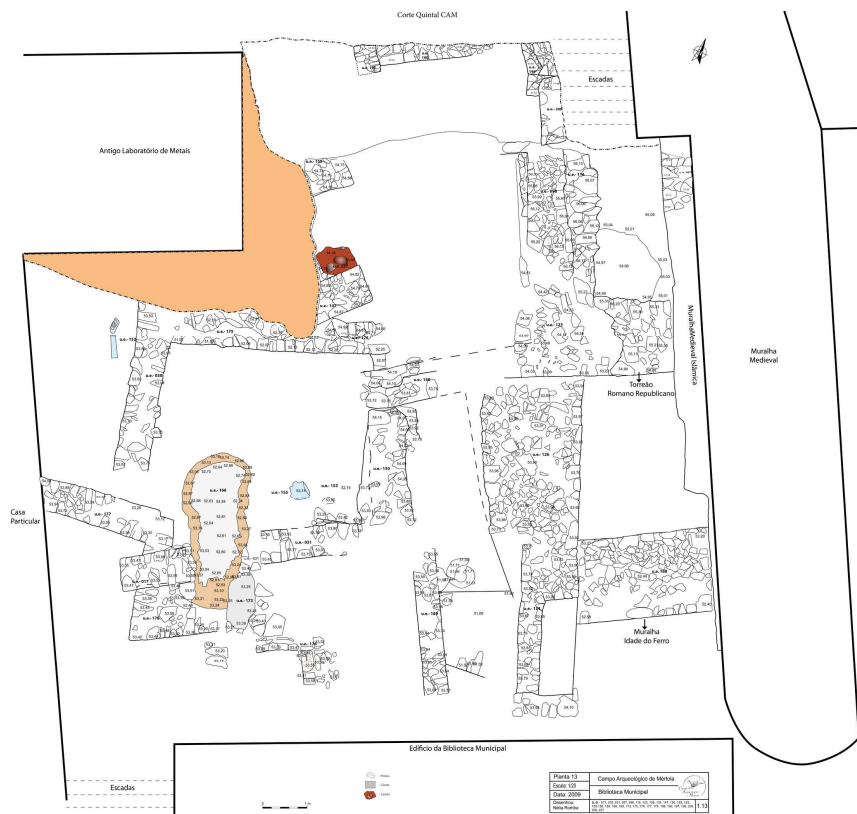


Fig. 16 Planta geral da intervenção, onde se verificam já algumas estruturas de época romano – republicana, como um compartimento com uma lareira, as muralhas e o espaço de trabalho.



Fig. 17 Fragmento de imposta com decoração com uma cruz grega “patada” repetida, com representação de um cordão com oito ligações, representando uma continuidade ou vínculo entre os motivos.



Fig.18 Pequena lareira, bem delimitada por pedras, com bastantes cinzas, pequenos fragmentos de telhas, escórias de ferro, e ao lado uma zona de depósito de cinzas.



Fig.19 “Esponjeiro” e pequena lareira com seixos de rio, habitação 1.



Fig.20 Fossa séptica sob a habitação 2.



Fig.21 Torreão e muralha de época romana – republicana.



Fig.22 Em primeiro plano o troço de muralha datada da Idade do Ferro.



Fig.23 Planta final, apenas com os troços de muralhas que se mantêm e algumas outras estruturas.



Fig.24 Vista geral da intervenção arqueológica em 2006.



Fig.25 Vista geral da intervenção arqueológica em 2006.



Fig. 26 Fragmento de jarrinha do interior do forno do século XVI



Fig.27 Fraagmento de suporte de talha em miniatura

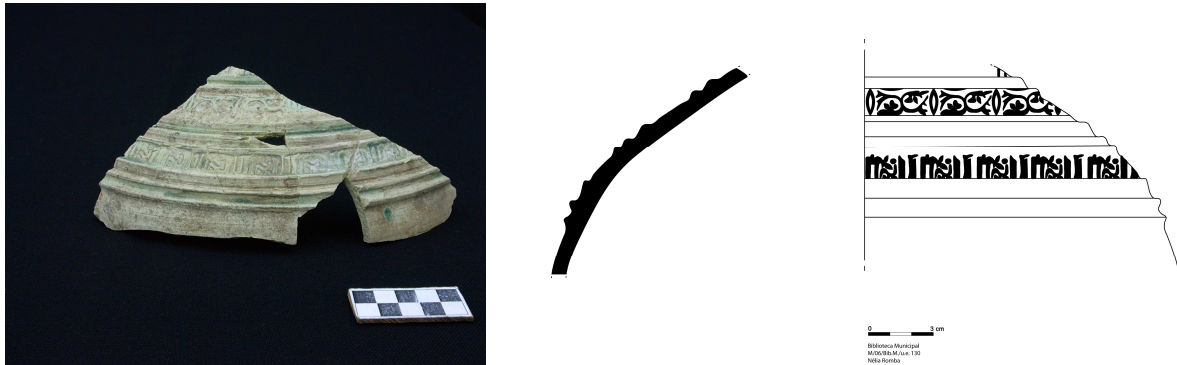


Fig.28 Fragmento de jarra ou pequena talha, ornamentada com motivos estampilhados parcialmente cobertos com vidro verde.



Fig.29 Panela de base convexa, corpo piriforme, e bordo introvertido recto.



Fig.30 Panela de base convexa e corpo troncocónico.

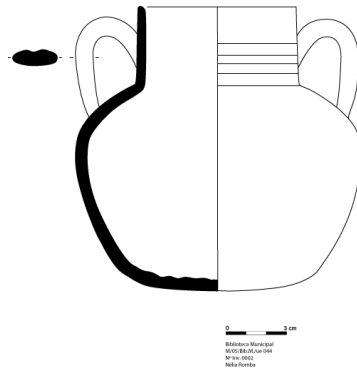


Fig.31 Panela composta por base convexa, corpo globular e colo cilíndrico alto com duas asas verticais entre o colo e o ombro.



Fig.32 Jarrinha de base plana, com duas asas verticais. Apresenta três traços curvos pintados a branco e caneluras no corpo.

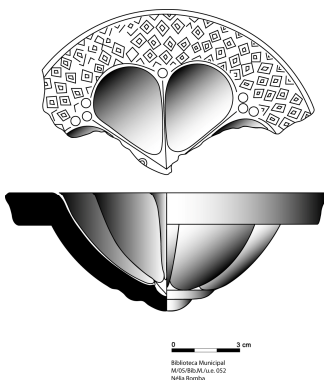


Fig.33 Miniatura de uma pequena pia de abluções.



Fig.34 Fragmento do que supomos ser uma jarrinha de pasta vermelha, com uma inscrição pintada a branco de difícil leitura.



Fig.35 Fundo de uma peça decorada em verde e manganés



Fig.36 Fragmento decorado com uma técnica mista que combina a corda seca parcial e o esgrafitado.



Fig.37 Tigela decorada no interior com vidrado policromo em verde e manganês.



Fig.38 Tigela em melado e manganês.



Fig.39 Fragmento de bordo de tigela, com decoração a melado e manganês, representando o “cordão da eternidade”.



Fig.40 Fragmento de bordo e parede de uma tigela decorada com branco e manganês.

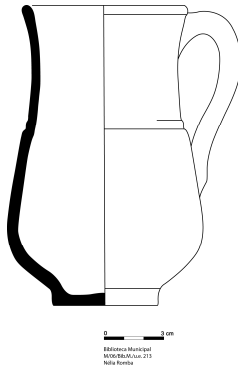


Fig.41 Jarrinho de pasta vermelha

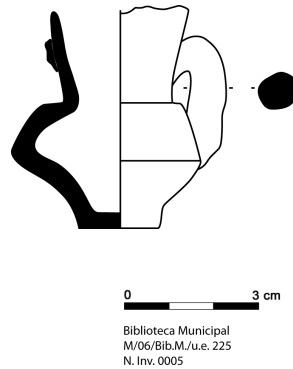


Fig.42 Pequenas jarrinha em miniatura de pasta branca.

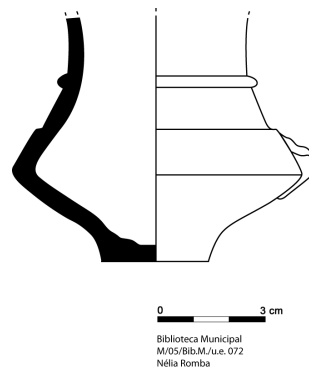


Fig.43 Pequenas jarrinha em miniatura cm revestimento de vidro melado.



Fig.44 Candil incompleto

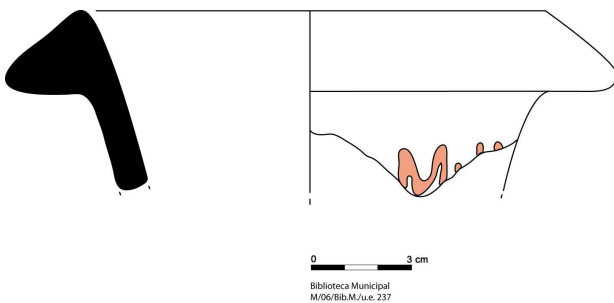


Fig.45 Ânfora Greco - Itálica clássica com *titulus pictus*.



Fig.46 Fragmento de ânfora com a representação esquemática da Deusa Tanit.

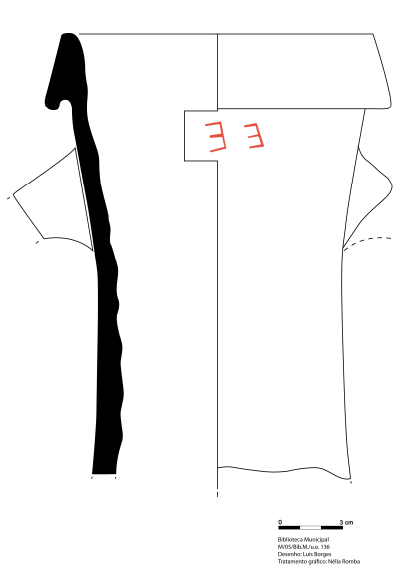


Fig.47 Ânfora Dressel 1.



Fig.48 Ânfora Dressel 1A com *titulus pictus*.

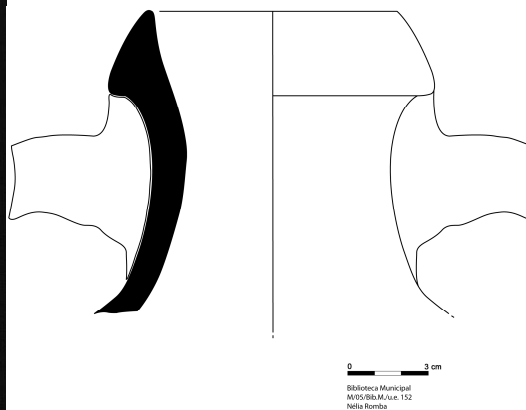


Fig.49 Ânfora Dressel 20.

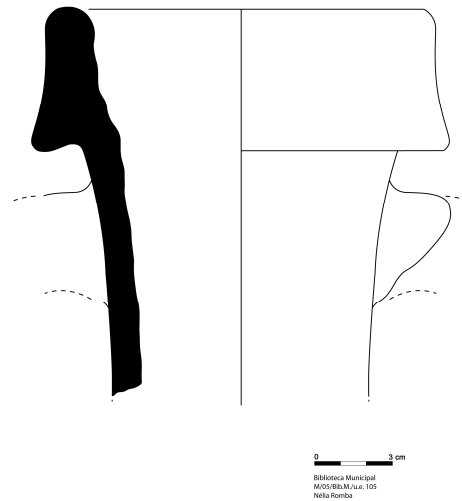


Fig.50 Ânfora Dressel 1B

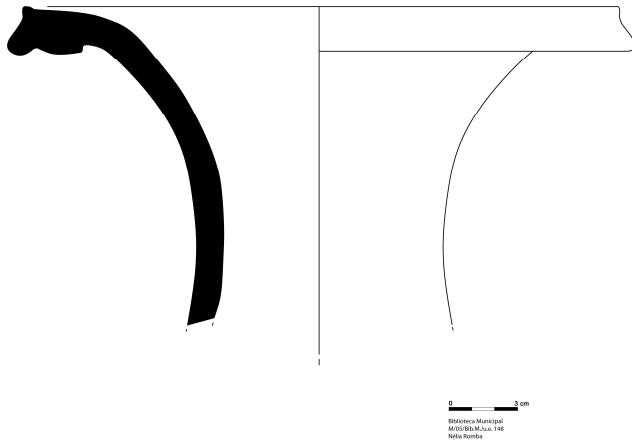


Fig.51 Ânfora de raiz púnica.

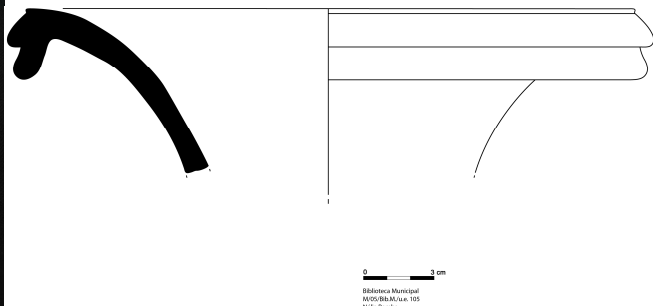


Fig.52 Ânfora de raiz fenício - púnica. Aproximação à tipologia das T-7.4.3.0 “antigas” (1/4-6) e “evolucionadas” de produção gaditana (SÁEZ ROMERO, 2008).

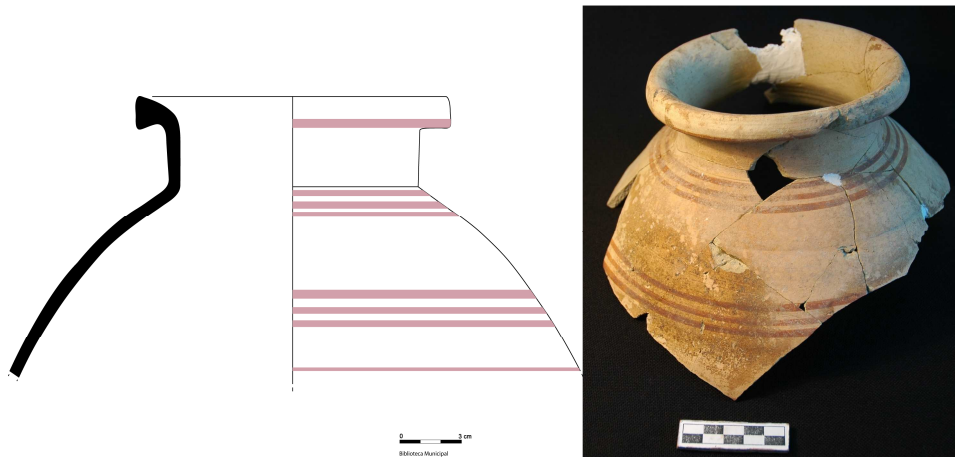


Fig.53 Cerâmica de tradição indígena, século Va.C



Fig.54 Pequena taça Campaniense em processo de restauro.

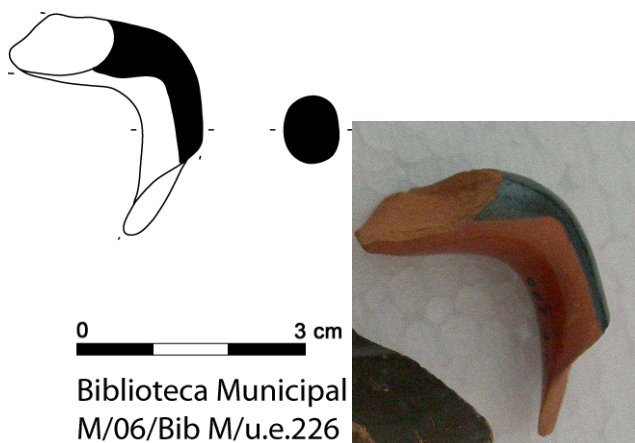


Fig.55 Fragmento de asa de cerâmica ática.



Fig.56 Asa de uma taça Castulo

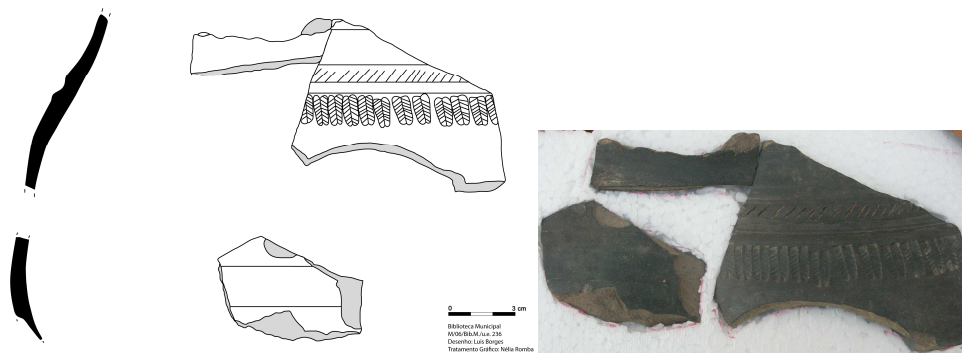


Fig.57 Fragmentos de cerâmica estampilhada, com motivos vegetalistas (pequenas folhas), de época Pré-Romana.

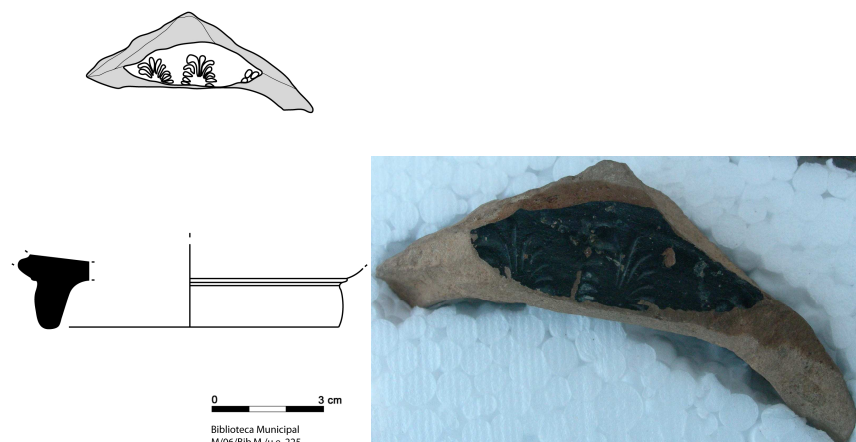


Fig.58 Fragmento de fundo com decoração estampilhada, com palmetas e com guilhoché. Corresponde à forma 21/25, correspondente ao século IV a.C. Corresponde a uma taça Castulo.



Fig.59 Fragmento de cerâmica estampilhada

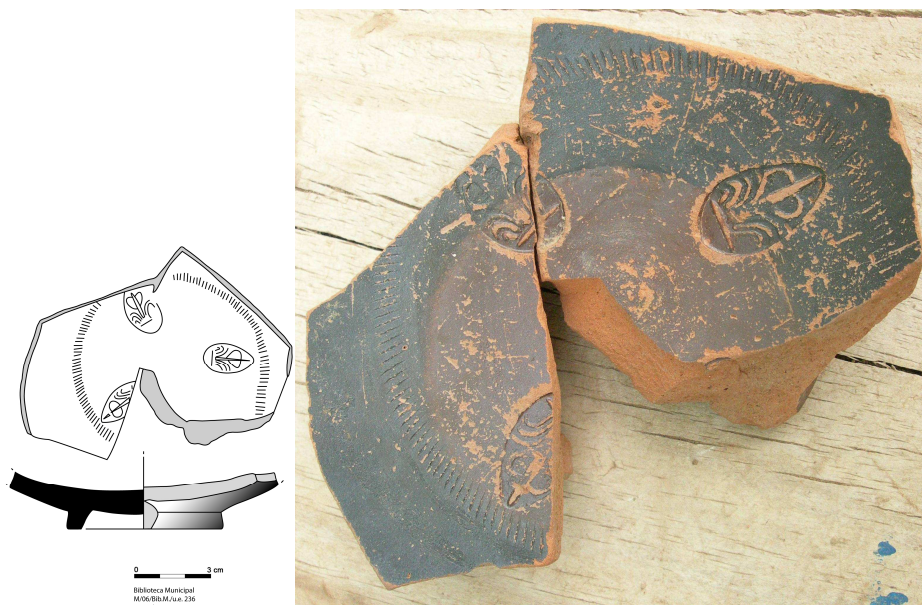


Fig.60 Cerâmica Kuass com motivos vegetalistas estampilhados

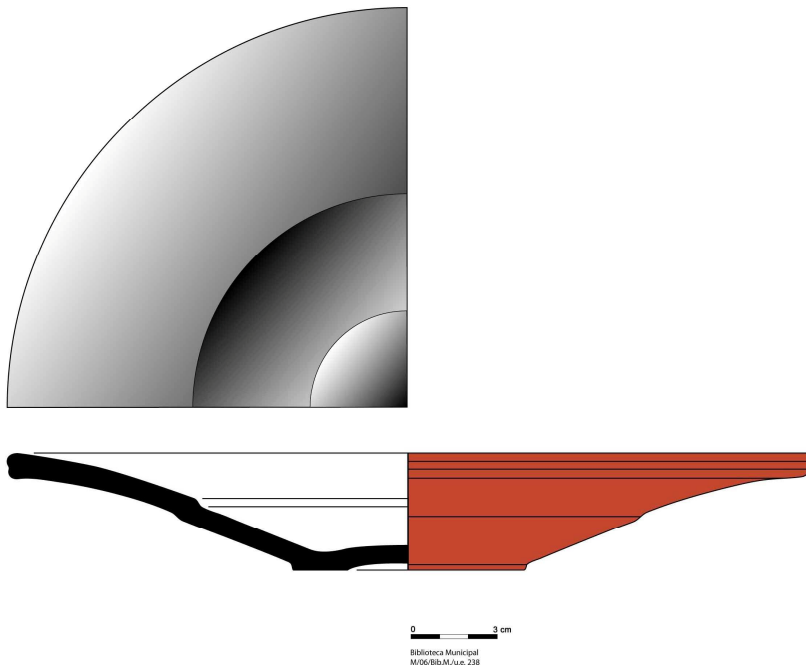


Fig.61 Pratos de engobe vermelho, com relevo emisférico ou concavidade central, de pastas calcárias e brandas, com o bordo de tendência horizontal, diferenciado relativamente à parede interna e externa do corpo. Para estes pratos existem paralelos em Tavira, datados dos finais do século VII a.C. a inícios do século VI a.C. (MAIA, 2003: 244) e em Castro Marim, onde lhes conferem uma cronologia mais curta, século VI a.C. a V a.C (FREITAS, 2005), o que se parece encaixar mais na realidade de Mértola.

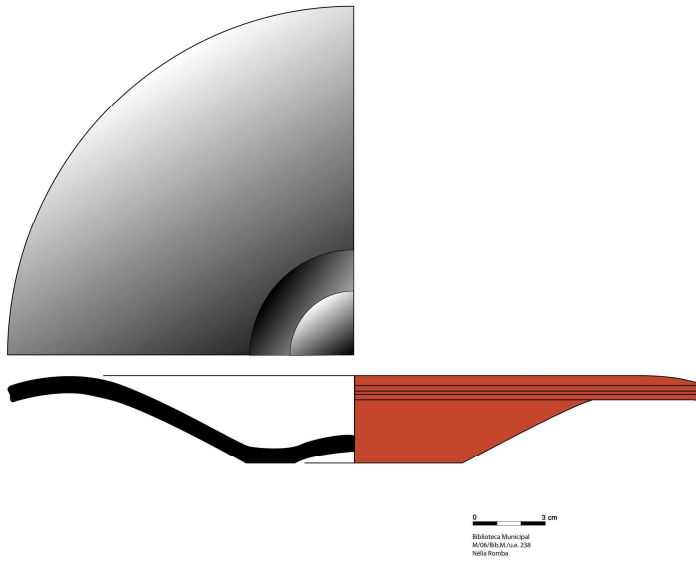


Fig.62 Pratos de engobe vermelho, com relevo emisférico ou concavidade central, de pastas calcárias e brandas, com o bordo diferenciado apenas ao nível da parede interna do corpo. A cronologia é coincidente com a Fig.61.

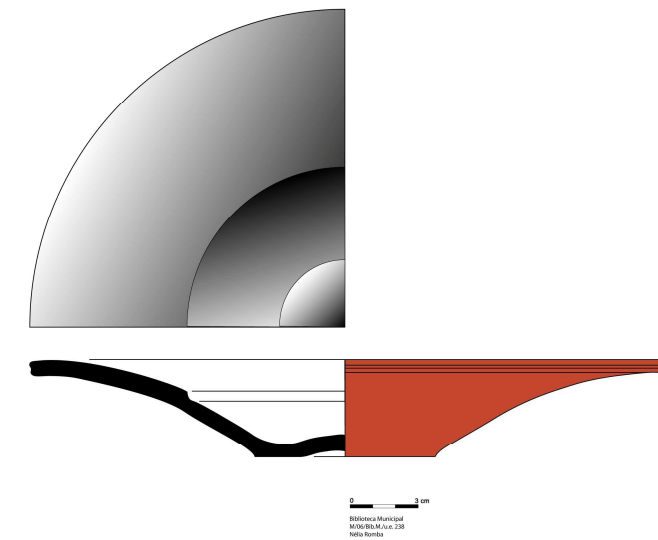


Fig.63 Pratos de engobe vermelho, com relevo emisférico ou concavidade central, de pastas calcárias e brandas, com o bordo de tendência horizontal, diferenciado relativamente à parede interna do corpo. Enquadra-se nas cronologias das figuras anteriores.

	Escavação no Projecto de Ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola	Cronologia
Nº Unidade Estatigráfica	Descrição - Localização	
Sondagem 2003		
U.E 001	Camada superficial da terra castanha escura com abundante matéria orgânica.	
002	Camada de terra alaranjada associada a muro.	
003	Derrube de pedras no sector S-W.	
004	Derrube de pedras na quadricula B4.	
005	Camada de terra castanha clara sob o nível dos muros.	
006	Bolsa de pedras e grandes fragmentos de cerâmicas de grandes dimensões na Q.A4, junto do perfil W.	
007	Pavimento no quarto SE da Q. 4A	
008	Derrube de pedras na 4B	
009	Muro com orientação NE-SW junto da Q3B associado a 002.	
010	Muro associado a 002 e continuação de 009, na Q.4A.	
011	Muro com orientação aproximada N-S associada ao contexto 008.	
012	Fossa de fundação do muro 010.	
013	Camada de terra (com alguns nódulos de argamassa debaixo do contexto 009) onde foi escavada a fossa de fundação dos muros.	
014	Grande derrube de pedras de xisto de pequena e média dimensão no NE da Q. A4.	
015	Bolsa de telhas e pedras a Sul de 011	
016	Bolsa de pedras junto dos perfis SE a Q. A4	
017	Alinhamento de pedras (muro).	
018	Bolsa de pedras de grandes dimensões na esquina SW da Q. A4.	
019	Bolsa de tijolos e barro vermelho sobre(?) cinzas.	
020	Bolsa de cinzas entre as u.es.014, 016, 017 e 019.	
021	Bolsa de pedras de grandes dimensões na Q. 4B	



022	Fossa da fornalha do forno.	
023	Pedras no interior da fornalha e últimas cinzas.	
024	Pedras sobre o forno e sob a u.e 015.	
025	Pedras sob a u.e 018.	
026	Pavimento(?) sob a u.e 025.	
027	Pavimento(?) sob a u.e 021.	
028	Camada de pequenas pedras e pequenos fragmentos de telha sob a u.e 014 (entulho).	
029	Pequena camada de pequenas pedras e fragmentos de telha associada a contextos de forno, entulho.	
030	Muro no perfil Sul da Q. A4.	
031	Muro que faz a continuação da u.e 017 a NE da Q. A4.	
032	Conjunto de pedras médias e grandes sob a u.e 029. Claramente debaixo da terra vermelha.	
033	Camada de entulho entre a u.e 022, 017 e o perfil Sul da Q.A4	
Campanha 2005		
U.E 034	Camada de deposição não remexida pela maquina no Patamar Superior.	Contemporâneo
035	Enchimento da sepultura 1.	Moderno
036	Esqueleto da sepultura 1.	Moderno
037	Estrutura e fossa da sepultura 1.	Moderno
038	Muro E-W sob a u.e 034.	Islâmico
039	Muro Norte-Sul muito destruído.	Islâmico
040	Derrube junto do perfil W.	Islâmico
041	Camada de terra a Este do muro 039.	Islâmico
042	Camada de terra a Norte do muro 038 e a Sul do muro 050.	Islâmico
043	Espaço delimitado pelos muros 038 e 039, nível de abandono.	Islâmico
044	Nível de abandono no espaço entre 045 e 048.	Islâmico
045	Muro N-S que se prolonga sob o Laboratório de Metais.	Islâmico
046	Pavimento de argamassa que se prolonga sob o corte do Laboratório de Metais.	Islâmico
047	Muro E-W que limita a Norte o pavimento com a u.e 046.	Islâmico
048	Muro E-W que se prolonga sob o corte W.	Islâmico
049	Degrau a Norte da u.e 043.	Islâmico

050	Muro E-W a Norte da u.e 042 e do muro 038.	Islâmico
051	Muro Norte-Sul perpendicular ao muro 047.	Islâmico
052	Bolsa com muita cerâmica sob a u.e 046 a Sul do muro 047.	Islâmico
053	Pavimento de lajes sob a u.e 043.	Islâmico
054	Pavimento de lajes sob a u.e 053.	Islâmico
055	Camada de deposição entre o muro 050 e a muralha sob 001.	Islâmico
056	Camada de terra com grandes pedras de xisto,sob a u.e 044.	Islâmico
057	Muro/Muralha Medieval a Norte do muro 050 e sob a muralha Medieval.	Islâmico
058	Nível de abandono entre a u.e 057 e o muro 050 e sob a u.e 055, <i>in situ</i> .	Islâmico
059	Camada de barro vermelho sob a u.e 058.	Islâmico
060	Pavimento de tijoleira sob a u.e 059.	Islâmico
061	Camada de terra muito compacta sob a u.e 052 e a Sul do muro 047.	Islâmico
062	Camada de terra compacta com algumas pedras de grandes dimensões a Este do muro 047.	Islâmico
063	Bolsa de pedras sob a u.e 060, na zona Este do muro 081.	Islâmico
064	Camada de terra solta com algumas cinzas e carvões sob a u.e 041 e a Este do Muro 039.	Islâmico
065	Nível de derrubes sob a u.e 061.	Islâmico
066	Terra muito compacta e escura sob a u.e 064.	Islâmico
067	Camada de terra solta a Sul do muro 057 e sob a u.e 063.	Islâmico
068	Camada de terra compacta com muitas pedras sob a u.e 065.	Islâmico
069	Nível de telhas sob a u.e 058.	Islâmico
070	Camada de terra solta com muitas pedras sob a u.e 054 e a Este do muro 074.	Islâmico
071	Nível de telhas, lajes e pedras sob a u.e 042.	Islâmico
072	Nível de cinzas e carvões sobre o pavimento de tijoleira 060 e sob a u.e 059 (camada de barro vermelho).	Islâmico
073	Muro sob a u.e 039.	Islâmico
074	Muro sob a u.e 054.	Islâmico
075	Muro N-S sob o muro 073.	Islâmico
076	Muro E-W sob o muro 048.	Islâmico
077	Enchimento da Fossa 1.	Islâmico
078	Camada de terra, com algumas pedras, ao lado da fossa,quer a Norte como a Sul.	Islâmico
079	Bolsa de terra compacta, com barro amarelo, telhas,algumas pedras e poucos carvões,sob a u.e 059.	Islâmico

080	Estrutura da Fossa 1.	Islâmico
081	Muro com orientação Norte-Sul a Sul de 057 e a Este do muro 050.	Islâmico
082	Fim da Fossa (1ª).	Islâmico
083	Camada de terra solta com algumas pedras, cerâmica e telhas sob a u.e 063, na zona Este do muro 081.	Islâmico
084	Lareira sob a u.e 072, a Sul de 057.	Islâmico
085	Camada de terra solta com muitas pedras sob 084 e 072, a Sul de 057.	Islâmico
086	Camada de pedras grandes e terra, sob a u.e 078, que formam o enchimento em volta da fossa (Norte e Sul).	Islâmico
087	Terra avermelhada, pouco compacta e com pedras grandes sob a u.e 086 (Norte e Sul).	Islâmico
088	Camada de terra castanha escura, com algumas cinzas, carvões, argamassas e cerâmica sob a u.e 085.	Islâmico
089	Pedras de grandes dimensões a Sul da u.e 088 e sob a u.e 050.	Islâmico
090	Pequena camada de argamassa de cal sob a u.e 088. Trata-se um Esponjeiro.	Islâmico
091	Pequena lareira, delimitada por seixos de rio, sob a u.e 088 e 090.	Islâmico
092	Muro E-W que se prolonga pelo corte W a Sul.	Tardo - Romano
093	Camada de terra vermelha com grandes pedras entre o muro 092 e o corte sob o Laboratório de Metais.	Tardo - Romano
094	Camada de terra pouco compacta e muito solta sob a u.e 090 e 091.	Islâmico
095	Pavimento de terra batida a Norte do muro 092.	Tardo - Romano
096	Aglomerado de pedras a W de 095 e a Norte do muro 092.	Tardo - Romano
097	Aglomerado de pedras a Este da u.e 083, a Sul de 057 e sob 083.	Tardo - Romano
098	Muro largo com orientação E-W a Sul de 057 e que se prolonga sob o corte W, sob 089.	Romano
099	Terra em volta da fossa 2 e a Sul de 057.	Tardo - Romano
100	1ª camada de enchimento da fossa 2.	Tardo - Romano
101	Pequeno muro sob a u.e 097.	Tardo - Romano
102	Pavimento de lajes e terra batida sob a u.e 093.	Tardo - Romano
103	Camada de pedras médias e terra batida sob a u.e 095 e 096.	Tardo - Romano
104	2ª camada de enchimento da fossa 2.	Tardo - Romano
105	Camada de terra pouco compacta sob a u.e 097 e o muro 101, com algumas pedras e muita cerâmica.	Tardo - Romano
106	Camada de terra muito solta e com muitas pedras grandes sob a u.e 087.	Tardo - Romano
107	3ª camada de enchimento da fossa 2, com muitas pedras e terra solta.	Tardo - Romano
108	Terra solta, vermelha e um pouco esverdeada sob a u.e 102.	Tardo - Romano
109	Camada de terra vermelha, solta e pouco compacta sob a u.e 103.	Tardo - Romano

110	Pequena bolsa de cinzas (escuras e claras) e carvões, sob a u.e 109 e sobre a u.e 114.	Tardo – Romano
111	Estrutura, em terra, da fossa 2.	Tardo – Romano
112	Camada de terra vermelha, muito solta e com muitos carvões sob a u.e 108.	Tardo – Romano
113	Camada de terra compacta, com pedras e cerâmica sob a u.e 087 (contém cinzas, carvões e alguma terra vermelha).	Tardo – Romano
114	Camada de terra pouco compacta, avermelhada e com algumas pedras grandes sob a u.e 109 e 110.	Tardo – Romano
115	Aglomerado de pedras sob 106.	Tardo – Romano
116	Aglomerado de pedras sob o muro 098.	Tardo – Romano
117	Camada de cinzas, barro e carvões entre o muro 092A e 092B.	Tardo – Romano
118	Camada de terra com cinzas e carvões sob a u.e 117 e o muro 092A e 092B.	Tardo - Romano
119	Embasamento do muro 098 (sob 098 e 116).	Romano
120	Terra compacta sob a u.e 099 e a u.e 111.	Tardo - Romano
121	Terra bastante solta e com bastante material, formando uma bolsa sob a u.e 105 e 120. (Fossa 3).	Romano -Republicano
122	Camada de lajes e pedras sob a u.e 119.	Romano
123	Muro/Muralha da Romano - Republicana com orientação Norte-Sul sob o muro 057 e o muro 101.	Romano -Republicano
124	Terra semi-compacta com muito material ânforico entre os muros 123, 125 e 126.	Romano -Republicano
125	Muro Norte-Sul junto à Muralha Medieval no patamar inferior (encosta à muralha).	Islâmico
126	Muro perpendicular ao muro 123 e paralelo à Muralha Medieval.	Romano -Republicano
127	Terra "fofa" e um pouco compacta, com material sob a u.e 121.	Romano -Republicano
128	Terra solta, com algumas pedras, muita cinza e carvões, sob a u.e 127 e junto ao muro 123. (Fossa 3).	Romano -Republicano
129	Camada de terra solta, com algumas pedras soltas e cerâmica entre o muro 125 e a parede da Biblioteca.	Islâmico
130	Camada de terra com barro, cinzas e carvões junto à Muralha Medieval, na zona Este, junto ao muro 125 e ao muro 133.	Islâmico
131	Camada de terra solta, com cerâmica e pedras junto e a Sul do muro 126 e do muro 134.	Romano
132	Muro perpendicular ao muro 125 e paralelo à Muralha Medieval e ao muro 137.	Islâmico
133	Muro de contenção de terras paralelo à parede da Biblioteca.	Contemporâneo
134	Muro paralelo ao muro 132 e perpendicular ao muro 125 e muro 133.	Islâmico
135	Entulho solto com muita argamassa e muito material arqueológico que enche a fossa de fundação do muro 132.	Islâmico
136	Camada de terra solta e húmida com muito material sob a u.e 127 e 128. Continua a apresentar muitas cinzas e carvões. (Fossa3).	Romano -Republicano
137	Muro paralelo ao muro 132.	Islâmico
138	Muro Norte-Sul que encosta ao muro 125.	Islâmico
139	Camada de terra batida junto ao muro 138 e sob a u.e 129.	Islâmico



140	Camada uniforme de cascalho sob a u.e129 e 139.	Islâmico
141	Bolsa de terra solta, com muito material cerâmico sob a u.e 113 e 114. (Patamar Superior).	Romano -Republicano
142	Pavimento de terra batida sob a u.e 139 e 140.	Islâmico
143	Bolsa de cinzas, carvões e cerâmica romana sob a u.e 124, na zona mais junto ao torreão Romano - Republicano	Romano -Republicano
144	Camada de terra batida, de pequenas dimensões na zona Este, sob a u.e 124.	Romano -Republicano
145	Camada de terra com muitas pedras, barro e pouca cerâmica sob a u.e 136 (Fossa 3).	Romano -Republicano
146	Pavimento argamassado sob a u.e 118.	Contemporâneo
147	Muro junto ao pavimento 146, a Este deste e que se estende sob o Laboratório de Metais. (Patamar Superior).	Romano -Republicano
148	Camada de terra solta com pedras médias e bastante material cerâmico, sob a u.e 143 e 144.	Romano -Republicano
149	Nível de cinzas e carvões, com alguma cerâmica sob a u.e 141. (Patamar Superior).	Romano -Republicano
150	Muro Este-Oeste que se encontra no patamar inferior e que é paralelo ao muro 126 e está sob a u.e 131.	Tardo - Romano
151	Derrube de pedras do muro 150,na face Sul.	Tardo - Romano
152	Camada de terra solta com alguma cerâmica, uma coluna e um almofariz a Sul do muro 030.	Tardo - Romano
153	Pavimento de terra batida sob a u.e 151 e sobre a u.e 154.	Tardo - Romano
154	Terra solta com cascalho sob a u.e 153.	Tardo - Romano
155	Terra solta com algumas pedras sob a u.e 154, na zona Sul.	Tardo - Romano
156	Muro com orientação Norte-Sul e perpendicular ao muro 150.	Romano -Republicano
157	Muro Este-Oeste sob o muro 156 e sob a u.e 155 e paralelo ao muro 150.	Tardo - Romano
158	Camada de terra de entulho, com muitas pedras, sob a u.e 142.	Islâmico
159	Pedras médias sob a u.e 146. Trata-se de um muro.	Tardo - Romano
160	Camada de cinzas, carvões, material cerâmico, pedras e terra um pouco verde sob a u.e 141 e 149. (Patamar Superior).	Romano -Republicano
161	Derrube de pedras junto e a Sul do muro 134, sob a u.e 131.	Romano -Republicano
162	Barro vermelho com material sobre a entrada do forno.	Moderno
163	Camada de Argamassa a Este do muro do forno, u.e 031 e a Norte da u.e162.	Moderno
164	Terra castanha clara e compacta entre as u.e's 162 e 163.	Moderno
165	Pavimento de tijolos a Este das u.e's 163 e 164.	Moderno
166	Camada de cinzas da última combustão do forno - Base do forno.	Moderno
167	Estrutura do forno cerâmico.	Moderno
168	Camada de cinzas, pequenas pedras, cerâmica, tijolo e carvão na entrada do forno sob a u.e162.	Moderno
169	Muro E-W paralelo ao muro 134 e 126.	Tardo - Romano



170	Muro N-S perpendicular a 169 e paralelo à parede da Biblioteca.	Tardo - Romano
171	Terra castanha a Sul da u.e 162 e sob a mesma e encosta ao muro 178.	Moderno
172	Pavimento com cinzas e carvões sob a u.e 159.	Romano -Republicano
173	Grande camada de cinzas junto ao muro 031 e entre este e a u.e 162.	Moderno
174	Pavimento com lajes e grandes pedras sob a u.e 172 e entre o muro 147 e a u.e 159.	Romano -Republicano
175	Muro N-S perpendicular aos muros 030 e 150 e sob o corte Este do Laboratório de Metais.	Romano
176	Estrutura de tijolos, argamassa e lajes de xisto xisto sob a u.e. 163, 164 e 165.	Moderno
177	Muro Sudoeste-Noroeste que se estende sob a casa da Merturis e que se mete sob o muro 017.	Tardo - Romano
178	Muro N-S por debaixo da entrada do forno e que está partalelo ao muro 017.	Moderno
179	Muro Este-Oeste a Sul do muro 178, paralelo à casa da Merturis e perpendicular ao muro177.	Moderno
180	Camada de grandes pedras a Norte do muro 147 e a Este do pavimento 174.	Romano -Republicano
181	Pequeno muro feito em pedra e com algumas tégulas entre o muro 175 e o muro 156.	Romano -Republicano
182	Entulho sob a u.e 161 e sob o muro 170, (telhas, cerâmica, pedras, mós e ossos).	Islâmico
183	Camada (bolsa) de terra clara e compacta sob a u.e 182.	Tardo - Romano
184	Muro Largo com orientação N-S sob a u.e 182.	Idade do Ferro
Campanha 2006		
U. E 185	Camada de 5cms de argamassa de cal, com terra, cerâmica islâmica, escórias de ferro, pregos e pequenas pedras, sob a u.e 130 e sobre a u.e 135.	
186	Camada de terra (solta) de entulho, com pedras pequenas, bastante cerâmica, escórias de ferro, pregos e ossos sob a u.e 185.	
187	Camada de terra escura e bastante compacta, com material cerâmico, romano e medieval sob o muro 132.	
188	Muro com orientação E-W paralelo à u.e 125 e perpendicular à u.e 126. (Patamar Inferior).	
189	Muro N-S sob a u.e 133, paralelo a 125 e perpendicular ao muro 137. (Patamar Inferior).	
190	Muro com orientação E-W que se encontra no Patamar Superior, junto ao corte Norte.	
191	Camada de terra com bastantes pedras de médias dimensões sob a u.e 148.	
192	Pavimento de terra batida sob a u.e 191.	
193	Camada de terra e pedras resultantes de derrubes sob a u.e 034 e igual a 043.	
194	Camada de terra solta, castanha escura, com bastantes fragmentos de ânforas, entre o corte Norte e o muro E-W 196.	
195	Muro N-S, perpendicular à u.e 190 e paralelo a 200.	
196	Muro E-W entre os muros 195 e 200 e perpendicular a estes.	
197	Muro N-S paralelo ao muro 195 e perpendicular ao muro 190, os quais formam um compartimento no Patamar Superior.	



198	Pavimento de terra batida delimitado pelos muros 197, 190 e 195. (Patamar Superior).	
199	Muro E-W, bem formado por pequenas pedras, junto ao corte Norte e sob as escadas da muralha medieval.	
200	Muro N-S, que encosta ao muro 199 e está sob o muro 196. (Patamar Superior).	
201	Camada de terra semi-compacta com bastante matéria l cerâmica sob a u.e 152.	
202	Camada de terra escura e com algumas pedras de tamanho médio, entre os muros 177, 178 e 179.	
203	Camada de terra solta com pedras, telhas e cerâmica a Este do muro 197, no Patamar Superior.	
204	Camada de terra semi-compacta, com pedras, bastante cerâmica romana, ostras, ossos, vidro e mármore sob a u.e 201. (Patamar Inferior).	
205	Camada de terra solta, com cerâmica, telhas e pedras sob a u.e 176 e a Este desta estrutura. (Patamar superior).	
206	Zona de entulho, pedras, terra, cerâmica e muitos fragmentos de uma talha sob a u.e 203. (Patamar Superior).	
207	Camada de terra batida sob a u.e 198.	
208	"Pátio". Estrutura no Patamar superior, que faz a forma quadrangular e tem no meio terra, sob a u.e 206. (Patamar Superior).	
209	Camada compacta de argila que se estende por todo o compartimento sob a u.e 204. (Patamar Inferior).	
210	Terra solta, com muito cascalho e cerâmica sob a u.e 198, 194, 196 e 207.	
211	Muro com orientação E-W que estava escondido e paralelo ao muro 031. (Patamar Inferior).	
212	Estrutura com 3 muros que formam uma espécie de contra-forte. É composto por 3 muros-212 A/B/C sob a u.e 210. (Patamar Superior).	
213	Terra bastante solta, com muita cerâmica e pedras sob a u.e 208 (Patamar Superior).	
214	Terra muito solta com cerâmica islâmica, pedras, ossos, carvão que formam uma bolsa/lixreira sob a u.e 213 (Patamar Superior).	
215	Terra compacta com argila e cerâmica romana (ânforas) e pequenas pedras sob a u.e. 212A e 212B.	
216	Fim da lixeira, composto por terra compacta e algumas pedras. (Patamar Superior)	
217	Terra compacta, bem dura, com materiais romanos (ânforas) e pedras médias em volta da ue 216.	
218	Terra vermelha e solta sob a u.e 191. (Patamar Inferior)	
219	Argila bem compactada, de cor vermelha, com algumas cinzas sob a u.e 215. (Patamar Superior).	
220	Muro N-S, perpendicular a 212C e paralelo ao muro 200. (Patamar Superior).	
221	Terra solta, com pedras e muita cerâmica sob o muro 092B e 217	
222	Camada de Opus Signinum, destruído, sob a ue. 221.	
223	Terra compacta, com cinzas e carvões a oeste de 222 e que encosta ao muro 224.	
224	Muro N-S, com aparelho romano sob o muro 220.	
225	Terra de cor escura, solta e com pequenas pedras na sondagem junto à face do muro 188 (Patamar Inferior).	



226	Terra solta, com muitas pedras pequenas e cerâmica entre a u.e.174 e o muro 122.	
227	Lareira que encosta ao muro 147 e está sob u.e.174	
228	Pavimento de terra batida e argila com nódulos de barro sob a u.e.202	
229	Pavimento de lajes de xisto sob a u.e 226 a Este da u.e.147.	
230	Entulhada de pedras, junto ao corte Norte da escavação.	
231	Camada de terra solta com material cerâmico sob a u.e 187, patamar inferior, junto ao muro 188.	
332	Camada de terra fofa e solta sob a ue.131 e o muro 150.	
233	Camada de terra solta, com ossos, cerâmica e terra escura sob a ue.229 e 227.	
234	Camada de terra compacta, com pequenas pedrinhas e cerâmica romana, sobretudo ânforas, sob a ue.122 e 098.	
235	Terra compacta, com pedras pequenas e apenas material Republicano sob a u.e 231 e junto à muralha medieval.	
236	Terra solta, com carvões, muitas cerâmicas, ânforas, sob a u.e.120 e que encosta à ue. 234.	
237	Lajes de xisto e terra verde a Este do muro 147.	
238	Terra castanha escura, muitas pedras pequenas e taliscas sob a ue.233.	
239	Estrutura em forma de degraus que encosta ao muro 224 e ao corte Este, sob a muralha medieval.	
240	Camada de argamassa e pedras que encosta a 239 e se estende para Sul.	
241	Muro com orientação N-S que encosta ao muro 188.	
242	Camada de pedras que encostam à u.e. 241 e lhe servem de apoio.	
243	Terra castanha escura com materiais islâmicos sob a u.e.205.	

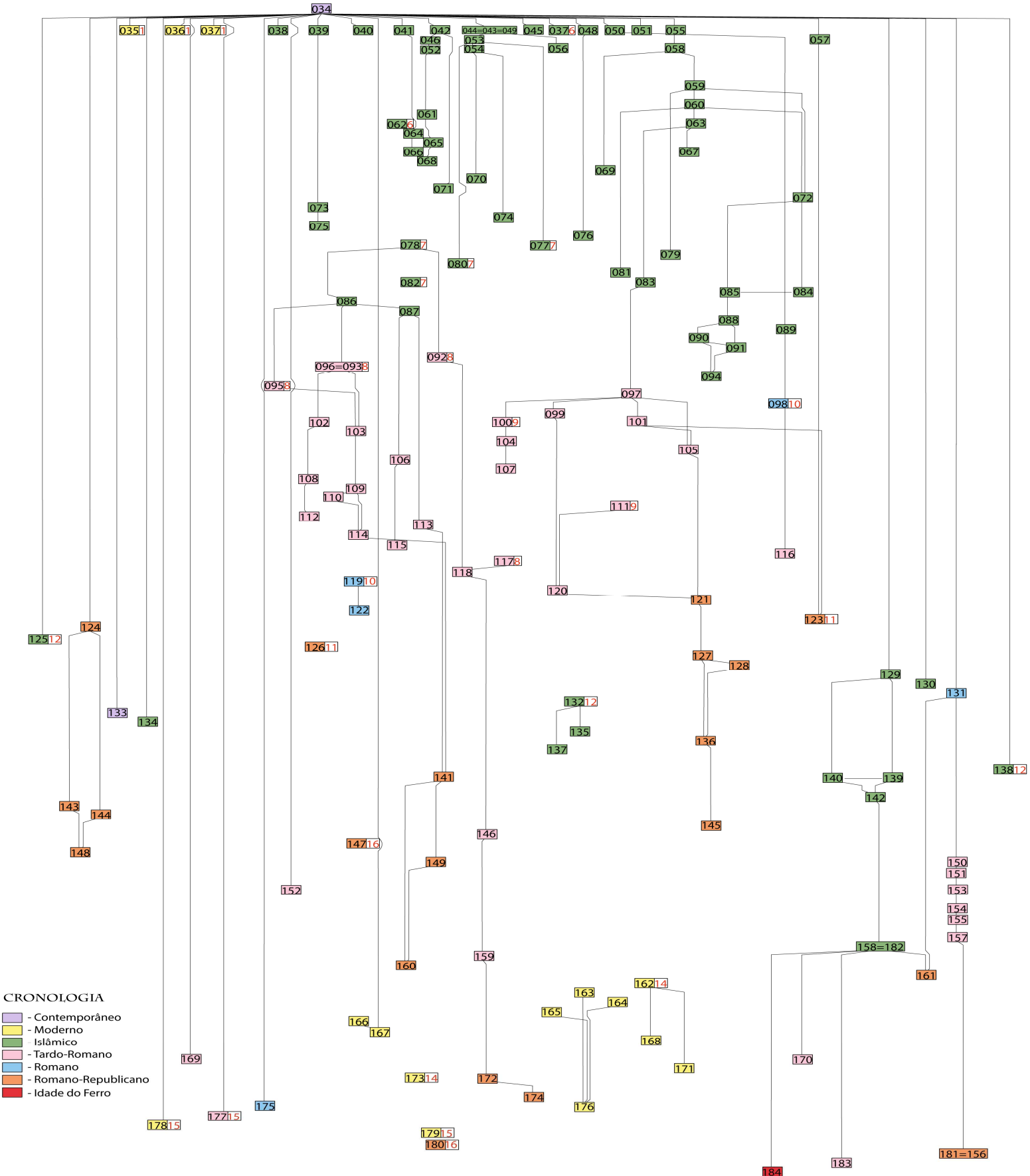
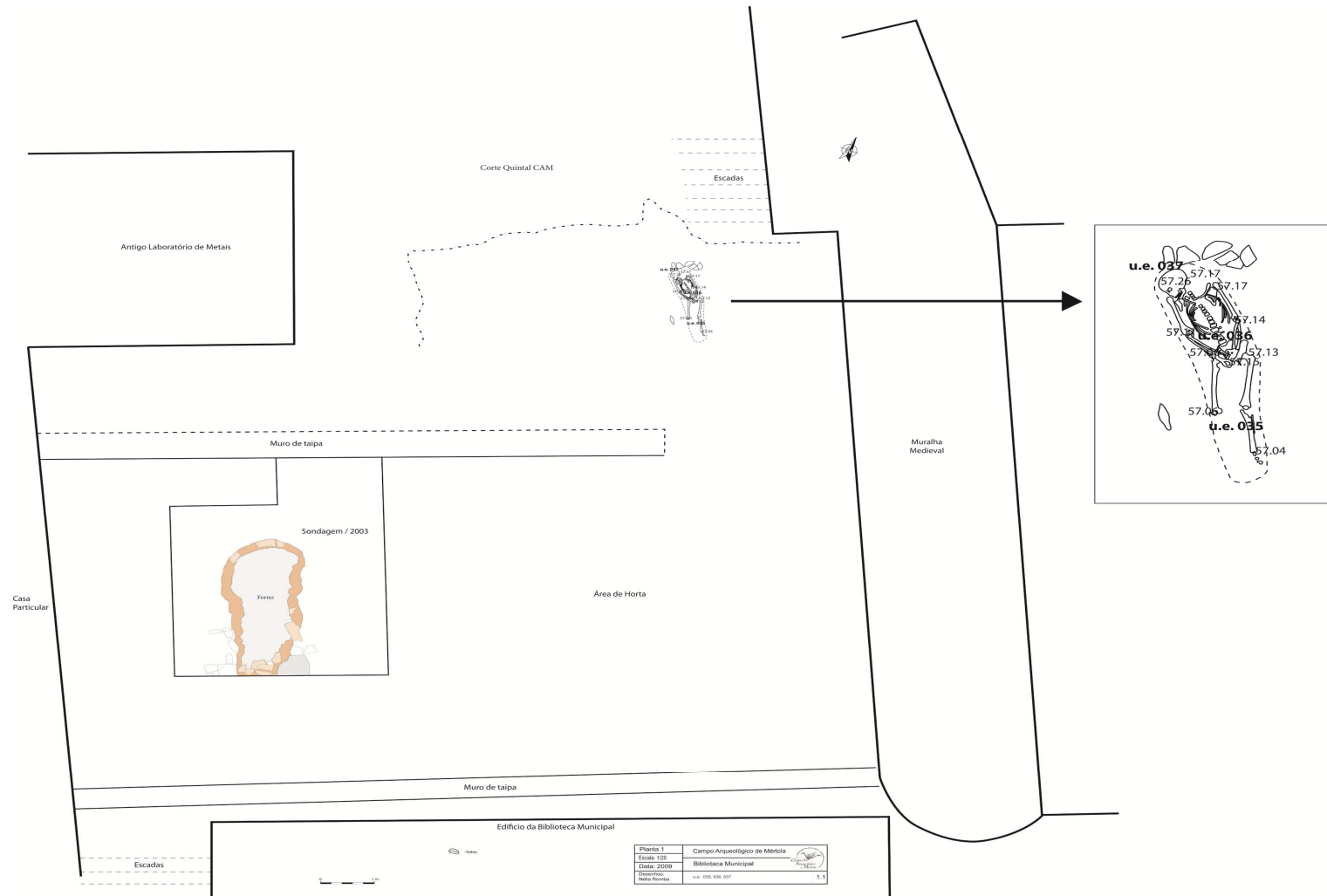


Fig. 64 - Matriz das unidades estratigráficas da escavação na área de ampliação da Biblioteca Municipal de Mértola - 2006

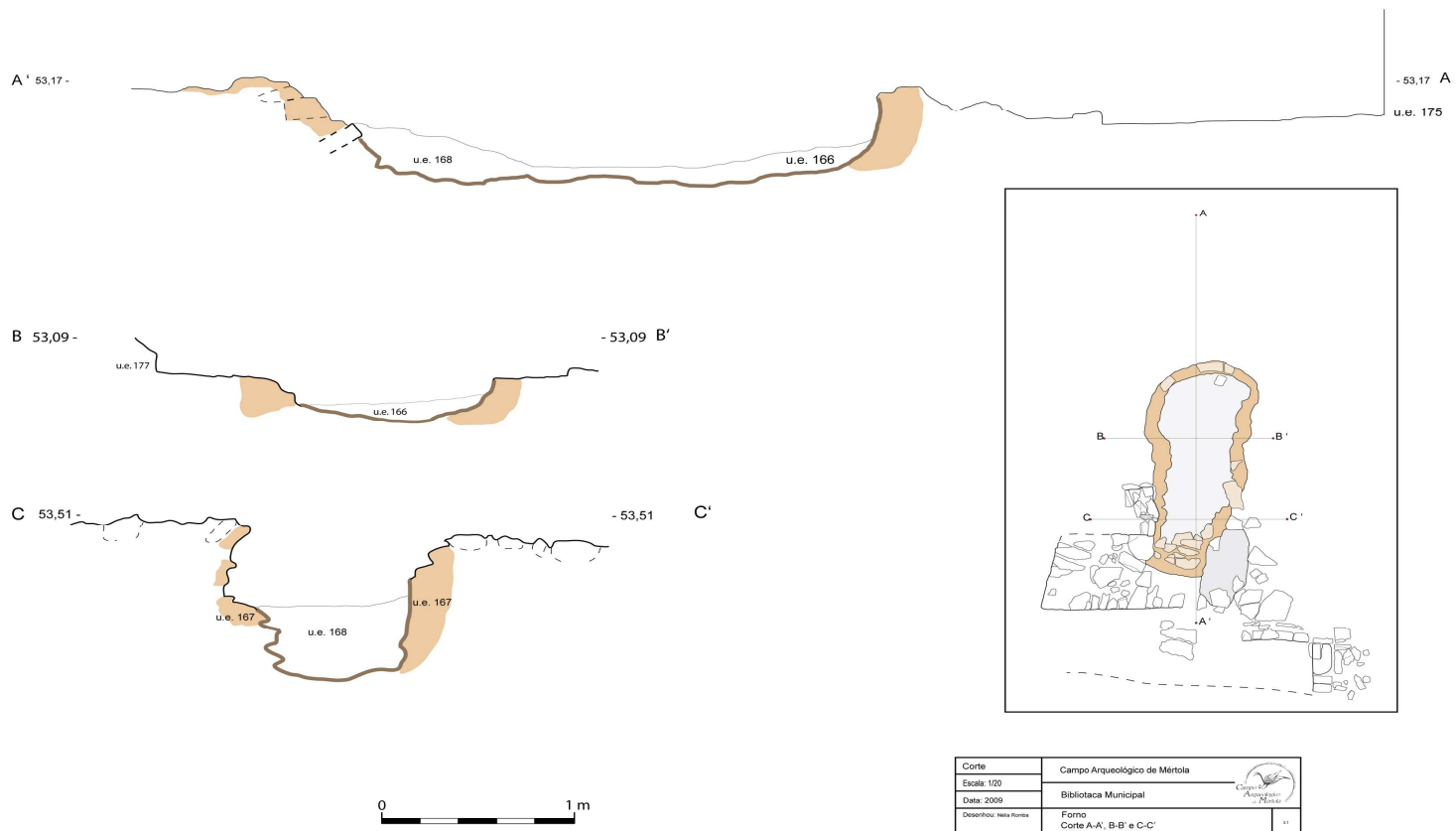




Planta 1. Planta do sítio intervencionado, forno cerâmico e enterramento em decúbito dorsal, níveis século XVI.



Maria de Fátima Palma
 “Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
 Universidad de Huelva



Maria de Fátima Palma
 “Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
 Universidad de Huelva



Planta 3. Planta dos níveis islâmicos, patamar superior e inferior.

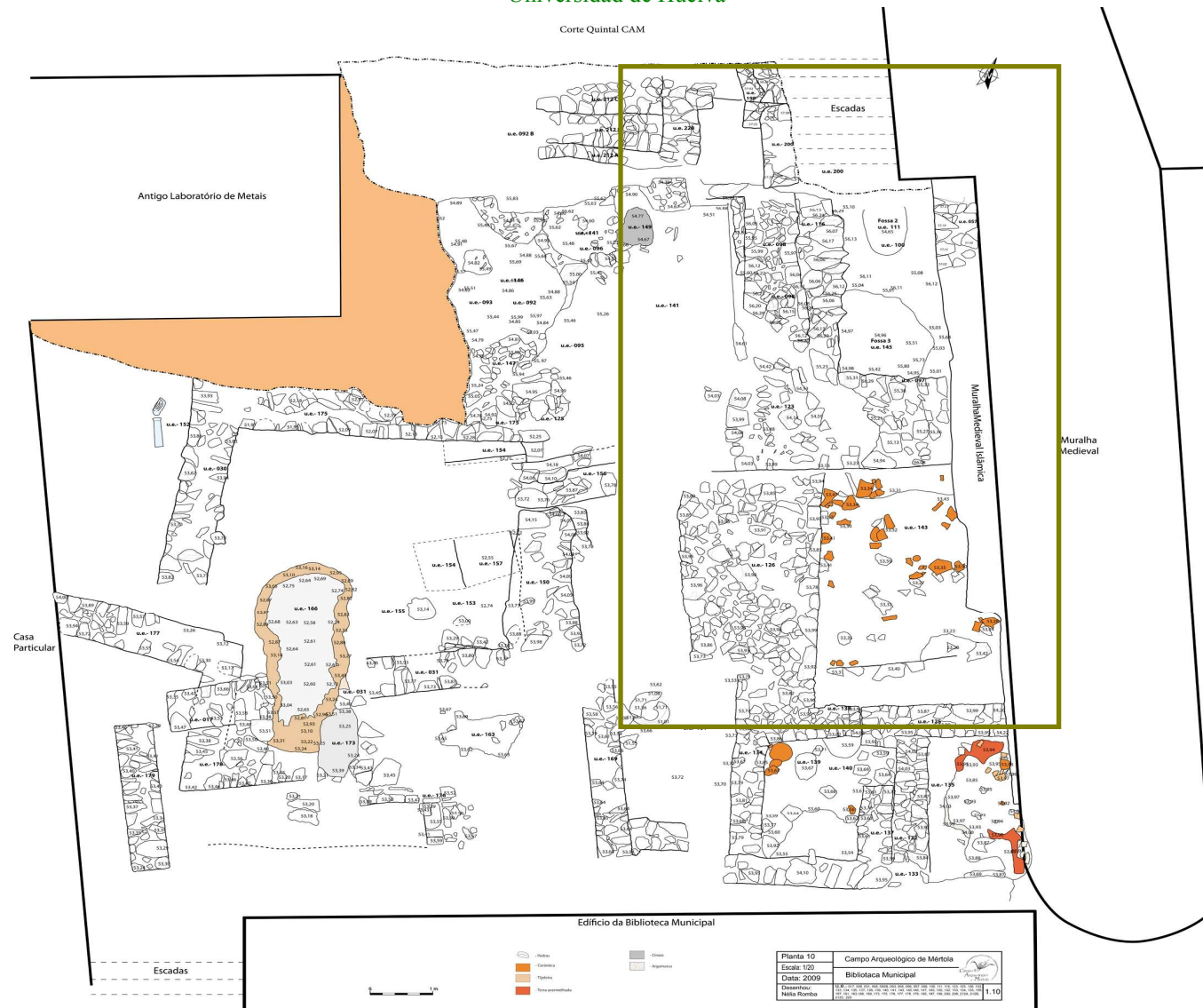




Planta 4. Planta das estruturas habitacionais islâmicas localizadas no patamar superior.



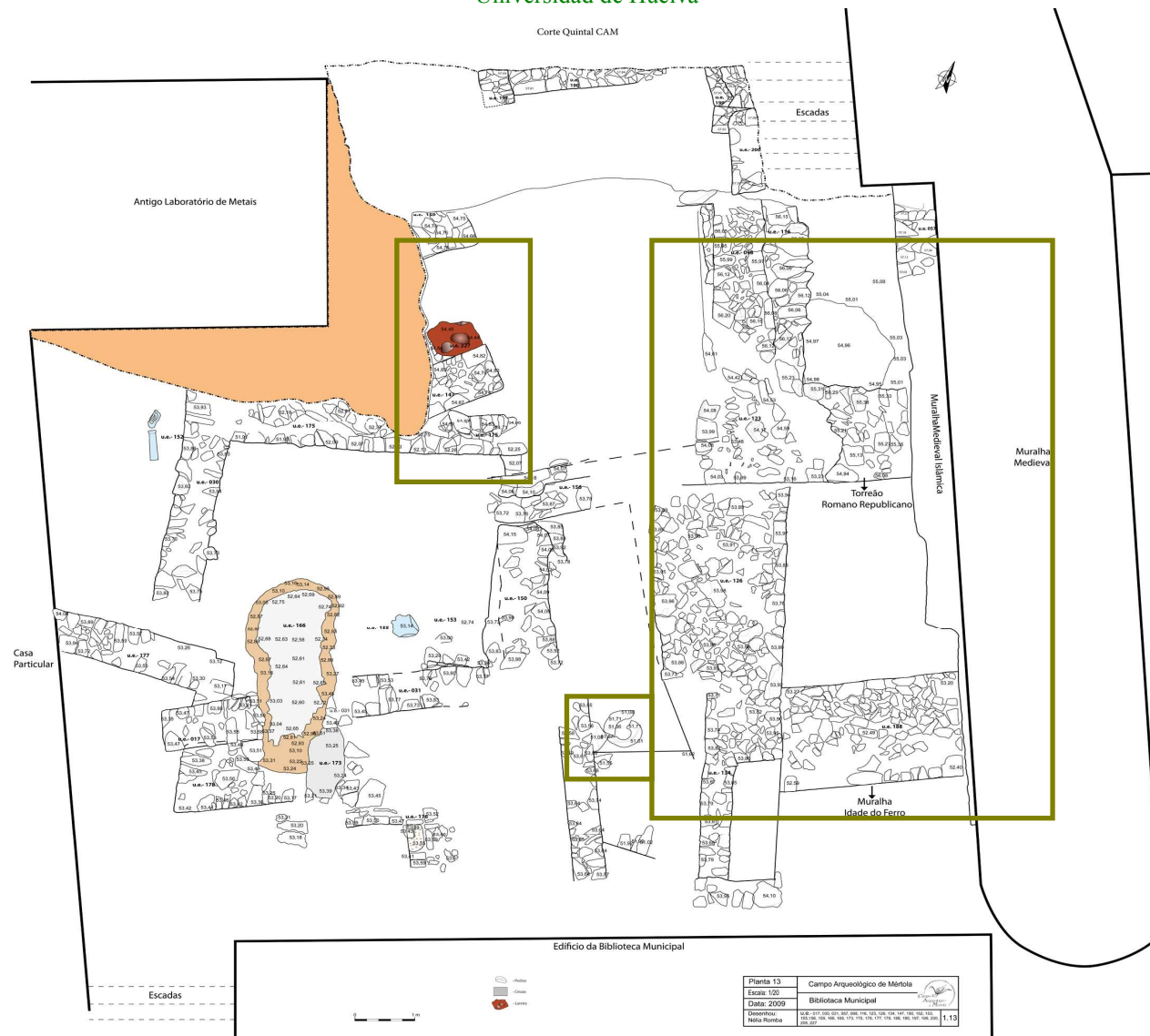
Maria de Fátima Palma
 “Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
 Universidad de Huelva



Planta 5. Planta geral da intervenção, onde se destacam algumas estruturas de época romano – republicana imbricadas com outras estruturas de períodos anteriores.



Maria de Fátima Palma
 “Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
 Universidad de Huelva



Planta 6. Planta geral da intervenção, onde se verificam já algumas estruturas de época romano – republicana, como um compartimento com uma lareira, as muralhas e o espaço de trabalho.



Maria de Fátima Palma
“Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
Universidade de Huelva



Planta 7. Planta final, apenas com os troços de muralhas que se mantêm e algumas outras estruturas.



Maria de Fátima Palma
“Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a História Local”
Universidad de Huelva

